

**ROSEMERI BERNIERI DE SOUZA CORREA**

**A COMPLEMENTARIDADE ENTRE LÍNGUA E GESTOS  
NAS NARRATIVAS DE SUJEITOS SURDOS**

**FLORIANÓPOLIS – SC  
2007**

**ROSEMERI BERNIERI DE SOUZA CORREA**

**A COMPLEMENTARIDADE ENTRE LÍNGUA E GESTOS  
NAS NARRATIVAS DE SUJEITOS SURDOS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação  
em Lingüística da Universidade Federal de Santa  
Catarina como requisito parcial para a obtenção do  
título de Mestre em Lingüística.

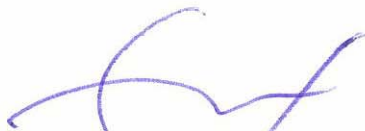
Orientadora: Profa. Dra. Ronice Müller de Quadros

**Florianópolis, maio de 2007.**

# A COMPLEMENTARIDADE ENTRE LÍNGUA E GESTOS NAS NARRATIVAS DE SUJEITOS SURDOS

Rosemeri Bernieri de Souza Correa

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Lingüística e aprovada em sua forma final pelo Curso de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina.



---

Prof. Dr. Fábio Lopes  
Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Lingüística

Banca examinadora:



---

Prof. Dra. Ronice Müller de Quadros  
Presidente e Orientadora



---

Prof. Dra. Leonor Scliar-Cabral  
UFSC  
Membro



---

Prof. Dra. Regina Maria de Souza  
UNICAMP  
Membro

---

Prof. Dra. Gladis Perlin  
UFSC  
Suplente

Florianópolis, maio de 2007.

Respondemos aos gestos com extrema prontidão e, poderíamos dizer, de acordo com um código elaborado, secreto e não escrito, que ninguém conhece, mas todos compreendem.

E. Sapir

Dedico este trabalho a Deus que me permitiu  
atingir mais esta etapa da vida.

## **Agradecimentos**

Este trabalho foi realizado com o apoio, o incentivo e a contribuição de algumas pessoas, às quais remeto o meu reconhecimento e agradecimento:

Aos meus pais e meu irmão que me incentivaram a não desistir dos meus projetos;

Aos meus lindos filhos Aline e Daniel que, além de colaborar, foram muito compreensivos nas minhas ausências;

À minha orientadora Ronice Müller de Quadros por confiar-me o seu tempo, o seu conhecimento e direção;

À Professora *Emeritus* Leonor Scliar-Cabral que trouxe valiosas contribuições para este trabalho;

Ao GES (Grupo de Estudos Surdos) pela disponibilidade do espaço de trabalho e pelas discussões em grupo;

Aos surdos que me ajudaram na aquisição da LIBRAS, principalmente à Marianne Stumpf, Renata Aparecida das Neves, Dilecia Goulart, Simone Silva e Deonísio Schmitt que deram valiosas contribuições à minha pesquisa;

À amiga Claodete Poluceno pelos constantes diálogos e orações.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b>	<b>iv</b>
<b>ABSTRACT</b>	<b>v</b>
<b>LISTA DE ILUSTRAÇÕES</b>	<b>vi</b>
<b>LISTA DE TABELAS</b>	<b>vii</b>
<b>LISTA DE QUADROS</b>	<b>viii</b>
<b>LISTA DE ABREVIACÕES</b>	<b>ix</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
<b>1. PRINCÍPIOS GERAIS DA LINGUAGEM</b>	<b>7</b>
1.1 LÍNGUA E LINGUAGEM	8
1.1.1 A autonomia lingüística	11
1.1.2 Modalidades lingüísticas	13
1.2 COMUNICAÇÃO, SIGNIFICAÇÃO E O PAPEL DA CULTURA	16
1.3 O DOMÍNIO SEMIÓTICO	19
1.3.1 Percurso histórico	20
1.3.2 Definições semióticas	22
1.3.2.1 O signo e o sinal	23
<b>2 A LINGUAGEM VERBAL E A LINGUAGEM CINÉSICA NA COMUNICAÇÃO HUMANA</b>	<b>28</b>
2.1 O SISTEMA GESTUAL	29
a) A função dos gestos	30
b) O campo de estudo dos gestos	31
c) A tipologia dos gestos	34
d) A intencionalidade no uso dos gestos	36
<b>2.1.1 Investigadores do sistema gestual</b>	<b>37</b>
2.1.1.1 Kendon	37
2.1.1.2 McNeill	39
2.1.1.3 Karen Emmorey e seu estudo dos gestos com ASL	43
2.1.1.4 Mônica Rector e Aluizio Trinta e a gestualidade brasileira	44

<b>2.2 OS GESTOS NA AQUISIÇÃO E CRIAÇÃO DE LINGUAGEM VERBAL</b>	<b>48</b>
<b>2.2.1 Os gestos pré-lingüísticos</b>	<b>49</b>
a) Apontamentos	49
b) Direção do olhar	49
c) Expressões faciais	50
<b>2.2.2 A passagem dos gestos pré-lingüísticos para as primeiras palavras</b>	<b>50</b>
a) Apontamentos na aquisição bimodal bilíngüe de uma criança ouvinte	50
<b>2.3 GESTOS EXTRALINGÜÍSTICOS NAS LÍNGUAS NATURAIS</b>	<b>51</b>
<b>2.3.1 Produções gestuais nas línguas faladas</b>	<b>52</b>
a) Gestos independentes da fala	53
b) Gestos relacionados à fala.	53
c) Apontamentos direcionais nas línguas faladas	55
<b>2.3.2 Produções gestuais nas línguas sinalizadas</b>	<b>56</b>
<b>2.4 A TRANSIÇÃO DO GESTO PARA SIGNO LINGÜÍSTICO NAS LÍNGUAS SINALIZADAS</b>	<b>57</b>
<b>2.4.1 Gramaticalização das línguas naturais</b>	<b>57</b>
2.4.1.1 Os gestos no processo de gramaticalização das línguas sinalizadas	58
2.4.1.2 O caso da língua de sinais Nicaragüense	64
<b>2.5 Gestos icônicos e a iconicidade da língua de sinais</b>	<b>65</b>
 <b>3 A COMPLEMENTARIDADE ENTRE AS LINGUAGENS VERBAL E GESTUAL NA COMUNICAÇÃO DE SUJEITOS SURDOS</b>	 <b>70</b>
<b>3.1 METODOLOGIA</b>	<b>70</b>
3.1.1 Sujeitos	70
3.1.2 Materiais	71
3.1.3 Procedimentos	74
3.1.4 Protocolo de transcrição	75
 <b>4 ANÁLISES DOS DADOS</b>	 <b>84</b>
<b>4.1 ANÁLISE QUANTITATIVA</b>	<b>84</b>
4.1.1 As diferenças do desempenho narrativo de cada participante	84
4.1.2 As diferenças de registro	86
4.1.3 O tipo de gênero discursivo e o público alvo	91



4.2 ANÁLISE QUALITATIVA	92
4.2.1 As diferenças entre os gestos icônicos e pantomímicos	92
4.2.2 Como os emblemas são usados nas narrativas	95
4.2.3 Os gestos de apontamento sob o ponto de vista gramatical e comunicativo	98
4.2.4 Os gestos metafóricos	101
4.2.5 Sequências de gestos rítmicos	102
4.2.5.1 Os informativos	102
4.2.5.2 As expressões faciais que ilustram o estado afetivo dos personagens	103
4.2.5.3 Os gestos intensificadores	105
4.3 Diferenças entre os gestos de surdos e ouvintes	106
4.4 As diferenças entre os gestos e as línguas de sinais	108
4.5 As contribuições semióticas para esta análise	109
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>111</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>114</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>123</b>

## RESUMO

O reconhecimento das línguas sinalizadas como línguas naturais propicia a revisão das teorias e modelos lingüísticos e cognitivos postulados até o presente momento. Tomando como base os estudos já realizados nas línguas faladas, os estudos das línguas sinalizadas revelam um número mais consistente de dados sobre os princípios que regem todas as línguas naturais e ainda possibilitam a compreensão mais específica sobre a capacidade cognitiva humana de criar uma nova modalidade lingüística quando há impedimento no sistema sensorial auditivo, responsável pela recepção de uma língua falada. Além disso, essa nova modalidade lingüística cinésico-visual coloca em evidência os fenômenos gestuais no processo de gramaticalização das línguas de sinais.

Ao compararmos as modalidades lingüísticas oral-auditiva e cinésico-visual, levantamos o pressuposto de que ambas as modalidades são complementadas pela linguagem gestual. Assim, a linguagem verbal (abrangendo as modalidades falada e sinalizada) e a linguagem gestual são capacidades inatas e, respeitadas as suas especificidades, complementam-se na comunicação humana. Nesse sentido, evidenciamos a questão da complementaridade entre os dois sistemas, salientando a necessidade do entrecruzamento de análises lingüísticas e de análises semióticas para viabilizar as descrições de ambos os sistemas e sua co-ocorrência. Ou seja, nossa pesquisa se propõe a analisar os recursos gestuais complementares às produções lingüísticas de sinalizantes surdos, buscando organizar e descrever a tipologia da linguagem gestual ademais, buscar-se-á identificar as estratégias empregadas pelos sujeitos para efetivar a comunicação.

Palavras-chave: Língua de Sinais, linguagem verbal, gestos e comunicação não-verbal.

## ABSTRACT

The recognition of sign languages as natural languages enables the revision of linguistic theories and cognitive models posed until the present moment. Taking into account the studies of spoken languages, sign languages present a more consistent amount of data concerning the principles that rule over all natural languages and also allow a more specific understanding of human cognitive ability to create a new linguistic modality when there is an impairment of the auditory sensorial system, the responsible for the reception of spoken language. Moreover, this new kinesic-visual linguistic modality evidences gesture phenomena in the grammaticization of sign languages.

When we compare the linguistic oral-auditive and kinesic-visual modalities, one can clearly see that both modalities are complemented by gesture language. Therefore, verbal language (spoken and signed modalities) and gestures are innate capacities and, respecting their specifications, complement each other in human communication. This way, we raise the complementarity question concerning the two systems, with respect to the need of having linguistic analysis and semiotic analysis to allow the description of both systems and their co-occurrence. That is, our research proposes the analysis of gesture resources that are complementary to linguistic production of deaf signers, the organization and description of the typology of gesture language, and identification of the best strategies used by individuals to actually achieve communication.

**Keywords:** Sign Language, verbal language, gestures and non-verbal communication

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Ilustração 1 – Classificação das linguagens, p. 10
- Ilustração 2 – Pares mínimos: VÍDEO e TRABALHAR, p. 15
- Ilustração 3 – Circuito enunciativo sinalizado, p. 17
- Ilustração 4 – Circuito enunciativo em duas modalidades lingüísticas, p. 18
- Ilustração 5 – Gesto emblemático do Brasil <<positivo>>, p. 35
- Ilustração 6 – Fonemas supra-segmentais (Elson; Pickett, 1962, p.14), p. 61
- Ilustração 7 – Concordância verbal de 3ª pessoa do singular, p. 62
- Ilustração 8 – Concordância verbal de 1ª pessoa do singular e 3ª pessoa do plural, p. 63
- Ilustração 9 – Cena número 16 da estória do Frog, p. 72
- Ilustração 10 – Cena número 18 da estória do Frog, p. 73
- Ilustração 11 – Divisão do espaço sinalizado e gestualizado, p. 78
- Ilustração 12 – Configuração de mãos em LIBRAS, p. 81

## LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 1 - Classificação dos tipos de gestos, p. 35

Tabela 2 – Resumo dos *continua*, p. 43

Tabela 3 – Diferenças entre os gestos e os sinais de ASL, p. 44

Tabela 4 – Comparação entre unidades lingüísticas e cinésicas, p. 45

Tabela 5 – Porcentagem das produções individuais, p. 84

Tabela 6 – Amostra, p. 85

Tabela 7 – desenvolvimento da estatística  $\chi^2$ , p. 85

Tabela 8 - Verbos manuais, p. 87

Tabela 9 - Verbos espaciais, p. 87

Tabela 10 – Verbos direcionais, p. 87

Tabela 11 – Verbos simples, p. 87

Tabela 12 – Verbos classificadores, p. 88

Tabela 13 – Gestos icônicos, p. 88

Tabela 14 – Gestos pantomímicos, p. 89

Tabela 15 – Gestos panto-icônicos, p. 89

Tabela 16 – Gestos emblemáticos, p. 89

Tabela 17 – Gestos metafóricos, p. 90

Tabela 18 – Dêiticos, p. 90

Tabela 19 – Total das ocorrências gestuais, p. 90

Tabela 20 – Total dos gestos representacionais e dos verbos classificadores, p. 90

Tabela 19 – Total das ocorrências gestuais, p. 90

Tabela 21 - As diferenças entre os gestos e as línguas de sinais, p. 108

Gráfico 1 – Número de gestos e sinais de cada sujeito, p. 85

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Enunciado oral e gesticulado, p. 27

Quadro 2 – *Continuum* de Kendon, p. 37

Quadro 3 – *Continuum* 1, p. 41

Quadro 4 – *Continuum* 2, p. 41

Quadro 5 – *Continuum* 3, p. 42

Quadro 6 – *Continuum* 4, p. 42

Quadro 7 – Gramaticalização, p. 58

Quadro 8 – Gesto para morfema lexical, p. 59

Quadro 9 – Gesto para entonação, p. 59

Quadro 10 – Processo de gramaticalização, p. 69

## LISTA DE ABREVIATURAS

LS – Língua de Sinais

LF – Língua Falada

LSB – Língua de Sinais Brasileira (conforme a nomenclatura internacional)

Libras – Língua Brasileira de Sinais

PB – Português Brasileiro

CGL – Curso de Lingüística Geral

LSF – Língua de Sinais Francesa

ASL – Língua Americana de Sinais

LSP – Língua de sinais primária

ISN – Língua de sinais nicaragüense

LSN – linguagem de sinais nicaragüense

SGP – sistemas de sinais primários

## INTRODUÇÃO

Um dos principais objetivos do desenvolvimento das pesquisas é contribuir com os avanços da ciência, ampliando ou complementando as descobertas anteriormente descritas em outras investigações. Para isso, por vezes, é necessário redirecionar os estudos para uma via diferente das que outrora foram seguidas. Principalmente, quando, no decorrer das transformações sociais e históricas, verificamos que algumas dessas transformações são responsáveis por mudanças lingüísticas, fazendo-se necessária a revisão dos modelos teóricos formulados anteriormente.

Observando as evoluções sob uma perspectiva histórica, percebemos que alguns progressos das ciências se deram pela inversão de alguns processos para se chegar aos objetivos propostos e perseguidos pelos pesquisadores. Para citar apenas um exemplo, consideremos as teorias behavioristas cujas análises dos processos não só foram invertidas como relegadas ao esquecimento pela maioria dos investigadores que identificou sua fragilidade reducionista e mecanicista observada nas teorias Estímulo - Resposta - Recompensa.

Observa-se, também, que as práticas metodológicas precisaram ser modificadas. Com relação aos sujeitos pesquisados, uma das inversões metodológicas foi a coleta dos dados em sujeitos atípicos como no caso dos sujeitos afásicos investigados primeiramente por Jakobson (1971, 1972). O objetivo era verificar como determinados centros do sistema nervoso central são responsáveis pela linguagem verbal.

Uma inversão está sendo proposta pelas línguas sinalizadas (doravante LS). O seu reconhecimento como línguas naturais gera uma mudança na cosmovisão e as práticas de pesquisa podem sofrer alterações. A LS revela, sobretudo, a evidência de que os estudos lingüísticos devem abranger, também, a estrutura de uma língua cuja modalidade cinésico-visual possui diferenças de recepção e produção da modalidade oral auditiva, que até então era a única fonte de análise desses estudos. Essa primeira proposta de inversão foi, inicialmente, realizada por Stokoe<sup>1</sup> que, em contribuição às pesquisas lingüísticas tendo como

---

<sup>1</sup> William C. Stokoe – lingüista norte-americano nascido em 1919 cujo falecimento se deu em 2000. Ingressou como professor na Universidade Gallaudet em 1955 e dedicou grande parte de seu trabalho aos estudos das Línguas de Sinais. Na sua monografia intitulada 'Estrutura de Língua de Sinais' publicada em 1960, propôs a análise dos compostos simultâneos dos sinais em três elementos: configuração de mão, movimento da mão e ponto de articulação. Essa publicação é tida como marco importante do início da sistematização e descrição da estrutura de línguas sinalizadas.



base apenas as línguas orais, começou os estudos das línguas sinalizadas. Com esse progresso e ampliação de escopo, atualmente, podemos ter descrições e explicações mais abrangentes sobre dados lingüísticos de duas modalidades lingüísticas diferentes.

Ao intuirmos um tema para a dissertação de mestrado, inferimos que os gestos são uma das primeiras produções das crianças surdas e, também, das crianças ouvintes. No entanto, o estudo sobre aquisição de linguagem requer tempo, assim, ainda na temática dos gestos, interessamo-nos pelos gestos que são produzidos juntamente com as produções lingüísticas dos surdos. No que concerne às análises gestuais das línguas orais, há um número consistente de trabalhos (McNeill, 2000; Efron, 1941; Knapp; Hall, 1999), com os quais faremos comparações.

Desta forma, identificamos a existência de duas vias principais para se estudar o sistema gestual, uma relaciona-se com os aspectos cognitivos dos gestos (do indivíduo), ou seja, como esses expressam a vida mental de seus usuários, outra via refere-se a esses gestos como uma parte essencial da interação social (da coletividade), ou seja, os gestos inseridos no contexto comunicativo social. Juntas, essas vias revelam a função sógnica como uma competência semiótica do homem, que é um ser semiótico, quando privado de alguns mecanismos sensoriais. Visando descrever essa competência, o nosso estudo inclui uma breve análise das duas vias, mas com maior ênfase à complementaridade entre os sistemas lingüísticos e comunicativos. Nesse sentido, incluiremos a análise das línguas sinalizadas que abrange tanto questões cognitivas e lingüísticas quanto sociais no que concerne à emergência, desenvolvimento e estabilização de uma LS no seio de uma comunidade.

Registros realizados anteriormente, desde a época de Quintiliano (Kendon, 2004; Fusellier-Souza, 2004), já evidenciavam que o homem co-articula o gesto juntamente com constituintes verbais, mas relatos atuais de criação de sistemas gestuais primários ou caseiros (Goldin-Meadow; Mylander 1990a; Mohay 1982, 1994; Volterra et al. 1990) evidenciam que os elementos gestuais podem ser usados isoladamente para expressar o conhecimento de mundo de indivíduos surdos. Ou seja, quando é impossível o uso dos canais sensoriais responsáveis pela recepção de uma língua sonora, os gestos revelam-se mediadores de um processo cognitivo humano que possibilita a transmissão das idéias. Essa capacidade ultrapassa as barreiras impostas nas situações em que algumas capacidades perceptivas, que medeiam uma representação ulterior, são impedidas.

De acordo com o que declaramos acima, parece que são cinco os fatores indispensáveis para haver comunicação entre os homens:

- capacidades cognitivas e lingüísticas;
- acomodação e assimilação de esquemas e operações intelectuais sem comprometimento que afete o desenvolvimento cognitivo e/ou lingüístico;
- pelo menos um canal receptivo disponível (tato, audição ou visão) <sup>2</sup>;
- canais periféricos intactos: motor, aparelho fonador, esquemas cinésico-gestuais;
- um ou mais interlocutores.

Com relação ao último item, defendemos que a capacidade lingüística geradora começa pelo propósito único de comunicar estados de consciência entre os interlocutores, o que será aprofundado no capítulo 1 sobre os princípios gerais da linguagem.

Acreditamos que uma visão totalmente unidirecional, centrada nos estudos estruturais das produções orais, retardou estudos mais aprofundados sobre os gestos, principalmente, porque eles exercem funções pragmáticas, ou seja, aplicam-se ao uso lingüístico. No entanto, com a emergência das LSs esse quadro mudou e o estudo do gesto recebe atualmente um *status* mais prestigiado nas investigações lingüísticas e comunicativas. A probabilidade de isso estar ocorrendo deve-se ao fato de que o gesto se realiza na mesma modalidade que as línguas sinalizadas, o que revela a necessidade de separar essas duas ocorrências numa situação comunicativa. Além disso, vários estudos mostram que o gesto pode ser o substrato do processo de gramaticalização de muitas línguas de sinais institucionalizadas, focalizando-o como objeto de estudo no quadro dos fatos lingüísticos e comunicativos do homem.

Assim, as línguas sinalizadas revelam a necessidade de uma revisão dos termos utilizados até agora no campo dos estudos lingüísticos e semióticos. Elas, também, contribuem com dados sobre os princípios que regem uma língua natural e, ainda, possibilitam a compreensão mais específica sobre a capacidade humana de utilizar a linguagem gestual associada às produções lingüísticas.

Neste momento, estamos propondo uma nova inversão no processo de análise. O estudo dos gestos, por muito tempo, foi relatado apenas superficialmente; atualmente, pode fornecer muito mais informações sobre as capacidades inatas do ser humano à comunicação. Além disso, defendemos um caráter complementar destes gestos no uso de línguas faladas e sinalizadas.

---

<sup>2</sup> Incluímos o tato e a habilidade tátil abrangendo aquelas pessoas que, desprovidas de seus sentidos auditivo e visual conjuntamente, utilizam-se do Tadoma para compreensão e expressão verbal.

Ainda no raciocínio da inversão, verificamos, de outro modo, que todos os processos de inversão partem de uma análise geral para uma análise mais específica, de uma análise majoritária para uma análise minoritária, minoria referindo-se ao número de sujeitos disponíveis para coleta de dados, ou seja, os afásicos, os apráxicos, os sinalizantes, os usuários de linguagens gestuais, as crianças (essas, numa escala maior aos demais, desconsiderando, evidentemente, os casos atípicos). Pode-se observar, também, que as inversões se dão da “normalidade” para uma classe atípica inserida no seio de uma classe majoritária.

Os gestos como objetos de estudo são, também, classificados como dados minoritários quando comparados às informações lingüísticas. Esses, raramente, são olhados como uma capacidade inata complementar e necessária à linguagem verbal.

Desta forma, faz-se necessário esclarecer como concebemos o sentido de complementaridade adotado para o espaço desta dissertação. Por isso, acreditamos que os signos gestuais são complementares ao código verbal quando:

1. os signos gestuais substituem alguns signos verbais;
2. um signo gestual acrescenta informação ao código verbal;
3. um signo gestual reforça a informação transmitida verbalmente;
4. ambos, signo verbal e gestual contribuem para um mesmo propósito comunicativo.

Com base nestas elucidações, visamos obter respostas às seguintes perguntas: O sistema gestual, também, pode ter uma estrutura sistematizada, como já acontece com o sistema verbal? E no caso das línguas sinalizadas, qual a possibilidade de estabelecer um limite entre o que é sinal e o que é gesto, já que juntos formam uma cadeia modal comum? Esclarecimentos a essas questões entre outros objetivos serão delineados na seguinte sequência:

No capítulo 1, estaremos definindo os princípios gerais da linguagem. A partir dos construtos lingüísticos já existentes, esclareceremos a existência de uma separação nítida entre o que é linguagem, o que é língua, e como confusões terminológicas de tradução nos legaram definições nebulosas sobre os dois termos.

Apresentaremos informações sobre o domínio dos estudos lingüísticos até o presente momento e indicaremos como estas pesquisas podem ser complementadas pelos estudos da modalidade lingüística cinésico-visual.

Ao estudarmos os gestos, estamos frente a um sistema distinto da linguagem verbal. Assim, abordaremos os estudos semióticos, a fim de definir algumas funções sógnicas que envolvem ambos os sistemas. Todas as definições terão como base de pesquisa os estudos semióticos tradicionais e atuais.

No capítulo 2, estaremos unindo as informações abordadas no capítulo 1 para chegarmos, finalmente, à noção de complementaridade entre língua e gesto. Para isso, estaremos fazendo um percurso nos estudos do gesto desde a antigüidade até os dias atuais para que possamos ter uma visão geral do estágio em que se encontram esses estudos.

É nesse capítulo que estaremos mais próximos do tema desta dissertação no qual serão apresentadas informações mais relevantes, sustentando que, além de co-ocorrerem com a fala, os gestos são considerados como substratos de processos de gramaticalização morfológica das línguas sinalizadas num *continuum* que os conduz de um *status* pré-lingüístico a elementos que apresentam traços propriamente lingüísticos.

Gostaríamos de esclarecer que toda e qualquer sugestão é apenas uma introdução ao que se pretende sistematizar num futuro próximo. As conclusões prévias que serão abordadas nesta dissertação não têm o peso científico que gostaríamos que tivessem. Um dos motivos justifica-se pela falta de tempo e outro porque, na ânsia de tratar o tema complementaridade verbal e gestual, acabamos, inevitavelmente, abordando outros extensos e complexos assuntos.

No capítulo 3, estaremos expondo um experimento que visa reconhecer a complementaridade de elementos gestuais e elementos lingüísticos nas narrativas de sujeitos surdos adultos. Nesse sentido, gesto e língua co-ocorrem nas produções de surdos brasileiros não-nativos, usuários da Língua de Sinais Brasileira (LSB). Ou seja, nossa pesquisa se propõe:

- identificar o uso dos gestos complementares às produções lingüísticas em adultos surdos, através da narração de estória, buscando organizar e descrever a tipologia da linguagem gestual;
- analisar o *status* desses gestos e quais são as estratégias usadas para efetivar a comunicação na transmissão dos dados percebidos visualmente e expressos verbalmente;
- além de identificar os elementos lingüísticos e paralingüísticos das produções sinalizadas, buscar-se-á fundamentar a hipótese da complementaridade entre os dois sistemas na modalidade sinalizada.

A primeira e mais relevante justificativa para a realização deste trabalho deve-se ao fato de desconhecermos a existência de experimentos em nosso país que busquem identificar os recursos co-verbais que se realizam, também, nas produções sinalizadas dos brasileiros. Outro motivo é o de estarmos colaborando com a construção de uma sistematização gestual, o que poderá auxiliar as pesquisas lingüísticas e gramaticais da LSB. A inclusão de estudos dos gestos aplicados às línguas orais, que serão descritos no capítulo 2, permitirá a comparação dos gestos ali descritos com os gestos dos sinalizantes desta pesquisa. Por fim, de nada adiantaria apresentarmos uma proposta sem fazermos os devidos experimentos que comprovem alguns dos pressupostos levantados.

No capítulo 4, constarão as conclusões dos cruzamentos dos dados bibliográficos apresentados com os dados obtidos no nosso estudo experimental e como esses dados comprovam ou não os pressupostos defendidos ao longo dos capítulos 1, 2 e 3 desta dissertação.

# 1 PRINCÍPIOS GERAIS DA LINGUAGEM

## INTRODUÇÃO

Os sentidos que abrange a palavra ‘linguagem’ são inúmeros e por muito tempo gerou-se muita confusão no emprego dos termos ‘língua’ e ‘linguagem’. Os próprios dicionários utilizam as duas palavras como sinônimas, permitindo intercambiar uma pela outra.

Para a redação desta dissertação, os sentidos de língua e linguagem não serão intercambiáveis, pelo contrário, eles marcam uma diferença nítida entre um domínio geral e um domínio específico.

Constatamos a necessidade dessa separação, pois identificamos problemas gerados por confusões terminológicas no uso dos dois termos, principalmente nos trabalhos de tradução. Para citarmos um exemplo, tomemos a obra de Lyons (1987), *Língua(gem) e Lingüística*. Na dúvida em traduzir a palavra inglesa *language*, o tradutor optou em colocar entre parênteses o sufixo ‘gem’, com o intuito de assumir a ambigüidade da palavra e sua dificuldade em identificar se o texto original se referia à língua (*langue*), ou à linguagem (*langage*). Isso é perfeitamente compreensível quando os valores de nossas ações e trabalhos serão avaliados por uma classe crítica e atenta. O tradutor não poderia incorrer no erro de não apresentar o duplo sentido da palavra inglesa a ser traduzida.

Neste capítulo, estaremos fazendo essa distinção que será necessária para o desenvolvimento das análises que faremos no percurso de nossas explicações.

Embora tenhamos a consciência de que o mundo humano é permeado por linguagens, houve certo preferencialismo pelas investigações das linguagens verbais, o que estaremos justificando, também, neste capítulo.

Além disso, justificamos a necessidade de abrangermos a modalidade lingüística cinésico-visual às investigações, modelos e teorias já divulgados, identificando nela os princípios que regem todas as línguas naturais.

Questões lingüísticas se aplicam à língua. Questões sobre as linguagens, em geral, são tratadas pela semiótica. Desta forma, estaremos ultrapassando a autonomia lingüística para avançar no espaço dos outros sistemas de linguagens.

Neste capítulo, estaremos, também, introduzindo os fundamentos semióticos descritos por vários autores, justificando, assim, o motivo pelo qual abordamos a interface semiótica para embasar as nossas concepções sobre linguagem e comunicação humana.

Sentimo-nos desconfortáveis ao adentrarmos neste vasto e desconhecido campo, além disso, temos consciência do nível de abstração que sustenta as suas definições. Entre o risco que corremos ao tentarmos abordá-la, indevida ou ignorantemente, e não expressarmos em nosso trabalho o brilho de suas contribuições atuais, preferimos a primeira opção.

No entanto, as contribuições que desejamos trazer estão inseridas dentro da proposta de complementaridade e não de contestação ou oposição.

Para entrarmos nesse domínio, precisamos introduzir uma pequena descrição histórica da semiótica, além de abordar as contribuições dos estudos realizados por Saussure, Peirce e Umberto Eco nesse âmbito.

O fato de aproximarmos a lingüística e a semiótica é devido à evidência de estarmos abordando dados lingüísticos (língua falada e língua sinalizada) e dados de outro sistema (gestual) que só pode ser abrangido pela semiótica, pois o nosso interesse é entender como os dois sistemas compartilham o mesmo espaço do discurso humano.

## 1.1 LÍNGUA E LINGUAGEM

O português brasileiro (doravante PB) possui os dois termos diferenciadores do termo inglês *language*. Assim como no francês, espanhol e italiano, o PB traduz a palavra inglesa em ‘língua’ e ‘linguagem’, porém, pelo fato de a tradição literária e científica ter recebido influência notadamente inglesa, foi originada uma grande confusão terminológica como já mencionamos na introdução deste capítulo. No entanto, a existência dos dois termos não nos afasta dos problemas relacionados à sua definição. Podemos verificar que alguns autores, referindo-se à linguagem verbal, utilizaram o termo, como exemplo no francês, *langage* (linguagem) e não *langue* (língua) para expressar sua definição da língua humana. Vejamos alguns exemplos e definições contidas em Lyons (op. cit., pp. 17-20):

1. conforme Sapir (1929:8) “A linguagem é um método puramente humano e não instintivo de se comunicarem idéias, emoções e desejos por meio de símbolos voluntariamente produzidos”;

2. em seu *Outline of Linguistic Analysis*, Bloch e Trager (1942:5) escreveram: “uma língua é um sistema de símbolos vocais arbitrários por meio dos quais um grupo social co-opera”;

3. em seu *Essay on Language*, Hall (1968:158) nos diz que a língua(gem) é “a instituição pela qual os humanos se comunicam e interagem uns com os outros por meio de símbolos arbitrários orais-auditivos habitualmente utilizados”;

4. Robins (1979a, p. 9-14) não oferece uma definição formal de língua(gem); com razão ele aponta que tais definições “tendem a ser triviais e a não trazer grande informação, a menos que pressuponham... alguma teoria geral da linguagem e da análise lingüística”. (...) o autor ressalta que as línguas são “sistemas de símbolos... quase totalmente baseados em convenções puras ou arbitrárias”, enfatizando contudo sua flexibilidade e adaptabilidade;

5. a última definição a ser citada aqui aborda um campo muito diferente; “Doravante considerarei uma língua(gem) como um conjunto (finito ou infinito) de sentenças, cada uma finita em comprimento e construída a partir de um conjunto finito [sic]<sup>3</sup> de elementos.” Tal definição foi tirada de *Syntactic Structures* de Chomsky (1957 p. 13).

Não sabemos até que ponto o termo *language* foi traduzido apropriadamente nas definições acima descritas, mas, certamente, há nessas definições algo que torna intercambiáveis os termos língua e linguagem.

Segundo Santaella (2005, p. 101), “...a influência da lingüística foi tão extensiva, nos anos 70, que essa abertura do significado do termo ‘linguagem’ quase se perdeu diante do poder com que o modelo abstrato da língua se impôs sobre todos os outros processos de linguagem...”

Deixando à parte as traduções, definições ambíguas ou a supremacia formal lingüística, passaremos a expor o que entendemos a respeito dos dois termos:

‘Linguagem’, portanto, é um termo geral que caracteriza uma aptidão inata ou adquirida para comunicar e abrange vários tipos de sistemas sígnicos mais específicos. O sistema corporal, o sistema verbal, o sistema computacional etc, estão inseridos na definição geral da linguagem, sendo esses, níveis classificatórios específicos deste domínio. (Harris; Coltheart, 1986; Saussure [1916]1977; Barthes, 1964).

‘Língua’ é um termo específico do domínio da linguagem e se caracteriza como um instrumento de comunicação. É um código adquirido constituído de regras comuns a uma

---

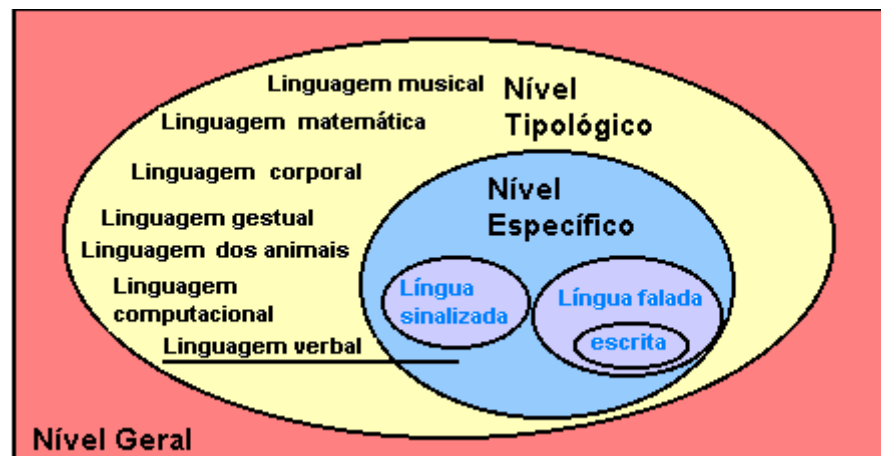
<sup>3</sup> Leia-se INFINITO conforme a definição original de *Syntactic Structures*.



mesma comunidade, logo, é o uso específico de um sistema comunicativo compartilhado socialmente e estruturado hierarquicamente. Como também afirma Saussure, quando diz que a “língua é uma parte determinada da linguagem. Produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.” (1977, p. 17).

Fala é o fluxo sonoro que sai do aparelho fonatório do falante, ou seja, a utilização individual de um código lingüístico oral auditivo. Sinalização é o seu equivalente empregado para a modalidade cinésico-visual das línguas sinalizadas.

A ilustração 1 fornece informações de como estariam distribuídas as línguas e as linguagens.



Amparando essa categorização, Scliar-Cabral (1991, p. 137) contribui declarando que:

Os sistemas de linguagens, como o nome está indicando, são internalizações dos vários sistemas formalizados no seio de uma dada cultura: o sistema verbal, subdividido em audiovocal e lecto-escrito (não incluimos aqui o sistema visuomanual dos deficientes físicos, por razões de espaço) [sic]<sup>4</sup>; o sistema semafórico; o sistema musical; o sistema matemático etc.

Assim, no nível geral, estão incluídos todos os sistemas semióticos ou comunicativos, isto é, sistemas naturais ou artificiais, humanos ou animais, inatos ou adquiridos, e os sistemas notacionais.

<sup>4</sup> Estudos sobre a identidade surda suprimiram os termos 'deficientes físicos', 'deficientes auditivos' e 'surdo-mudo', pois entende a surdez como diferença e não como deficiência, além disso, com a língua de sinais os Surdos podem comunicar-se plenamente com interlocutores que dominem sua língua.

No nível tipológico, encontramos todas as categorias existentes dentro de cada linguagem. Na ilustração 1, temos em detalhe a linguagem verbal e sua classificação, ou seja, atualmente, há três tipos de linguagens verbais de diferentes modalidades: línguas orais, línguas de sinais e línguas escritas.<sup>5</sup> O lingüista é o profissional que estuda esse nível.

O nível específico trata das diferentes línguas dentro de cada modalidade lingüística, isto é, língua portuguesa (brasileira e européia), língua inglesa (americana e britânica), língua brasileira de sinais, língua americana de sinais, língua de sinais britânica, língua escrita portuguesa, língua escrita japonesa, etc.

Com a classificação que propomos, a linguagem verbal (língua) torna-se um sistema inserido entre os diversos sistemas semióticos (Saussure 1977, p. 24). Justificamos essa classificação, pois como a língua sinalizada é uma língua natural, ela está inserida dentro de um sistema em que se encontra, também, a língua oral e a língua escrita, portanto, verbal.

Logo, na nossa compreensão, a linguagem verbal faz parte do nível geral em que se encontram todos os outros tipos de linguagens, salientando, que, como o sistema verbal tem dentro dele outras categorias, o mesmo ocorre com os outros sistemas, concluindo, então, que os outros sistemas, também, têm um nível tipológico e específico.

Ao longo deste trabalho, estaremos sugerindo uma classificação do sistema gestual segundo sua tipologia, para iniciar uma sistematização mais detalhada, como já ocorre com a linguagem verbal.

### **1.1.1 A autonomia lingüística**

Desde que a ciência lingüística firmou seus verdadeiros propósitos, experienciamos mudanças significativas que são sentidas e percebidas na comunidade científica e acadêmica. A lingüística histórica passou por várias delimitações até chegar à atual condição: de uma disciplina normativa que visava regras para distinguir as formas corretas e incorretas, transformou-se em instrumento de fixação, interpretação e comentário de textos, dessa fase passou para o período da Filologia comparativa, na tentativa de se buscar uma língua mãe da qual todas as outras teriam derivado (Saussure, 1977 pp. 7-8). Podemos dizer que, até esse momento, havia sido feita apenas uma introdução aos estudos lingüísticos. É coerente afirmar que foi com Saussure que a autonomia lingüística se firmou, mas, atualmente, podemos notar que o seu domínio foi ampliado pelo fato de estudos lingüísticos se entrecruzarem com outras

---

<sup>5</sup> Há projetos da criação de escrita de língua de sinais sendo desenvolvidos: o sign writing e o sistema ELIS, para citar alguns. No entanto, apenas uma minoria dos usuários destas línguas conhece os dois sistemas.

disciplinas como a psicologia, a antropologia, a neurologia etc. Hoje, podemos dizer que é a faculdade da linguagem verbal que diferencia o homem dos animais. No mundo, é o único que pode comunicar suas dores, suas alegrias, suas decepções, seus sentimentos, seus desejos, suas conquistas, e pode fazê-lo verbalmente, revelando, assim, o seu mundo interior (o seu pensamento).

Os excertos, anteriormente citados, extraídos do livro de Lyons expressam apenas uma parte do que significa língua para alguns investigadores (Sapir, 1929; Hall, 1968; Bloch; Trager, 1942; Robins, 1979a; Chomsky, 1954). O conteúdo dessas definições não será explorado, mas a partir delas entendemos que a concepção sobre língua deva ser reavaliada segundo o contexto sócio-histórico-cultural atual, ou seja, estendendo as definições para as outras modalidades e, também, entendendo o processo de articulação lingüística como um todo. Assim, salientamos as seguintes evidências, sendo que as três primeiras já fazem parte das concepções lingüísticas de alguns pesquisadores: (Saussure, 1977; Lyons, 1987; Chomsky, [1928]1998)

- a) uma língua é usada por uma determinada sociedade humana e é parte essencial de sua cultura;
- b) as línguas não revelam apenas uma função comunicativa social, mas, também, possuem princípios de ordem genética;
- c) todas as línguas têm propriedades estruturais, isto é, são analisáveis pelas partes que as compõem e podem ser descritas separadamente.

Por outro lado, ainda carecendo de mais estudos as seguintes evidências:

- d) não se comunicam idéias apenas através do código verbal, mas por outros tipos de linguagens como a gestual e corporal fazendo-se o uso de gestos, direção do olhar, maneiras de portar-se (Slobin 1980; McNeill, 1998, 2000; Havilland, 2000; Kendon, 2000; Knap; Hall, 1999);
- e) há língua sem fala como no caso das línguas sinalizadas (Quadros, 1997; Quadros e Karnopp, 2004; Wilcox, 2004; Bellugi e Klima, 1982). Ou seja, os canais de produção são periféricos, mas o processamento lingüístico é semelhante em ambas as modalidades.

Com relação ao item “e” Lyons (1987, p. 28) declara:

Da mesma forma é possível aprender sistemas gestuais de comunicação que não se baseiam nem numa língua falada, nem numa língua escrita, tais como os sistemas utilizados pelos surdos-mudos [sic]. Se descobríssemos uma sociedade que usasse um sistema de comunicação gestual ou escrito, com todas as outras características distintivas de uma linguagem, mas que nunca se realizasse no meio falado, sem dúvida faríamos referência a este sistema de comunicação como sendo uma língua. Portanto, não se deve colocar ênfase excessiva na prioridade biológica da fala.

A essa concepção podemos argumentar o que defende Eco quando diz que: “(...) sem dúvida a linguagem verbal é o artifício semiótico mais poderoso que o homem conhece; mas que existem, não obstante, outros artifícios capazes de cobrir porções do espaço semântico que a língua falada nem sempre consegue tocar.” (Eco, 1976 p. 154).

A finalidade da teoria científica é explicar fenômenos do mundo, assim é imprescindível que a ciência lingüística contribua com estudos e avanços que permitam a libertação dos modelos prescritivos que dominaram a sociedade durante muito tempo.

Baseados nessa afirmação, estamos interessados em saber se há uma distinção entre as línguas naturais, assim como Lyons buscou identificar em suas observações.

### **1.1.2 Modalidades lingüísticas**

Como vimos na ilustração 1, as modalidades lingüísticas se referem ao modo de recepção e ao canal de transmissão de cada língua. Temos as línguas faladas que já possuem uma vasta tradição descritiva (estudos da ciência lingüística) e, também, prescritiva (normatização da gramática tradicional). Numa proporção superior, temos um longo legado de estudos sobre as modalidades escritas que têm como base a transcrição e codificação dos sons das línguas faladas que apresentam a cadeia sonora de modo permanente.

Além destas duas modalidades, atualmente, são aplicados esforços na sistematização estrutural das línguas sinalizadas. Assim, sentimos a necessidade de explicar esta nova modalidade lingüística. Nossa iniciativa justifica-se pelo fato de as línguas sinalizadas ainda não serem totalmente conhecidas pela comunidade científica lingüística e pela sociedade em geral.

Afinal, o que é uma Língua Sinalizada?

Uma língua sinalizada, como a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS ou LSB), é uma língua natural que utiliza o meio espacial onde é propagada e as mãos para produzir os elementos cinelógicos<sup>6</sup> necessários para compor os itens lexicais - não holísticos - que serão articulados entre si para formar sentenças. As expressões faciais e corporais, também, transmitem dados lingüísticos, por isso são componentes gramaticais fundamentais para transmitir significado.

Considerar as línguas de sinais como uma simples linguagem gestual ou mímica, é desqualificá-las como línguas naturais. Por isso, pesquisadores em todo o mundo, buscam comparações formais com as línguas faladas, comprovando que as LSs possuem as mesmas propriedades abstratas que as línguas faladas.<sup>7</sup> Inclusive, há algumas pesquisas que comprovam as características compartilhadas das línguas sinalizadas com os universais lingüísticos já identificados nas línguas faladas.<sup>8</sup>

Com esse propósito, defendemos que as línguas de sinais têm apenas diferenças periféricas das línguas orais, pois, também, possuem os níveis cinelógico, lexical, sintático e morfológico.

Ambas possuem três níveis de articulação, assim separados para as línguas de sinais:

1ª articulação: o significado, os morfemas, que são fornecidos por parâmetros como deslocamento, altura, densidade, força, direcionalidade, posições no espaço e expressões faciais;

2ª articulação: unidades dos fonemas ou cinemas, fornecidos em parte pelas configurações de mão, pontos de articulação, orientação da palma, movimentos e marcas não-manuais;

3ª articulação: traços distintivos. Configuração de mão: compacta, radial; configuração de dedos: com abertura, adução, flexão, espraiamento, etc.

Para citar apenas um exemplo, os sinais são separados em cinco unidades tais como: configuração de mão, locação de mão ou ponto de articulação, movimento, orientação de mão

<sup>6</sup> Corresponde ao nível fonológico das línguas orais, baseado em estudos sobre a Cinésica.

<sup>7</sup> Para uma compreensão detalhada da estrutura de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), leia QUADROS, 1997; QUADROS & KARNOPP, 2004.

<sup>8</sup> Ler o capítulo 25, 'The effects of Modality: Linguistics Universals and Sign Languages Universals', de Sandler; Lillo-Martin, 2004.

e marcas não-manuais (expressão facial e corporal). Essas unidades não trazem significado por elas mesmas, são os cinemas (correspondente aos fonemas das línguas orais). Assim como em português os fonemas /p/ e /b/ como em /pato/ e /bato/, a mudança de cada parâmetro acima citado gera a mudança no significado, por exemplo, o par mínimo VIDEO e TRABALHAR que pode ser visualizado na ilustração da próxima página.

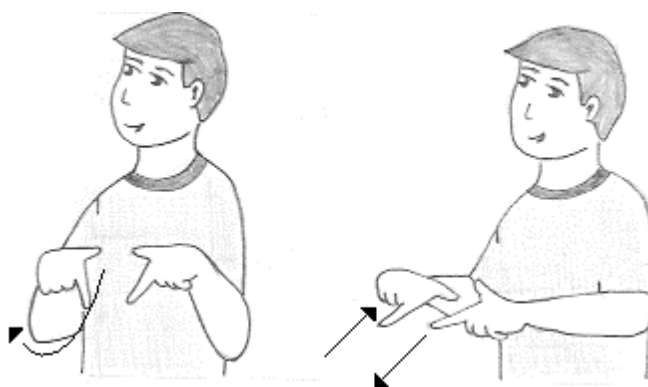


Ilustração 2 – Pares mínimos: VIDEO e TRABALHAR

Na ilustração acima, os sinais apresentam um único contraste na forma: o movimento.

No decorrer das exposições, estaremos acrescentando informações referentes à gramática e à estrutura da Libras.

Destacar-se-á, contudo, um outro problema de definição.

Antes de as línguas sinalizadas receberem o *status* de línguas naturais, isto é, ainda quando elas disputavam espaço entre as linguagens artificiais (apenas como datilologia<sup>9</sup> ou baseadas numa língua oral sinalizada) ou apenas consideradas como mímica – o termo ‘verbal’ se aplicava, principalmente, para a fala da língua oral. Verbalizar, no sentido oralista, era falar, era utilizar-se da língua oral. Hoje, estendemos a possibilidade de verbalização com outra modalidade. Assim, verbalizar é utilizar-se de uma língua, independente de sua modalidade. Aliás, não foi especificado que as línguas de sinais nasceram no seio das culturas surdas, mas elas podem ser usadas por surdos e ouvintes, sendo primordial a aprendizagem destes para que haja uma integração social e cultural de pessoas que dividem um mesmo espaço geográfico e social.

<sup>9</sup> O alfabeto usado pelos surdos é uma semia substitutiva baseada na escrita de uma língua, mas ‘os gestos’ que eles usam é uma semia direta. (Buyssens, 1972 p. 62)

## 1.2 COMUNICAÇÃO, SIGNIFICAÇÃO E O PAPEL DA CULTURA.

Somente na fase da fala egocêntrica, registrada nos estudos de Piaget (2003), é que o homem exterioriza elementos verbais para si mesmo, revelando um processo cognitivo de seu desenvolvimento lingüístico. A ação verbal de transmitir estados de consciência só se realiza pelo fato de haver interlocutores para compartilhar os seus conhecimentos. Por exemplo, observando uma paisagem temos estímulos perceptivos de suas cores, suas formas, seus aromas, seus movimentos, seus componentes. Mas, ao produzirmos o seguinte enunciado: *A mata é verde*, já estão interiorizados dois conceitos: *mata e verde*, sendo que o segundo é um predicado do primeiro. A essa sentença podemos acrescentar muitas outras informações, tais como:

*Na mata verde, há raios de sol que a penetram.*

Na mata verde, há raios de sol que a penetram *e sente-se uma brisa suave.*

Na mata verde, há raios de sol que a penetram e sente-se uma brisa suave *que traz o aroma das flores.*

Na mata verde, há raios de sol que a penetram e sente-se uma brisa suave que traz o aroma das flores, *anunciando a chegada da primavera.*

Essa descrição (quase poética) de uma paisagem não teria sentido se não houvessem outros interlocutores a quem apresentar esses sinais perceptivos que, interiorizados se transformaram em conhecimento de mundo e que, compartilhados, foram sendo nomeados, formando conceitos na mente desses indivíduos. Essa é uma visão funcional da língua como processo gerador e simbólico. Se não houvesse interlocutor, apenas a agradável apreciação sensorial direta de todas essas propriedades da natureza seria suficiente, pois não haveria a necessidade de descrevê-las para si próprio. Acreditamos que o princípio criativo verbal humano nasça de um desejo e da necessidade de comunicar suas experiências cognitivas. Nesta dissertação, assumimos uma concepção social da língua porque acreditamos que a existência de um código é imprescindível à comunicação, entretanto, de nada vale a existência de um código se não servir para uma função social (Calvet 2002, p. 120). Vários são os autores que defendem uma concepção estrutural de um código e outros que defendem uma concepção do uso desse código.

Para Mounin, os sistemas de signos definem-se pela sua função: servem para a comunicação humana. Para Barthes, caracterizam-se pelo fato de terem uma significação ou significações (Martinet 1974, p. 15). Mas, Saussure (1977) qualifica a existência do signo quando há uma relação que se dá entre um significante e um significado, entretanto “sublinhou energicamente o fato de o significante ser algo relacionado à atividade mental de indivíduos no seio da sociedade” (Eco 1976, p. 10).

A comunicação, em Saussure, realiza-se por meio de um circuito de fala entre dois indivíduos. Saussure observou esse circuito comunicativo em termos do uso periférico sensorial da audição para a recepção dos sinais lingüísticos e o uso do aparelho vocal para a veiculação desses sinais.

Assim, o circuito pode começar no cérebro de A, cujos fatos de consciência, que podem ser chamados de conceitos, estão associados às representações dos signos lingüísticos ou imagens acústicas que servem para a sua expressão; esses elementos acústicos, ao serem materializados pelos órgãos fonadores de A, são propagados por ondas sonoras que chegam ao ouvido de B. Essa recepção psicofísica suscitará uma correlação psíquica entre a imagem acústica com o conceito no cérebro de B que por sua vez, também, transmitirá conceitos e assim sucessivamente (Saussure 1977, p. 19). Ampliando esse quadro, já que Saussure não pôde contemplar a emergência de uma língua em outra modalidade, ilustraremos, segundo o seu próprio molde, como esse circuito é realizado nas línguas sinalizadas. Vejamos como esse circuito se dá em língua de sinais.

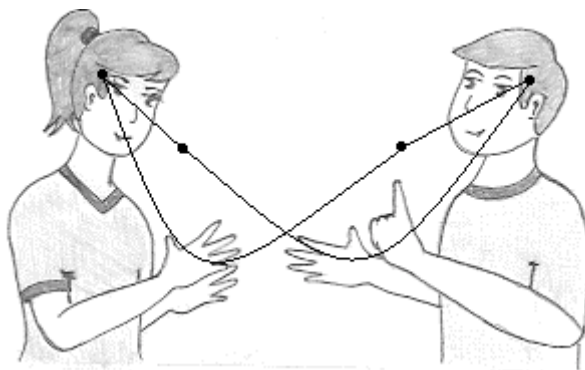


Ilustração 3 – Circuito enunciativo sinalizado



Assim, acrescentamos mais informações à ilustração de Saussure desta forma:

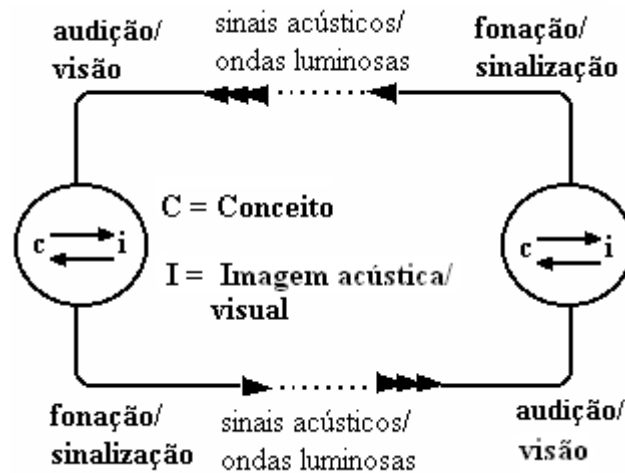


Ilustração 4 – Circuito enunciativo em duas modalidades lingüísticas

O circuito é o mesmo, ou seja, fenômeno psíquico – fenômeno fisiológico – fenômeno físico, portanto, para a língua sinalizada muda-se, apenas, o aspecto físico/fisiológico, ou aspecto periférico, de produção e recepção, o que para Saussure não entra em jogo.

Embora, Saussure tenha feito alusão ao potencial social da língua, ele deteve-se no signo lingüístico, deixando de lado o seu uso ‘a *parole*’. Nesta dissertação serão abordadas pesquisas de LSs que nos evidenciam a importância do papel da cultura na transmissão dos conteúdos com significação, por isso adotamos a definição do termo cultura nas palavras de Poyatos (1977), destacando o uso lingüístico:

cultura é uma série de hábitos compartilhados por membros que vivem numa área geográfica mas biologicamente condicionados, tais como os meios de comunicação (a língua sendo a base de todos eles), as relações sociais em diferentes níveis, as várias atividades da vida cotidiana, os produtos daquele grupo e como são utilizados, as manifestações peculiares, tanto das personalidades individuais como nacionais em seu contexto cultural, seus padrões e proibições, assim como suas idéias referentes à própria existência e à do próximo. 1976:3 (Rector; Trinta, 1985 p. 19)

Por isso, num ato comunicativo social há muito mais do que rótulos para designar estados de consciência individuais. Complementa Prieto que “os semas<sup>10</sup> e o código não podem resultar de uma decisão individual; eles resultam de uma influência que os membros

<sup>10</sup> A palavra sema designará qualquer processo convencional cuja realização concreta (chamado ato sêmico) permite a comunicação. (Eco, 1976 p. 34)

do grupo exercem uns aos outros: cada membro do grupo deve se adaptar ao que fazem os outros ou pressionar os outros a fazer o que ele próprio faz” (1973 p. 62).

Conforme Motta-Roth e Heberle (2005, p. 15) e sua concepção sócio-semiótica dos gêneros, “o sujeito é constituído pela soma de suas próprias interações e pelos códigos semióticos em funcionamento nas comunidades de que participa”. A comunicação, como fenômeno e função social, é usada para que o homem compartilhe com outros homens os seus modos de vida e os códigos internalizados. Esses comportamentos comunicativos não são aleatórios, pois a convenção social estabelece um número de normas que vai determinar o que pode ser aceito e o que deve ser rejeitado numa interação.

Além disso, não se transmitem conteúdos comunicativos apenas pela mediação verbal. Uma mensagem pode ser transmitida numa imagem, num gesto, num objeto. Esses elementos usados com o intuito de comunicar vão além de suas funções físicas. Portanto, seja o referente expresso verbalmente ou por um objeto, imagem ou gesto, está-se veiculando um conteúdo cultural (Eco, 1976 pp. 51 e 131).

### 1.3 O DOMÍNIO SEMIÓTICO

Quando desejamos estabelecer os limites e fronteiras de qualquer disciplina, confrontamo-nos com um fluxo vertiginoso de publicações e de estudos. Percebemos que no campo da interdisciplinaridade, as diferentes terminologias usadas para definir um mesmo domínio ou aspectos diferentes de um mesmo domínio, compreendem terminologias diferentes de noções semelhantes que dificultam o trabalho de pesquisa. Muitas vezes, fala-se do mesmo objeto, mas utilizam-se rótulos diferentes para os mesmos processos em que está envolvido. Não é diferente quando estamos frente a uma disciplina que só recentemente tem conquistado espaço no meio científico e acadêmico.

A existência de uma ciência geral dos signos foi postulada, inicialmente, por Saussure na publicação póstuma do ano de 1916 sob o título: *Cours de Linguistique Générale* (doravante CGL).

Ferdinand de Saussure denominou essa ciência de Semiologia, a qual se ocuparia dos signos existentes no seio da sociedade. Numa visão prenunciativa, ele declarou que a Lingüística seria somente uma parte da Semiologia.

Os estudos lingüísticos possuem um *status* 'científico' tradicional, ancorado em programas, teorias e investigações os quais apresentam grandes contribuições para a

humanidade, mas segundo Saussure, esses estudos são, apenas, parte de um campo mais abrangente chamado semiologia.

A ciência da qual Saussure anunciava o despertar, também, passou por uma mente privilegiada que buscava na lógica as respostas a muitas de suas indagações. Assim, juntamente com Saussure, Peirce é também o precursor da semiótica contemporânea.

A partir de Peirce (1931), essa ciência teve seu nome alterado para Semiótica e prevalece até hoje. Muitos semioticistas atuais, ainda, exploram os manuscritos não publicados de Peirce, porém muitos admitem a dificuldade de compreender plenamente suas idéias, devido ao nível de abstração que elas apresentam.

Essa ciência, cujo prenúncio parecia tão promissor, percorreu por muito tempo a senda obscura das indefinições e de um trabalho moroso devido à gama de fenômenos que ela abarca.

Apesar de reconhecermos a abrangência da Semiótica, concordamos com Barthes quando afirma que apesar de a lingüística ser parte de uma ciência geral, pois é a linguagem verbal apenas uma das múltiplas linguagens existentes, ela tem um espaço autônomo e utiliza sua própria metalinguagem para firmar seu valor científico. Qualquer outro processo de leitura dos significados pertencentes às semióticas não-lingüísticas necessita da mediação da linguagem verbal para definir-se. Portanto, dentro do universo das linguagens, é a linguagem verbal que possui propriedades controladoras que restringem as outras linguagens num nível de dependência, ou seja, a não mediação lingüística implicaria enormes dificuldades na descrição das outras linguagens.

Outro fator importante é o fato de a linguagem verbal ser uma faculdade propriamente humana e uma das mais contundentes diferenças entre o homem e os animais.

### **1.3.1 Percurso histórico**

Um breve percurso histórico será traçado com o objetivo de situar o nascimento e desenvolvimento da ciência denominada semiótica. Todas as informações contidas nesta seção são paráfrases e condensações de uma pequena, mas significativa obra (Panorama da semiótica de Platão a Peirce, 1995) de um autor alemão, Winfried Nöth, que vem se dedicando a este estudo.

Para Nöth (1995, p. 17), “A semiótica é a ciência dos signos e dos processos significativos (semiose) na natureza e na cultura”, assim, considera uma semiótica *avant la*

*lettre* que teve origem juntamente com a filosofia: Platão e Aristóteles eram teóricos do signo e, portanto, semioticistas *avant la lettre*.

As teorias do signo sofreram todas as influências evolutivas das idéias humanas: desde o período greco-romano, passaram por todas as concepções filosóficas, lógicas, cognitivas; refletiram-se nas idéias racionalistas, empiristas e iluministas. Foi no século XIX, que filósofos como Hegel, definiram suas fronteiras, introduzindo as distinções entre signo e símbolo. Os filósofos John Locke (1632, 1704) e Johann Heinrich Lambert (1728-1777), também, deram suas contribuições às teorias do signo e Von Humboldt (1767-1835), conhecido filósofo desse tempo, foi figura central no desenvolvimento da semiótica da linguagem.

Como no desenvolvimento de toda e qualquer ciência, há períodos de indefinições terminológicas, o mesmo aconteceu com a semiótica. Fazia-se semiótica desde a antigüidade, mas não era denominada dessa forma. Em seguida, as confusões terminológicas pareciam evidenciar a existência de dois tipos de ciência e isso causava certo desconforto na utilização de um ou outro termo.

Segundo Nöth, questões terminológicas, também, criaram um clima problemático de rivalidade no espaço da ciência dos signos.

Os termos rivais ‘semiologia’ e ‘semiótica’ representam a mesma ciência, no entanto, distinções conceituais foram sendo construídas pelos defensores de um e de outro termo.

Saussure foi o precursor do termo semiologia que, defendiam alguns, estava mais ligada às teorias dos signos humanos, culturais e, especialmente, textuais, enquanto o termo semiótica, que designava uma ciência mais geral dos signos, era voltado à tradição lógica peirciana.

Mounin (1970, p. 12-14) chama de semiologia dos lingüistas, os pós-saussureanos: Trubetzkoy, Buyssens, Martinet, Prieto. Esses insistiram em caracterizar a língua como um sistema de comunicação. Mas, para Barthes, o objeto da semiologia seria a significação.

Apenas em 1969, esta rivalidade foi encerrada quando Roman Jakobson decidiu adotar o termo semiótica para tratar de todos os sistemas de signos.

Hoje, essas questões já estão mais definidas e no nosso trabalho estaremos denominando semiótica como a ciência dos signos e como a função sígnica no seio de uma determinada cultura.

Percebendo as mudanças históricas e culturais, acreditamos que a busca do conhecimento passa por transformações que, Seliar-Cabral (1991, p. 8) denominou de

movimento pendular. Esse movimento “que enfatiza ora uma, ora outra as indagações, acionado pelas teorias epistemológicas que lhe subjazem e pelo cenário histórico e cultural que lhe serve de pano de fundo” reflete tão-somente que o homem evolui a cada dia. Ele nunca é o mesmo, o indivíduo muda, mudam as atividades sociais e registra-se a história que resulta em uma re-significação de sua própria identidade e das relações com o outro. Desta forma, o modo de produção científica também muda.

### 1.3.2 Definições semióticas

Ferdinand de Saussure deixou um legado de definições lingüísticas, histórico evolutivo e classificações dos valores lingüísticos refletidos em nossa concepção lingüística atual. Ao anunciar a iminência de uma ciência geral, Saussure definiu as fronteiras entre fatos lingüísticos e outros sistemas semióticos. Assim, a Semiologia saussureana é definida como uma “ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social que constitui uma parte da Psicologia social.” (1977, p. 24).

Charles Sanders Peirce, além de filósofo, foi matemático, estudioso de axiomas, considerado o mais importante dos fundadores da semiótica moderna. Para Peirce, tudo é semiose (ação do signo). As cognições, as idéias e o próprio homem são entidades semióticas (Nöth, 1995).

Segundo Peirce, semiótica é uma ciência formal “de todos os possíveis tipos de signos, seus modos de significação, na medida em que não são acidentais” (MS 634, p.14, apud Santaella, 2005, p.39).

As relações que se estabelecem para a produção de um signo têm sido descritas de forma que o objeto mantém uma relação triádica, juntamente com o significado e o significante. No entanto, para Eco, que tem um ponto de vista do funcionamento de um código, o referente ou objeto deveria ser excluído da relação para não comprometer a pureza da teoria da função sgnica por ele proposta. Pelo contrário, retificando essa proposição, ele mostrou que, na verdade, é o sentido de extensão do signo que falha quando se estabelecem as relações de um signo.

Para Eco, “as semióticas de Saussure e Peirce são teorias da relação ‘semiósica’ entre símbolo (significante) e referência (ou significado) e entre o signo e a série de seus interpretantes. Os objetos não são levados em consideração por Saussure, e, no quadro teórico de Peirce, só entram quando se discutem tipos particulares de signos, como os índices e os ícones (1976, pp. 50-51).”

Este autor, que traz grandes contribuições neste âmbito, relata em sua obra *Tratado de Semiótica Geral* que uma “teoria semiótica geral implica o estudo de uma teoria dos códigos e uma teoria da produção *signica*”. Para ele, os códigos são sistemas de significação quando existe uma possibilidade socialmente convencionada de gerar funções *signicas*, ou seja, o processo de significação desses sistemas só se verifica quando existe um código. O sistema de significação “une entidades presentes e entidades ausentes. Sempre que, com base em regras subjacentes e entidades ausentes, algo materialmente presente à percepção do destinatário está para qualquer outra coisa, verifica-se significação” (p. 6).

A função *signica* nada mais é do que levar em consideração “o uso natural das diversas ‘linguagens’, a evolução e a transformação dos códigos, a comunicação estética, os vários tipos de interação comunicativa, o uso dos signos para mencionar coisas e estados do mundo.”

Na concepção de Eco, a semiótica estuda todos os processos culturais como processos de comunicação. Todavia, cada um desses processos parece subsistir unicamente porque sob eles se estabelece um sistema de significação.

#### 1.3.2.1 O signo e o sinal

Para Saussure, um signo é a combinação do conceito (o significado) e uma imagem mental acústica (o significante). Ele reforçou o sentido de arbitrariedade desse signo, ou seja, significante e significado têm uma relação arbitrária, não motivada. Para esse autor, tanto o significado quanto o significante têm natureza psíquica. Assim, podemos dizer que a função semiótica resulta da capacidade do ser humano em utilizar signos para categorizar as experiências.

Peirce definiu signo como:

Um signo, ou *representamen*, é algo que, sob certo aspecto ou de algum modo, representa alguma coisa para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa um signo equivalente ou talvez um signo melhor desenvolvido. Ao signo, assim criado, denomino *interpretante* do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu *objeto*. Coloca-se no lugar desse objeto, não sob todos os aspectos, mas com referência a um tipo de idéia que tenho, por vezes, denominado o *fundamento* do representamen (1975, p. 94).

Peirce entende por interpretante um signo recriado pelo interlocutor e fundamento equivale a conceito.

Para Eco, “um signo é sempre constituído por um (ou mais) elementos de um plano da expressão convencionalmente correlatos a um (ou mais) elementos de um plano de conteúdo” (1976, p. 39), qual seja, uma palavra ou um gesto veicula um conteúdo que é estabelecido culturalmente.

A diferença entre signo e sinal consiste em que “o sinal ‘desencadeia um ato sêmico’, e este, evidentemente, só é suscetível de se realizar na medida em que há um receptor do sinal.” (Martinet 1974, p. 59). No ato sêmico em que Pedro usa um gesto manual para chamar seu amigo Paulo, esse sinal só toma sentido efetivo a partir do momento em que é captado por Paulo. Podemos citar o exemplo das luzes do semáforo. A cor verde é um sema que indica ao receptor que ele pode seguir em frente, ou seja, a preferência de passagem é sua. Isso, também, passa via convenção e nesse ato sêmico estão envolvidos um emissor, um receptor e uma mensagem. O sinal torna-se signo quando a sua emissão afeta o comportamento do motorista, através de um significado, qual seja, preferência de passagem.

Segundo Martinet (1974 p, 85-86), “O ‘significado’ de um sinal é constituído pela ‘classe formada pelas mensagens admitidas por esse sinal’.” Isto é, pode se estabelecer a mesma relação entre mensagem e sinal, no nível do ato sêmico, e entre significado (classe de mensagens) e significantes (classe de sinais) no nível do sistema.<sup>11</sup> “A significação do sema é aquilo que, em relação com as circunstâncias, permite atribuir o seu sentido ao ato sêmico”.

Para finalizar este tópico, temos a necessidade de introduzir alguns acréscimos de Peirce sobre as tipologias dos signos identificando três variáveis chamadas: ícones, índices e símbolos.

#### a) O ícone

Ícone é um signo que tem por propriedade imitar perceptualmente aquilo a que se refere. Ex. As onomatopéias das línguas faladas são signos icônicos. O sinal ÁRVORE, em língua de sinais, é icônico, pois sua forma imita o seu referente material, porém veremos que essa iconicidade é, apenas, parcialmente reconhecida.

#### b) O índice

É um signo que se refere ao objeto que denota em virtude do fato de ser realmente afetado por esse objeto, Ex.: a fumaça indica a existência do fogo.

---

<sup>11</sup> Sistema implica a existência de certos elementos, que estabelecem entre si certas relações, a fim de preencher certas funções.

### c) O símbolo

Símbolo é um signo que, por sua forma ou natureza, evoca espontaneamente alguma coisa abstrata ou ausente. Ex. A pomba como o símbolo da paz.

Para Saussure, símbolo é um signo lingüístico ou significante. Segundo Eco, considerando uma semântica referencial, o termo {cadeira} (símbolo) tem seu referente em <<todas as cadeiras existentes>> que não é um objeto perceptível pelos sentidos, uma entidade concreta, destarte, é uma classe, uma entidade abstrata. E esta entidade abstrata representa uma convenção cultural (1977, p. 56).

Também, contrariando a tricotomia peirciana (ícone, símbolo e índice), Eco não considera uma tipologia dos signos, mas um modo de produzir funções sýgnicas. Segundo ele, uma tipologia dos signos deverá ceder lugar a uma tipologia dos modos de produção sýgnica, mostrando uma vez mais a vacuidade da noção clássica de ‘signo’, simulação da linguagem cotidiana cujo posto teórico é ocupado pela noção de função sýgnica como resultado de diversos tipos de operação produtiva (1976, p. 137).

Por isso é preciso demonstrar que:

- (i) existem diversos tipos de signos ou diversos modos de produção sýgnica;
- (ii) muitos desses signos apresentam um tipo de relação com o seu conteúdo que parece diverso daquele mantido por signos verbais;
- (iii) uma teoria da produção sýgnica está em condição de definir todos esses diversos tipos de signos recorrendo a um aparato categorial unificado (1976, p. 153).

A teoria da produção sýgnica envolve fenômenos tais como:

- uso natural de diversas ‘linguagens’;
- evolução e transformação dos códigos;
- comunicação estética;
- os tipos de interação comunicativa;
- o uso de signos para mencionar coisas e estados do mundo.

Baseados, principalmente, nas concepções de Eco, estaremos, então, analisando os gestos como um modo de produção sýgnica que mantêm suas características diversas dos signos verbais, mas que, também, podem ser incorporados pela estabilização cultural às línguas sinalizadas, ou seja, numa transformação de código sistematizado capaz de mencionar coisas e estados do mundo.



Assim, julgar-se-á ter descrito um sistema, quando tiverem sido apresentados os tipos que ele comporta. Por esse motivo, faremos uma breve abordagem ao estudo dos gestos como sistema para então analisarmos a sua função comunicativa.

## 2 AS LINGUAGENS VERBAL E CINÉSICA NA COMUNICAÇÃO HUMANA

### INTRODUÇÃO

De todas as informações que apresentamos no capítulo 1, podemos perceber que o homem veicula e é receptor de todas as linguagens que permeiam a comunicação. Assim como é veículo de signos, também, interpreta e cria outros signos.

Mas, por haver tão grande quantidade de linguagem produzida e veiculada pelo homem, limitaremos o nosso foco às produções gestuais que co-ocorrem com produções lingüísticas.

Nesse sentido, Slobin (1980, p. 111) assevera que “os signos verbais são apenas uma parte de uma situação interativa complexa, incluindo gestos apontando para pessoas e objetos à vista, direção do olhar e padrão de entonação da fala”, por isso, ao avançarmos a nossa produção dissertativa, estaremos ilustrando algumas informações coletadas da própria experiência pessoal, oriundas da observação que é desencadeada quando se estuda um determinado objeto. São recortes da nossa própria realidade prático-perceptiva de ações em gestos e palavras.

-Moço, pode me dizer onde fica o ponto de ônibus em direção ao centro?  
Pergunta uma mulher a um rapaz que amarrava o cadarço de seus sapatos.  
- Um momento, deixe-me amarrar os sapatos, então, poderei explicar melhor.  
Ao explicar para a mulher, ele aponta com o dedo indicador para a direção que ela deveria seguir para chegar ao local desejado.

Quadro 1 – Enunciado oral e gesticulado

No desenvolvimento deste estudo, serão apresentadas evidências já publicadas de crianças e adultos falantes que utilizam recursos gestuais direcionais para complementar a expressão direcional verbal, como foi citado no exemplo acima.

Os usuários de línguas orais auditivas são beneficiados pelo fato de não precisarem de uma comunicação *vis-à-vis* com seus interlocutores, pois o som tem a propriedade de se propagar pelo ar. Entretanto, apontamentos direcionais são tão importantes quanto palavras direcionais, ou seja, o gesto de apontamento esclarece a direção proferida verbalmente. Por isso, o rapaz, que tinha suas mãos ocupadas, precisava terminar uma ação corporal habitual,

para executar uma ação gestual intencional que possibilitou a complementação da informação dele solicitada. Esse exemplo de relação complementar entre gesto e fala abrange todos os itens descritos no quadro 1 sobre como definimos o termo “complementar” na nossa introdução geral.

O exemplo evidencia que o homem co-articula o gesto juntamente com constituintes verbais, mas a criação de sistemas gestuais primários ou caseiros evidencia que os elementos gestuais podem ser usados isoladamente para expressar experiências de mundo da vida dos indivíduos. Como já foi exposto na nossa introdução, na impossibilidade de se fazer uso dos canais sensoriais responsáveis pela recepção de uma língua sonora, os gestos revelam-se como mediadores de um processo cognitivo humano que possibilita a transmissão de estados de consciência.

Assim, o nosso interesse define-se em investigar como o homem é capaz de gerar informações constantemente novas e como ele é capaz de utilizar-se de capacidades inatas para vencer as barreiras impostas por privações sensoriais, criando novas condições para efetivar a comunicação com os seus semelhantes.

Grande parte da população mundial tem uma compreensão do que seja produção gestual e lingüística, pois, como usuária desses sistemas, está em contato direto com essas produções. Essa compreensão é parcial, pois capacidades inatas que são, tanto o sistema gestual como o sistema lingüístico, são implementados sem reflexão e sem consciência da complexidade das regras internas, utilizadas numa produção discursiva.

É através de uma reflexão totalmente descritiva e explicativa que os lingüistas buscam respostas sobre o funcionamento de uma língua. Por isso, o valor que trabalhos formais têm na produção investigativa dos sistemas lingüísticos. Diferente do senso comum, eles tentam buscar respostas que envolvem questões lingüísticas, embora não somente essas. É o caso do estudo dos gestos empregados juntamente com as articulações das linguagens verbais. Com relação às línguas sinalizadas, surgiram muito mais controvérsias do que consensos, principalmente no que tange a alguns gestos que possivelmente foram o substrato da morfologia de muitas línguas de sinais estudadas até agora. Seriam eles elementos gramaticalizados ou continuariam sendo elementos não-lingüísticos em complementaridade com o nível lingüístico, ou ambos?

Na busca de explicações para algumas dessas questões e para descrever os elementos estruturais das línguas sinalizadas, identificaram-se muitos componentes de base gestual além de se constatar a existência de produções gestuais de indivíduos surdos isolados do convívio

com outros surdos que criaram sistemas gestuais capazes de intermediar uma comunicação eficiente destes com os seus interlocutores mais próximos. Esse assunto, também, tem apresentado um campo fértil na busca de informações sobre linguagem e cognição e sobre as capacidades lingüísticas inatas do ser humano.

Observando essas produções, somadas àquelas línguas de sinais jovens (crioulas), constata-se que os gestos participam no processo de gramaticalização de algumas línguas de sinais institucionalizadas já estudadas.

A parte inicial deste capítulo visa estabelecer uma interface entre os gestos e as línguas naturais estudados até agora. Posteriormente, serão descritas sucintamente algumas diferenças e semelhanças da morfologia das línguas orais e sinalizadas para entendermos de que forma se realizam os processos de gramaticalização numa e noutra modalidade. Estaremos, também, buscando informações mais específicas desta natureza, ou seja, a morfologia de concordância gramaticalizada das produções gestuais naturais ou não de crianças e de adultos surdos e ouvintes. No final deste capítulo, estaremos travando uma discussão, comparando todos os dados e apresentando nosso ponto de vista segundo a idéia da complementaridade entre linguagens verbais e linguagens gestuais.

## 2.1 O SISTEMA GESTUAL

A definição de língua e linguagem já foi apresentada. Sabemos que a língua é um tipo de linguagem. O gesto, também, é um tipo de linguagem, por isso precisamos delimitar uma definição para esse termo.

A palavra *gesture* em inglês parece se comportar como a palavra inglesa *language* que tem sua tradução para o português como língua ou linguagem como abordado na seção 1.1 do capítulo 1.

Segundo Kendon (1997), a palavra ‘*gesture*’ é usada por um número de fenômenos distintos que envolvem movimentos corporais em situações comunicativas. (Özyürek 2000, p. 67)<sup>12</sup>

*Gesture*, nesse sentido, poderia ser traduzido como ‘sistema gestual’ ou simplesmente ‘gesto’. É do que temos a impressão ao lermos uma publicação em inglês. Algumas vezes, a tradução pela palavra gesto deixa algo em suspenso, como se faltasse uma complementação

---

<sup>12</sup> A Word ‘gesture’ is used for a number of distinct phenomena that involve body movements in communicative situations.

para dar o ‘peso’ de um sentido mais exato. Por isso, estaremos intercambiando esses dois termos, um que caracteriza um sistema global e o outro, categorias incluídas nesse sistema.

O interesse pelo estudo dos gestos tem início ainda na antigüidade romana quando Quintiliano os estudava como articuladores performáticos adicionais à prática da retórica (Fuselier-Souza, 2004; McNeill, 2000). Segundo Rector e Trinta (1985, p. 28), um dos primeiros estudos sobre a linguagem dos gestos - realizado em 1870 por W. Wundt - conserva o dualismo ou a separação entre gesto (símbolo) e idéia, assim como entre processo sensorio e conteúdo psíquico. Wundt (1973) define a comunicação gestual como uma ‘expressão do pensamento por meio de movimentos visíveis, mas não audíveis e de dar a esta expressão um lugar entre a fala e a escrita’ (apud Rector; Trinta 1985, p. 28). Em 1941, Efron estudou os gestos espontâneos que ocorriam com discurso, mas, segundo McNeill, (2000 pp. 8-9), os gestos, como objeto de estudo, tiveram investigação vigorosa somente a partir de Kendon em 1972.

Desde o remoto início, privilegiou-se o estudo dos gestos na interação humana usados nos discursos das línguas orais. Atualmente, os estudos dos gestos têm ampliado seu escopo a partir das pesquisas das Línguas de Sinais, iniciadas há mais ou menos quarenta anos por Stokoe.

#### a) A função dos gestos

Ekman e Frisen, referindo-se à função do ato não-verbal nas línguas orais, dizem que ele “pode repetir, aumentar, ilustrar, acentuar ou contradizer as palavras; pode antecipar, coincidir, substituir ou acompanhar o comportamento verbal; e pode não estar relacionado ao comportamento verbal”. (Rector e Trinta, 1985 p. 41)

Segundo os autores R. Krauss, Y. Chen e R. Gottesman, 2000, os gestos exercem funções comunicativas (Kendon 1994), de recuperação lexical (Laguna 1927; Friedman 1972; Mead 1934; Moscovici 1967; Werner; Kaplan 1963) e, ainda, de redutores de tensão quando da dificuldade de encontrar uma palavra elusiva na memória (Dittmann e Llewelyn 1969).

Sobre a função comunicativa defendida por Kendon, ele acrescenta as seguintes palavras: “Os gestos que as pessoas produzem quando falam desempenham uma parte na comunicação e elas provêm informações para os co-participantes sobre o conteúdo semântico

dos enunciados, embora claramente haja variação sobre quando e como elas os proferem.”<sup>13</sup> (Özyürek 2000, p.264)

Segundo Goldin-Meadow (2005 p, 13) em concordância com outros autores (Kendon 1980; McNeill 1985, 1987, 1992), “os gestos podem revelar informação substantiva e isso pode prover esclarecimentos da representação mental de um falante.”

A. Mehrabian (1968), referindo-se à sua ocorrência, mostrou que apenas 7% da comunicação interativa *tête a tête* é realizada por palavras; 38% se dá pela tonalidade vocal e outras características prosódicas; enfim, 55% é tributável à expressão facial, corporal e gestual.

Ações corporais transmitem constantemente intenções, interesses, sentimentos e idéias dos sujeitos que interagem. No entanto, há ações mais expressivas que outras, por isso o sentido de intencionalidade marca a diferença em meio a um enorme número de informações simultâneas. Nem mesmo o mais hábil estudioso poderia analisar todas as informações veiculadas numa interação, diga-se, multi-interação, ou seja, as múltiplas ações compartilhadas pelos interagentes.

#### b) O campo de estudo dos gestos

Ações intencionais ou não são atualmente englobadas no estudo da comunicação não verbal: a criação do ambiente de casa e do trabalho, a distância estabelecida entre nós e aqueles que nos ouvem, o modo como movemos nossos corpos, como fazemos contato com os olhos, ou elevamos nossa voz, tudo colabora para enviar mensagens sobre nós (Knapp; Hall, 1999).

Assim, algumas disciplinas desenvolveram-se no quadro das ‘ciências do comportamento’, que tomaram conta dos diversos aspectos da comunicação. Para Mary Key (1970) é preciso que se agrupem os fatos observados durante um ato de fala, segundo três canais: lingüístico, paralingüístico e cinésico – *kinesic* (Martinet 1974, p. 162).

Como pode ser observado, adotamos o termo cinésico-visual para nos referirmos à modalidade das línguas de sinais. Justificamos o emprego desse termo porque a abordagem cinésico-visual possibilita a descrição de todos os elementos de recepção, canal e produção, na simultaneidade de sua realização. Assim, para abranger o modo de produção dos elementos

<sup>13</sup> “The gestures that people produce when they talk do play a part in communication and they do provide information to co-participants about the semantic content of the utterances, although there clearly is variation about when and how they do so. (1994:192)”

lingüísticos das LSs ou dos elementos do sistema gestual, parece-nos coerente adotar a abordagem dos estudos cinésicos que, segundo Eco (1976), é entendido como o estudo dos gestos e dos movimentos corporais de valor significante convencional.

Poyatos (1977) define a cinésica mais detalhadamente como “o estudo sistemático de movimentos corporais baseados psicomuscularmente e/ou as suas posições resultantes, quer aprendidas ou somatogênicas, de percepção visual, visual-acústica e tátil ou cinestésica que, isolados ou combinados com as estruturas lingüístico-paralingüísticas e com o contexto situacional, possuem valor comunicativo, seja consciente ou inconscientemente.” (Rector; Trinta, 1985 p. 56).

A proxêmica é o estudo do uso do espaço, ou como a define Poyatos (1977), “a concepção, estruturação e uso humano do espaço, abrangendo o ambiente natural ou construído até distâncias consciente ou inconscientemente mantidas na interação pessoal” (Rector; Trinta, 1985 p. 59).

Conforme alude Eco (1976 p. 7), a cinésica e a proxêmica nasceram num ambiente antropológico, mas atualmente estão firmadas como disciplinas do comportamento simbólico: os gestos, as posturas do corpo, a posição recíproca dos corpos no espaço (assim como os espaços arquitetônicos que impõem ou pressupõem determinadas posições recíprocas dos corpos humanos) tornam-se elemento de um sistema de significação que a sociedade institucionaliza num grau máximo. (de Jorio, 1832; Mallery, 1881; Kleinpaul 1888; Efron, 1941; Mauss, 1950; Birdwhistell, 1952, 1960, 1963, 1965, 1966, 1970; Guilhot, 1962; La Barre, 1964; Hall, 1959, 1966; Greimas, 1968; Ekman e Friesen, 1969; Argyle, 1972; Hinde, 1972; Civ'jan, 1962, 1965).

Os estudos sobre cinésica foram iniciados em 1952, por Birdwhistell. Essa data marcou o começo de uma série de pesquisas sistemáticas dos gestos corporais, como uma ciência que trata dos aspectos comunicativos do comportamento aprendido e estruturado do corpo em movimento.

Assim, segundo Eco, os comportamentos se tornam signos graças a uma decisão por parte do destinatário (educado por convenções culturais) ou a uma decisão por parte do emissor de estimular no destinatário a decisão de entender comportamentos como signos. (1976 p. 14).

Martinet (1974, p. 162) se refere a esse respeito nas seguintes palavras:

...é preciso ter em conta que estes comportamentos (cinésicos e paralingüísticos) correspondem a aquisições culturais, e formam, num certo sentido, códigos. Isso passa muitas vezes despercebido, porque resultam de hábitos muito cedo adquiridos na vida do indivíduo, e porque se é muitas vezes tentado a ver nisso traços naturais e não culturais, pelo fato de caracterizarem freqüentemente grupos humanos mais vastos que os que a observação lingüística ou sociológica permite delimitar.

Os interagentes utilizam-se de dispositivos distintos para expressar suas idéias. Alguns desses dispositivos são conscientes, outros involuntários. Nesse sentido esclarece Buysens (1972 p. 27) dizendo que:

O gesto, a mímica, as atitudes permitem às testemunhas reconhecerem a manifestação de um estado psicológico. Mas a criança que se levanta na ponta dos pés, esticando os braços, que interpretamos como que desejando pegar alguma coisa; o gato que ronrona e o cachorro que bate a cauda cuja interpretação pode ser de contentamento, esses exemplos não constituem na intenção de dar a conhecer o seu estado de consciência.

Alguns gestos como a direção do olhar, apresentam informações sobre a atenção dos interlocutores e, ainda, marcam mudança de turno das conversações. As expressões faciais apresentam informações sobre sentimentos, reações e estados emocionais dos interagentes, são os gestos-signo que possuem um valor interpretativo.

Por outro lado, o cuidado ao arrumar a roupa e o cabelo sugere características da personalidade (p.ex. vaidade ou desejo de impressionar). Considerar-se-ão estas ações corporais como propriedades interativas superficiais ou gestos-ato, pois, não sendo realizadas conscientemente e pela falta de transparência, não marcam a intenção comunicativa do interagente porque são espontâneas e involuntárias em sua maioria.

Simultaneamente a essas informações, temos ações que chamamos gestuais, pois possuem propriedades comunicativas profundas, ou seja, elas transmitem informações que partem da cognição e pensamento humano refletindo-se em forma de ações comunicativas que complementam as informações veiculadas verbalmente como parte da situação discursiva.

Dentre a categoria intencional e consciente, temos a fala ou os sinais. É o código verbal compartilhado entre os interagentes.

Na categoria dos dispositivos involuntários e espontâneos estão os marcadores que informam o estado emocional, os hábitos e os modos comportamentais dos interagentes.

Em que categorias estariam incluídos os gestos? Ou como Metz e Greimas levantam o problema: Como distinguir o gesto-ato do gesto signo? Como separar o funcional do não funcional, o pertinente do não pertinente? Para responder a essas perguntas, precisamos fazer uma distinção necessária entre gestos comunicativos e gestos involuntários, que estão



marcados pelo sentido de valor social, ou seja, há uma passagem de comportamentos a signos, dependendo da intenção do emissor ou da decisão do destinatário.

Num estudo realizado por Kendon (2004) em que se pretendia responder a seguinte pergunta: que traços uma ação precisa ter para ser considerada como gesto? Vinte pessoas assistiram a uma reprodução cinematográfica na qual um homem fazia diferentes movimentos, simbolizando ações. Sem *input* sonoro, eles deveriam relatar as ações que o homem produzia.

Todos os sujeitos, primeiramente, relataram que viram movimentos descritos como deliberados, conscientes e como parte essencial do que o homem tentava comunicar verbalmente.

Movimentos considerados 'naturais' ou ordinários, sem significado eram relatados como parte acessória do ato comunicativo, ou seja, não tinham significado.

### c) A tipologia dos gestos

A tentativa de classificação tipológica dos gestos foi realizada por muitos autores, gerando uma confusão e miscelânea terminológica que dificulta o nosso estudo. Detectando essa dificuldade, Goldin-Meadow resumiu, embora não exaustivamente, os tipos de gestos por diferentes autores na seguinte tabela:

Krauss, Chen e Gottesman (2000)	McNeill (1992)	Ekman e Friesen (1969)
Gestos lexicais	Gestos icônicos	Gestos cinetográficos Gestos de movimento espacial Gestos pictográficos
	Gestos metafóricos	Gestos ideográficos
Gestos dêiticos	Gestos dêiticos	Gestos dêiticos
Gestos motores	Gestos <i>beat</i>	Gestos <i>batons</i>

Tabela 1 - classificação dos tipos de gestos.

Em geral, gestos icônicos representam movimentos corporais, movimentos de objetos ou pessoas no espaço, e formas de objetos ou pessoas. São construídos no ato de fala e dependem das sentenças que eles acompanham. (Goldin-Meadow 2003, p. 7)<sup>14</sup>

Os gestos metafóricos são produzidos para indicar a mudança contínua ou discreta das representações mentais de um adulto no momento em que resolve um problema.

<sup>14</sup> Quadros os compara aos classificadores em LS (em elaboração).

Gestos dêiticos são usados para indicar objetos, pessoas e locações no mundo real (McNeill 1992). Esses referentes apontados podem não estar presentes e essa estratégia referencial pode ser comparada aos determinantes em Língua oral e ao uso do *loci* em LS.

Os gestos *beat* que traduzimos como ‘rítmicos’ são empregados com a pulsação rítmica do discurso (McNeill 1992). São tipicamente realizados com movimentos curtos, rápidos na periferia do espaço gestual (Goldin-Meadow 2003, p.8).

No entanto, a tabela exclui os gestos considerados emblemáticos. A classificação de Efron segue as seguintes descrições:

*Os emblemas* são substitutos culturais ou pessoais, assim como alternativas para a expressão verbal. São exemplos desses, todos os gestos para os quais determinada cultura dá uma significação, como por exemplo, o gesto ‘positivo’ usado no Brasil;



Ilustração 5 – Gesto emblemático do Brasil, <<positivo>>

*Os ilustradores* são descrições cinésicas de objetos, pessoas e idéias. Temos como exemplo o pescador que mostra o tamanho do peixe que escapou. Esses gestos parecem se encaixar na definição dos gestos icônicos segundo McNeill citados na tabela acima.

*Os reguladores* são comportamentos verbais, paralingüísticos, cinésicos e/ou proxêmicos, que tomam o lugar de hesitações e atuam como substitutos ou sinais de retro-alimentação. Meneios de cabeça do interlocutor informando que a comunicação está sendo compreendida;

*Os adaptadores* são manifestações cinésicas ou de contato com o próprio corpo. São informações não conscientes que se apresentam, por exemplo, numa situação estressante em que o agitar das pernas pode indicar nervosismo. Esses parecem exercer a função dos gestos rítmicos em McNeill (1992).

Por outro lado, Efron, também, relata as manifestações afetivas que são exteriorizações de emoções individuais básicas, em diferentes épocas e culturas. Nem sempre os gestos são intencionais, mas expressões faciais podem informar o estado afetivo de uma pessoa: alegria, tristeza, surpresa etc.

d) A intencionalidade no uso dos gestos

Em resumo, podemos considerar a existência de dispositivos superficiais que comunicam, porém não deixam transparecer explicitamente o que verdadeiramente significam. Há, também, dispositivos profundos que possuem propriedades gerativas, pois combinadas com o discurso, transmitem significado.

Assim, incluímos na categoria intencional o sistema gestual traduzido em movimentos e formas de mão que retomam as propriedades físicas de objetos, direções de mão que situam objetos ou a posição destes no espaço, expressões faciais como marcadores sintáticos e entoacionais.

Ou seja, 'sistema gestual' (*gesture*) como sugere Kendon (2004, p. 15), “é um rótulo para ações que têm os traços de manifestar deliberada expressividade”.

A expressão “deliberada expressividade” definida por Kendon remete-nos a uma definição da semioticista Santaella (2005, p. 59) quando diz que “‘intencionalidade’ é um termo filosófico para expressar o poder da referencialidade de um sistema. Na medida em que a informação contida e processada por um sistema processador de informação é sobre alguma coisa – ou melhor, na medida em que ela funciona representativamente – os estados e processos daquele sistema são intencionais.”

Na criança, a intencionalidade se faz presente no desenvolvimento da compreensão de mundo que subjaz a toda a linguagem e pensamento como já evidenciava Piaget (1951, 1955) e reafirmado por Slobin (1980, p. 114) nas seguintes palavras: “os começos da comunicação intencional surgem nos últimos estágios do desenvolvimento sensoriomotor, precedidos por um ano no mínimo de exploração ativa do mundo, durante o que a criança vem a saber que os objetos e as pessoas existem fora dela, e que ela e outras pessoas podem exercer influência no mundo.”

Assim, a intencionalidade comunicativa é rapidamente percebida em termos de transparência no que se relaciona a representar um evento ou objeto. No entanto, um interagente pode usar de ações gestuais que comunicam uma não verdade, mesmo assim, a intencionalidade camuflada vai ser percebida como uma verdade.

Um pescador pode contar a sua proeza de ter pegado um peixe descrevendo o tamanho do animal através de gestos (p. ex. mãos espalmadas exageradamente separadas ou uma das mãos lateralmente posicionada acima da cabeça anunciando o tamanho do peixe comparado a sua altura).

Com isso temos, também, que, no momento em que uma pessoa se expressa verbalmente, a não ser intencionalmente, os seus gestos não negam o enunciado verbal, por isso justificamos a complementaridade entre ambos os sistemas.

## 2.1.1 Investigadores do sistema gestual

### 2.1.1.1 Kendon

Kendon é uma referência atual relevante sobre o estudo dos gestos na comunicação humana. Algumas contribuições esclarecedoras sobre gesto encontram-se na obra intitulada *Gesture: Visible Action as Utterance* (2004). Sua concepção sobre os gestos é traduzida na visão de que o estudo do gesto "...parece prometer-nos esclarecimentos especiais dentro do modo em que formas individuais de expressão são transformadas por processos em códigos socialmente compartilhados"<sup>15</sup> (2004, p. 3). Ele acredita que o estudo das línguas sinalizadas é uma das razões pelas quais os gestos, também, têm atraído interesse dos pesquisadores.

Para isso estabelece alguns questionamentos: "Qual é a relação entre 'sinal' e 'gesto'? As línguas de sinais são uma forma extrema de especialização do gesto ou há uma diferença radical entre gestos em torno da vida diária de falantes e da sinalização de usuários de língua de sinais." (2004, p. 4).

Kendon considera que os gestos parecem ser fenômenos 'naturais' e 'universais', basicamente de acordo com o que estamos pressupondo neste trabalho. O autor, na busca de estabelecer uma interseção entre lingüístico e não lingüístico, explica o fenômeno gestual a partir de um *continuum*<sup>16</sup> como na sequência (apud McNeill, 2000, p. 1):

Gesticulação → Pantomima → Emblemas → Língua de Sinais
--

Quadro 2 – *continuum* de Kendon

Observa-se no quadro 2 que, à medida que nos deslocamos da esquerda para a direita, esse *continuum* passa do não lingüístico para o lingüístico, do não convencionalizado para o convencionalizado, do global e sintético para o segmentado e analítico. Como essas dimensões se relacionam, é algo mais complexo que poderá ser respondido apenas

<sup>15</sup> "...seems to promise us especial insights into the way in wich individual forms of expression are transformed by social processes into socially shared communicatives codes"

<sup>16</sup> *Continuum* pelo fato de não serem categorias distintas, pois há a possibilidade de identificar uma confluência dos fenômenos em determinados comportamentos gestuais e lingüísticos.

parcialmente após analisarmos informações de obras bibliográficas que já trataram deste assunto.

Para uma breve definição dos tipos de gestos, na concepção deste autor temos:

1) gesticulação - é a produção conjunta com o discurso falado, um tipo de componente que se relaciona com o significado do enunciado verbal. São movimentos neuro-musculares produzidos pelas mãos, braços, face e corpo e não obedecem a nenhum sistema de restrições. São feitos aleatoriamente. O exemplo que usamos é o de um falante que, proferindo a sentença: “...então puxei a porta com força...”, realiza no espaço a sua frente, a ação imaginária de puxar a porta, indicando com que firmeza executou a ação.

2) pantomima - não ocorre com o discurso, também, não segue restrições formais e não faz parte da convenção de uma língua, a não ser as pantomimas teatrais que exigem alguns critérios já estabelecidos. São movimentos miméticos de ações humanas ou não-humanas. Por exemplo, num espaço imaginário e com utensílios imaginários, imitar a ação real de escovar os dentes.

3) emblemas - são elementos comunicativos convencionalizados por uma comunidade que lhe deu um significado, tendo características parcialmente lingüísticas. Por exemplo, o gesto ‘positivo’ (polegar levantado e demais dedos fechados unidos à palma) que, na cultura brasileira, significa ‘tudo bem’, uma confirmação gestual de aceitação, consentimento ou acordo (ilustração 5, página 34).

4) língua de sinais - é o próprio discurso realizado na mesma modalidade em que os gestos se realizam. Possui itens lexicais totalmente lingüísticos, é convencionalizada, portanto, não é mímica, nem simples gestos. Um exemplo que podemos usar é o signo LIVRO<sup>17</sup>, realizado com as duas mãos abertas, encostadas lateralmente uma à outra. É um sinal motivadamente icônico<sup>18</sup>, pois remete-nos às páginas de um livro aberto como é experienciado no mundo real. No entanto, sinais totalmente arbitrários como o item lexical COR e o verbo APROVEITAR também formam o léxico da LSB.

Segundo Kendon, o estudo do gesto levanta questões sobre a relação entre linguagem verbal, linguagem imagística e pensamento. A construção de um modelo do processo de produção discursiva não pode ser apenas observação do discurso, mas os gestos integrados a

<sup>17</sup> A tradução simplificada usada para representar numa língua oral os significados das expressões ou palavras de língua de sinais é denominada de 'glosas'

<sup>18</sup> A questão da motivação icônica em Línguas de Sinais é algo que gera muitas controvérsias. Iconicidade não significa transparência, portanto, na língua de sinais esta motivação pode ou não ser percebida. Falaremos mais sobre o assunto no final deste capítulo.

esse modelo podem revelar-nos sobre o processamento de informações através de canais diferentes, como traduz em suas palavras:

Assim, pessoas podem se referir a alguma coisa apontando para ela, elas podem empregar as mãos em ações complexas organizadas para mostrar o que parecem, para indicar seu tamanho ou sua forma, para sugerir uma forma, objeto ou processo pelo qual uma idéia abstrata é ilustrada, ou elas podem mostrar através de ações corporais visíveis, que elas estão fazendo uma pergunta, fazendo um pedido, propondo uma hipótese, duvidando da palavra de outro, negando alguma coisa ou indicando concordância a respeito disso e muitas outras coisas.<sup>19</sup> (2004, p. 1).

No artigo *Language and gesture: unity or duality?*, Adam Kendon (2000 p. 50), argumentou que numa perspectiva semiótica e comunicativa há uma continuidade funcional entre língua e gesto. Ele acredita que os gestos são representações simbólicas como a língua, no entanto, essas representações se realizam em modalidades diferentes. A modalidade gestual-visual permite representar relações espaciais por indicações no espaço real, formas visíveis podem apresentar objetos concretos segundo sua constituição física, movimentos são realizados expressando variação com propósitos simbólicos.

Na conclusão de seu estudo realizado com falantes de italiano inseridos numa cultura marcadamente gestual, Kendon define os gestos como complementadores do discurso oral.

#### 2.1.1.2 McNeill

No seu livro *Hand and Mind: What gestures reveal about thought*, (1992), McNeill entende uma pessoa como uma entidade teórica que numa unidade expressa seu pensamento: fala, deseja, sente e age simultaneamente. Por isso, seu objetivo se define em prover uma estruturação mostrando como fala e gestos são unidos e como eles são diferentes, ou seja, como elementos lineares e analógicos se combinam com elementos imagísticos e globais no discurso.

McNeill acredita que o sistema gestual ofereça oportunidade de análises diferentes sobre processos do pensamento, língua e interação entre pessoas. Baseado nisso, ele cria uma relação tipológica dos gestos. Gestos icônicos, gestos metafóricos, gestos rítmicos e gestos dêiticos que foram descritos no item c da seção 2.1.

---

<sup>19</sup> “Thus, people may refer to something by pointing at it, they may employ the hands in complex actions organized to show what something looks like, to indicate its size or its shape, to suggest a form, object or process by which an abstract idea is illustrated, or they may show through visible bodily actions, that they are asking a question, making a plea, proposing an hypothesis, doubting the word of another, denying something or indicating agreement about it, and many other things”.

Diferente do sistema lingüístico que lineariza e segmenta propriedades unidimensionais, os gestos transmitem significados multidimensionais. Por exemplo: a combinação de fonemas, palavras, frases e sentenças no discurso depende da variação ao longo de um único eixo de tempo. No sistema gestual, um gesto pode combinar muitos significados, pois é global e sintético e nunca participa de uma hierarquia. E essa é outra diferença marcante entre gestos e língua: os gestos podem ter propriedades não combinatórias em contraste com a estrutura hierárquica da língua.

Outras propriedades não lingüísticas dos gestos consistem na convencionalidade de sua forma e também na não dualidade dos padrões. Gestos não só são diferentes em línguas diferentes, mas, também, em indivíduos que falam uma mesma língua.

A co-expressão de gestos e língua como um sistema único é por ele descrito da seguinte forma:

1. gestos ocorrem somente durante a fala. Apenas os emblemas e as pantomimas podem expressar algo sem discurso. Em 100 horas de narrativas registradas, McNeill identificou que 90% de todos os gestos são produzidos em enunciados falados;
2. gestos e fala são semântica e pragmaticamente co-expressivos, ou seja, os gestos transmitem significados relacionados ao que está sendo falado e possuem a mesma função pragmática no discurso;
3. gestos e fala são sincrônicos, isto é, ambos ocorrem no mesmo espaço temporal;
4. gestos e fala se desenvolvem juntos nas crianças. A progressão dos gestos acompanha a progressão da fala nas crianças;
5. gestos e discurso são interrompidos juntos na afasia.

As razões acima descritas comprovam que gestos e língua ou processo verbo-gestual co-ocorrem na construção e apresentação de significados.

No que concerne os movimentos que são igualmente chamados ‘gestos’, McNeill (2000) considera a existência de muitas dimensões, as quais precisamos distinguir. Por isso, ao invés de colocar a expressão *continuum* no singular, evidencia a existência de quatro *continua*.

Essas dimensões referem-se aos gestos: 1. relacionados com o discurso; 2. relacionados com propriedades lingüísticas; 3. relacionados com as convenções; 4. relacionados com o caráter semiótico, assim expressos:

## 1. Relação com a fala

Gesticulação	→	Emblemas	→	Pantomima	→	Língua de Sinais
Obrigatória		opcional		obrigatória		obrigatória
Presença de fala		presença de fala		ausência de fala		ausência de fala

Quadro 3 – *Continuum 1*

O seguinte enunciado é usado como exemplo de gesto em sincronia com a fala:

(1.1) *and he [bends it way back]*

O gesto icônico descreve imagetivamente o mesmo ato referido na fala em que, na narrativa, uma personagem entorta uma árvore.

O gesto usado para ilustrar a frase falada *bends it way back*, necessariamente, a acompanha. O emblema pode ou não ser acompanhado pela fala, pois sua convenção social já lhe atribuiu um significado. A pantomima não é usada com fala. A língua de sinais, embora possa ser produzida juntamente com a fala, deve, preferencialmente, ser produzida sem ela, pois a performance tanto da fala quanto da sinalização será hesitante e confusa, tendo em vista sua diferença estrutural.

## 2. Relação com propriedades lingüísticas

Gesticulação	→	Pantomima	→	Emblemas	→	Língua de Sinais
lingüística		lingüística		algumas propriedades		lingüística
ausente		ausente		lingüísticas presentes		presente

Quadro 4 – *continuum 2*

O exemplo do gesto *bends it way back* não tem todas as características lingüísticas. É não morfêmico e não é realizado segundo as restrições e formas de um sistema fonológico, além disso, não tem potencial para combinações sintáticas com outros gestos.

A pantomima, também, não parece obedecer a nenhum sistema de restrições (salvo a pantomima teatral que já foi convencionada, mas seu propósito difere do que é analisado neste espaço).

Por outro lado, os emblemas apresentam um sistema de restrições comuns às propriedades lingüísticas. Por exemplo, se ao modificarmos o sinal ‘positivo’ virando o polegar para baixo, teremos uma significação diferente. As duas formas ‘positivo’ e ‘negativo’ são pares mínimos, pois diferenciam apenas em um dos elementos que os



compõem, qual seja, a direção da palma da mão. Então, a mudança de forma, palma de mão virada à esquerda para palma da mão virada à direita, altera, também, o significado.

No que concerne à língua de sinais, podemos observar a presença de restrições cinológicas de um sistema lingüístico independente da língua falada. Além disso, a palavra ‘ARVORE’ é convencionada socialmente, o que, segundo Saussure, é uma das características própria de uma língua natural.

Essa análise revela que ‘gestos’ têm potencial para apresentar traços de um sistema lingüístico. Outros estudos realizados por mais de 30 anos confirmaram esse potencial. Um desses estudos comprova que crianças surdas, filhas de pais ouvintes “não são expostas a uma língua de sinais nem a uma língua falada, e elas desenvolvem seus próprios significados em uma comunicação gestual que manifesta um importante número de propriedades lingüísticas, tais como um léxico e sintaxe básica (Goldin-Meadow & Mylander 1984).<sup>20</sup>

### 3. Relação com as convenções

Gesticulação	→	Pantomima	→	Emblemas	→	Língua de Sinais
não		não		parcialmente		completamente
convencionalizada		convencionalizada		convencionalizada		convencionalizada

Quadro 5 – *Continuum 3*

A convenção significa que a forma e o significado do gesto são compartilhados socialmente, fixados por um grupo através dos tempos e do uso.

Assim, gesticulação e pantomima não são convencionalizadas, pois dependem de um contexto de narração. Os emblemas são parcialmente convencionalizados. No entanto, as línguas sinalizadas apresentam completa convencionalização.

### 4. O caráter da Semiose

Gesticulação	→	Pantomima	→	Emblemas	→	Língua de Sinais
global e		global e		segmentado e		segmentada e
sintética		analítica		e sintético		analítica

Quadro 6 – *continuum 4*

<sup>20</sup> “These children are exposed to neither a sign language nor speech, and they develop their own means of gestural communication that manifests a number of important linguistic properties, such as a lexicon e basic syntax (Goldin-Meadow & Mylander 1984)

Global refere-se ao fato de que a determinação do significado de uma parte da gesticulação depende do significado do ‘todo’. No exemplo usado, a ação imagética ilustrada para complementar a sentença não é decomponível em partes, ou seja, a mão, o caráter do movimento, a direção etc. só têm significado juntamente, não são morfemas independentes. Sintético refere-se ao fato de que uma mesma forma simbólica de um gesto pode concentrar diferentes significados, além disso, uma ação gestual pode abranger toda uma sentença falada. Segmentado refere-se ao fato de apresentarem uma seqüência fonológica e analítica, porque os elementos que compõem uma sentença podem ser separados e descritos segundo a função que nela exercem.

Segundo McNeill, podemos resumir as diferenças dos *continua* na seguinte tabela:

	Relação com a fala	Propriedades lingüísticas	Relação com convenção	Caráter semiótico
gesticulação	presente	ausentes	ausente	global e sintético
pantomima	ausente	ausentes	ausente	global e analítico
emblemas	opcional	algumas	parcial	segmentado e sintético
sinais de LS	ausente	presentes	completa	segmentado e analítico

Tabela 2 – resumo dos *continua*

### 2.1.1.3 Karen Emmorey e seu estudo dos gestos com ASL

Emmorey (1999) foi uma das primeiras pesquisadoras a interessar-se pela co-expressão dos gestos com as línguas sinalizadas. O seu trabalho é uma análise de produções narrativas em ASL no qual usa as duas terminologias fúntivas descritas por Clark (1996). Ele argumenta que os gestos passam a ser facilitadores e possuem função comunicativa. Nesse sentido, os gestos podem ser do tipo componente ou do tipo concorrente. Os primeiros são encaixados como parte do enunciado e acrescentam a mesma informação da produção verbal. Os últimos, diferentemente, são produzidos ao mesmo tempo (no enunciado falado) e acrescentam informação que não estão presentes na sentença verbal. Emmorey conclui que os sinalizantes não produzem gestos concorrentes com a sinalização, o que iremos contestar ao descrevermos a análise dos dados coletados em nosso experimento.

O quadro abaixo apresenta um resumo de suas conclusões no que concerne às diferenças entre os sinais de ASL e os gestos:

Sinais de ASL	Gestos
Exibem um modelo sistemático de forma	Não se verifica estrutura fonológica
Pertencem a categorias lexicais	Não específica
Possuem elementos com significado (morfemas) para a composição de novas palavras	Não podem ser combinados em elementos significantes menores
São governados por regras semânticas	O significado é global e necessita do contexto
Seguem restrições universais no nível sintático	Não se verifica estrutura sintática

Tabela 3 – As diferenças entre os gestos e as línguas de sinais

#### 2.1.1.4 Mônica Rector e Aluizio Trinta e a gestualidade brasileira.

O trabalho destes brasileiros, publicado em 1985, volta-se ao domínio semiótico, pois consideram o signo em relação ao seu veículo, bem como ao seu usuário, vale dizer, aos seus efeitos. Assim, os autores propõem que a uma semiótica<sup>21</sup> da língua (comunicação verbal) seja acrescentada uma semiótica do gesto (comunicação não-verbal).

Desta forma, concebem a semiótica ou a teoria geral dos signos como dividida em três partes integradas entre si, os níveis sintático (combinatório), semântico (significativo) e pragmático (efetivo) da operação sgnica.

No que concerne à produção sgnica, eles relevam a importância da cultura. Por isso, defendem ‘a comunicação, tanto verbal como não verbal, a transmissão e a recepção de uma mensagem, o entendimento entre os seres humanos, é uma questão de natureza cultural (Rector; Trinta 1985, p.19).

Pelo gesto, por exemplo, um comportamento individual torna-se um comportamento social; a cultura, neste caso, não mais pode ser concebida como uma entidade puramente supra-individual, pois, não obstante sua origem orgânica, o código tácito das mensagens emitidas e recebidas pelo gesto é parte integrante de uma tradição (op. cit., p. 16). Assim, o uso do corpo é uma forma de expressão social (op. cit., p. 17).

Segundo os autores, é comum considerar-se a manifestação gestual como um fenômeno expressivo cuja função é meramente auxiliar à comunicação verbal (uma paracomunicação), no quadro da interação social cotidiana. A gestualidade serviria à ênfase, constituindo o contexto imediatamente perceptível da enunciação (op. cit., p. 27).

Embora os autores tenham se preocupado mais com os gestos emblemáticos brasileiros, propondo descrevê-los e analisá-los sistematicamente, eles fizeram uma substancial pesquisa teórica para apresentar um quadro do estudo dos gestos cronológica e

<sup>21</sup> Eles se referem à semiologia da língua, diferenciando os termos semiologia de semiótica, porém, evitamos confusões terminológicas adotando apenas o termo semiótica.

mundialmente. Algumas destas informações foram aderidas ao corpo da dissertação com o devido crédito. Por ora basta dizer que, segundo os autores, na linguagem dos movimentos do corpo, a menor unidade é o cine. Os cines, a exemplo dos fonemas, podem ser isolados e seu estudo sistemático dá origem à microcinésica (op. cit., p. 56). Birdwhistell define o cine como a menor unidade de significação (op. cit., p. 57).

Na tabela abaixo podemos comparar as unidades estudadas na lingüística e seus equivalentes estudados na cinésica:

Lingüística		Cinésica	
Som		Grupo muscular e esqueleto	
Fone	Alofone Fonema	Cine	Alocine (cinema)
Morfe	Alomorfe Morfema	Cinemorfe	Ato Ação
Sintagma	Palavra sem frase	Sintagma	Gesto Seqüência gestual
Emissão	No contexto	Ação	No contexto

Tabela 4 – comparação entre unidades lingüísticas e cinéticas

Classificação dos gestos segundo os autores:

*Gestos expressivos* são ações não-comunicativas como acontece quando um professor pára de falar ao perceber que os alunos estão inquietos, a resposta imediata desses alunos é de entender que o professor não tolerará mais conversas e param de tumultuar a aula;

*Gestos mímicos* ou *icônicos* são os gestos que transmitem sinais por imitação. É o caso em que uma criança imita o vôo de um avião;

*Gestos simbólicos* ou *metafóricos* indicam uma qualidade abstrata e não têm equivalente no mundo dos objetos, pois representam estados de ânimo e idéias. Um exemplo é o gesto realizado com o dedo indicador girando junto à têmpora que indica quando a pessoa está ‘louca’;

*Gestos codificados* são os gestos caseiros sistematizados no seio de uma família em que um de seus membros é surdo;

*Gestos técnicos* são os empregados em locais em que não há a possibilidade de usar a fala por haver impedimentos físicos à recepção de sons;

*Gestos incidentais* são ações mecânicas que revelam uma mensagem secundária como no caso de um espirro que podemos interpretá-lo como sintoma de resfriado. (op. cit., p. 77)

Assim, os autores descrevem o valor dos gestos na interação humana nas seguintes palavras:

a linguagem gestual acompanha freqüentemente a expressão verbal oral, conferindo a esta última força e colorido especial (caráter completivo do gesto). Não raro, porém, a gesticulação substitui o uso lingüístico (caráter substitutivo do gesto) ou aparece de modo mais ou menos independente, em sua forma pura. Em ambos os casos, enquanto fenômeno tipicamente humano, a linguagem gestual relaciona-se estreitamente a uma ‘situação de comunicação’, e nestas condições, o gesto traduz, a um só tempo, um ato significativo e a existência de um código comum a emissor e receptor. (op. cit., p. 85)

Como transcrever, ou melhor, como representar visualmente o gesto?

A seqüência gestual é constituída por cinemorfes (ações) que correspondem a sintagmas, incluindo as posições inicial ou de partida, final ou de chegada e intermediária; também os processos de ruptura do equilíbrio como a lateralidade, a flexão, a elevação, a rotação e o deslocamento. O sintagma é ainda formado por cines que segundo R. Birdwhistell são as menores unidades de movimento significativo. Preferimos, de nossa parte, considerar os cines como semas, isto é, marcas características, traços distintivos. Assim, um conjunto de cines forma um cinema, equivalente ao semema em lingüística. Como exemplo de uma seqüência gestual ou gestuema, pode-se citar:

Mão direita ou esquerda aberta (espalmada), palma para frente; dedos afastados; deslocamento vertical da mão (até a altura acima do ombro), movimento vertical rápido e agitado, da direita para a esquerda e vice-versa.

Verbalização ou semema: ‘tchau’.

Sintagma	1 – mão direita ou esquerda (espalmada);
	2 – dedos afastados;
	3 – palma para frente(*) <sup>22</sup> ;
	4 - deslocamento vertical (à altura acima do ombro)(*);
	5 – movimento horizontal rápido e agitado
	6 – movimento da direita para esquerda e vice-versa.
Cinemorfe	1 – sintagma 4
	2 – sintagma 5
	3 – sintagma 6

<sup>22</sup> Os itens com (\*) foram inseridos à descrição segundo nossa análise que considera os parâmetros estudados atualmente nas línguas sinalizadas.

Sema	1 – mão direita ou esquerda aberta;
	2 – mão direita ou esquerda com a palma para frente(*);
	3 – dedos afastados;
	4 – deslocamento na vertical acima do ombro(*);
	5 – movimento horizontal rápido;
	6 – movimento do articulador da direita para a esquerda;
	7 – movimento do articulador da esquerda para a direita;

A conclusão no tocante à comunicação gestual brasileira é expressa nos seguintes itens (op. cit., pp. 113-114):

- o brasileiro é mais sóbrio no gesticular do que, por exemplo, os italianos. Mas o brasileiro sempre acompanha com gestos o que diz. Para um norte-americano parecerá, porém, que gesticula muito. Os gestos mais próximos do corpo parecem ocorrer com maior frequência. Geralmente, não são nada discretos, como querendo abarcar o maior número de coisas e pessoas, ao mesmo tempo. Não faltam, porém, interagentes que usam até mesmo gestos teatrais, no qual exigem a movimentação do corpo como elemento enfático e indicador de expressividade;
- há uma evidência de que os gestos são elementos rítmicos, que acompanham a manifestação do que se quer externar;
- no uso gestual parece haver um dado evidente de expressividade e ênfase. O chamado malandro brasileiro exprime-se com a ‘ginga do corpo’;
- as crianças gesticulam mais, sobretudo em determinada faixa etária, podendo-se atribuir isso quer ao seu metabolismo bastante ativado, quer à necessidade de dar maior eficiência à comunicação, num período em que seu vocabulário é limitado;
- no Brasil houve, em pouco tempo, uma evolução no que respeita à manifestação social pelo gesto, devido, hoje, beijar-se na face com grande liberdade, toca-se nas pessoas com mais desenvoltura e o abraço é muito comum entre amigos;
- não obstante haver regras e valores, que permitem ou impedem pessoas de se tocarem, entre os jovens, principalmente, elas não são observadas ou obedecidas. Todos tocam a todos, sem acanhamento, sem inibições, com toda a liberdade, em qualquer situação ou lugar.

## 2.2 OS GESTOS NA AQUISIÇÃO E CRIAÇÃO DE LINGUAGEM VERBAL

Câmara Cascudo (1986) se manifesta sobre os gestos com as seguintes palavras:

Além do gesto instintivo, inconsciente, automático, puramente reflexo, evitação do sentimento doloroso, existe a infindável série dos gestos intencionais, expressando o pensamento pela mímica, convencionada através do tempo. Essa *signe language* (...) tem merecido ensaios de penetração psicológica, indicando a importância capital como índices do desenvolvimento mental. Desta forma o homem liberta e exterioriza o pensamento pela imagem gesticulada, com áreas mais vastas no plano da compreensão e expansão do idioma.

(...)A correlação dos gestos com os centros cerebrais, ativando-lhes a capacidade criadora, e não esses àqueles, possui, presentemente, alto número de defensores. (p. 19)

O gesto, índice do Temperamento, é uma sintética exteriorização do processo mental orientador da Ação. A gesticulação, embora universal, torna-se, pela insistência peculiar a cada indivíduo, característica, permitindo a identificação entre os semelhantes. (p. 22)

Todo gesto é uma ação. Um gesto é, elementarmente, uma ação pela qual se envia um sinal visual para quem está olhando; porém, para tornar-se um ato, deve comunicar algo ao receptor. Assim, abanar as mãos é um gesto primário, sobretudo na criança, que ainda não tem a parte motora desenvolvida e, assim, apenas gira a mão de um lado para o outro. Por isso, Rector e Trinta consideram, “há ações que são inatas ou naturais e que nos acompanham desde o nascimento, como a sucção do polegar”. (1985, p. 76).

A aquisição de linguagem mostra-se um estudo nitidamente importante para compreendermos o funcionamento dos dispositivos gestuais e lingüísticos humanos. Portanto, a aquisição trata das informações fornecidas parametricamente no convívio social e a capacidade inata refere-se ao dispositivo determinado geneticamente na formação representacional mental das informações recebidas de fora para dentro, ou seja, do mundo das percepções para o mundo mental interior, sabendo que este processo é contínuo e se realiza de baixo para cima e de cima para baixo.

As pesquisas sobre a aquisição de linguagem, ao investigar como tão rapidamente numa criança normal a linguagem se desenvolve, contribuem decisivamente para as teorias sobre os determinantes biopsicológicos específicos da espécie humana e, nos estudos inter e intraculturais, elucidam as relações entre os fatores inatos, maturacionais e experienciais que influem no desenvolvimento, em como esclarecem sobre os universais de aquisição de linguagem. (Scliar-Cabral, 1991, p.147)

### 2.2.1 Os gestos pré-lingüísticos

A fase que antecede a aquisição de linguagem caracteriza-se pelo uso de gestos (Goldin-Meadow & Morford; Acredolo & Goodwin; Locke et al; Masur; D'odorido & Levorato; Pettito; Caseli; in: Volterra; Erting, 1990) diferenciados para se comunicar com o seu meio. Também, a transição de uma para duas palavras numa língua oral pode ser mediada por gestos. (Butcher e Goldin-Meadow, 2000 in McNeill 2000).

Desta forma, o uso de estratégias usadas pelas crianças em aquisição de linguagem verbal é parte de uma habilidade não lingüística que faz parte do processo como um todo.

#### a) Apontamentos

Descrições já foram realizadas sobre a função comunicativa que os gestos de apontamento apresentam na aquisição de linguagem das crianças (Locke et al; Volterra e Iverson; Masur; Pizzuto; Bellugi; Klima; In: Volterra; Erting, 1990). Slobin (1980) nos apresenta essas funções comunicativas com dois exemplos: se uma criança apontar para a fotografia do pai e dizendo 'papai', ela está designando pelo 'nome' o referente representado pela fotografia, mas se ela encontrar o chinelo do pai e apontá-lo, estará comunicando alguma relação de posse ou apropriação entre o pai e o objeto apontado. Dizemos que em ambos os casos, o apontamento é um índice que se liga a um referente, embora suas funções contextuais sejam notoriamente diferentes.

Assim, os gestos de apontamento se revelam analisadores importantes na aquisição de linguagem de crianças surdas e ouvintes.

#### b) Direção do olhar

Slobin (1980 p. 115) e outros autores (Bates; Camaioni; Volterra, 1975; Bates, 1976) evidenciam que os adultos são instrumentos no mundo exterior da criança para estabelecer contato entre elas e as coisas que as cercam. Fazem isso iniciando contato com os olhos e comunicando-se por gestos e voz numa tentativa de receber ajuda para atingir um alvo.

Confirmando a informação acima temos a contribuição de Masur (1990) que demonstrou a integração comunicativa e outras habilidades cognitivas em que crianças faziam uso de sinalização direcional dupla (dual-directional signaling), ou seja, o uso de um gesto



que envolve um objeto acompanhado por uma direção de olhar simultânea para sua mãe quando ela está num campo visual diferente ao do objeto.

### c) Expressões faciais

As expressões faciais revelam uma particularidade especial nas línguas sinalizadas. Como componente não manual sintático e morfológico, as expressões faciais são itens gramaticais nestas línguas. No entanto, a criança surda é capaz de separar informações faciais afetivas das expressões lingüísticas como evidenciado numa pesquisa realizada por Snitzer, 1990. Ele acredita que esta evidência confirma que a língua é regida dentro de um domínio específico, separado de outros domínios não-lingüísticos.

## 2.2.2 A passagem dos gestos pré-lingüísticos para as primeiras palavras

Volterra e Erting compilaram informações de vários autores numa única obra (*From gesture to language in Hearing and Deaf Children* 1990), onde sugerem a universalidade de crianças surdas e ouvintes que realizam obrigatoriamente essa passagem (Adamson; Bakeman & Smith; Volterra et al). Assim, justificam o estudo de aquisição destas crianças na transição de elementos pré-lingüísticos para os elementos simbólicos ou a combinação deles na aquisição de língua, (Shore et al, Pettito, Blondel, 2002) esclarecendo a relação existente entre os dois sistemas.

Além disso, o tempo do gesto em relação à fala conseqüentemente depende, pelo menos em parte, dos parâmetros estruturais de língua falada (op. cit., p. 21). Essa conclusão foi obtida num estudo de caso realizado por Nicolades, Mayberry e Genessee (1999) em que crianças em aquisição conjunta de língua inglesa e francesa usavam gestos diferentes para as duas línguas. Geralmente, usavam mais gestos icônicos com a sua língua mais desenvolvida.

### a) Apontamentos na aquisição bimodal bilíngüe de uma criança ouvinte

Blondel<sup>23</sup> (2002) fez um estudo de aquisição de língua de sinais francesa (LSF) e língua francesa falada, examinando o fenômeno de apontamento. Ela argumenta que a aquisição bilíngüe, bimodal provê um interessante caminho para observação de como os

---

<sup>23</sup> Quero agradecer a gentil e prestativa colaboração desta pesquisadora francesa, pois não hesitou em responder o e-mail enviado quando da solicitação deste artigo.

gestos de apontamento movem-se de características comunicativas extralingüísticas para entidades gramaticais.

Numa breve revisão da literatura sobre o assunto, os gestos de apontamento receberam uma atenção inicial observando-se seu status na produção precoce da língua.

A hipótese levantada é a de que o apontamento e outros gestos comunicativos são comuns a todas as crianças e aparecem precocemente no processo de aquisição de linguagem.

Resultados surpreendentes foram descritos ao se fazerem estudos de crianças adquirindo língua falada. Para compensar a limitação lingüística, crianças utilizam elementos comunicativos não lingüísticos como os apontamentos. Numa combinação das duas modalidades, essas crianças podiam expressar suas primeiras proposições. Esses elementos comunicativos não lingüísticos, portanto, foram importantes na transição de aquisição de uma para duas palavras.

O caso estudado por Blondel foi o de Ilana. Filha de pai surdo sinalizante e mãe ouvinte, sinalizante fluente, logo, em fase de aquisição nativa de duas línguas de modalidades diferentes. Os resultados deste estudo são a evidência de similaridades entre o desenvolvimento de uma língua oral e de uma língua gestual. Também confirmam o resultado já alcançado por Pettito de que gestos não lingüísticos de apontamento adquirem *status* (no caso do desenvolvimento de pronome em línguas de sinais) lingüístico a partir dos 18 meses. No caso de Ilana, esse *status* começou aos 19 meses.

Citamos esse estudo com o propósito de demonstrar que o estudo dos gestos pode trazer informações relevantes na aquisição de linguagem. Nesse sentido, Virole (2001, p. 4) se pronuncia dizendo que “geralmente os primeiros gestos gerados por uma criança surda são sinais de apontamento (dêiticos), por conseguinte, seguidos por sinais figurativos que a criança às vezes aprende da gestualidade co-verbal de seus pais, mas que ela cria, freqüentemente de si própria.”

## 2.3 GESTOS EXTRALINGÜÍSTICOS NAS LÍNGUAS NATURAIS

Quando os homens se expressam verbalmente, há produções voluntárias e involuntárias de gestos. Essas produções gestuais podem ser lingüísticas ou não. Portanto, “gesto pode ser entendido como atividade neuromuscular (ações corporais, comunicativas ou não); como processo semiótico (organização de gestos comunicativos espontâneos para gestos mais convencionais); e como fenômeno lingüístico (sinais totalmente convencionalizados e articulações vocais)” (Armstrong et al. 1995, p.38).

As línguas naturais, independentes de suas modalidades,<sup>24</sup> são repletas de componentes gestuais que acompanham o discurso verbal. Para as línguas orais, esses componentes gestuais são mais claros, pois discurso e gestos formam uma unidade multimodal. Essa distinção não é tão evidente no caso das línguas de sinais. Estas, devido à modalidade cinésico-visual, modalidade que é compartilhada pela maioria dos gestos, o lingüístico e o não lingüístico formam uma unidade inseparável, o que leva a crer que não há produções gestuais paralingüísticas nos discursos sinalizados. Essa constatação é feita, pois advogamos que, em ambas as modalidades, o ser humano usa recursos lingüísticos e não lingüísticos na interação com os outros numa sincronia fechada entre o gesto e discurso.

Por outro lado, ouvintes também podem utilizar gestos que transmitem informação lingüística. É o caso de gestos estabilizados numa comunidade, definidos como “emblemas” por McNeill, tomando como exemplo o gesto ‘positivo’ (polegar levantado e demais dedos fechados unidos à palma) que, na cultura brasileira, significa ‘tudo bem’, uma confirmação gestual de aceitação, consentimento ou acordo.

Portanto, para a nossa análise, considerar os gestos apenas como um fenômeno não-verbal e secundário é incorrer em erro, pois eles andam juntamente com as produções lingüísticas, tendo muitas vezes propriedades nitidamente lingüísticas complementares ou servindo de suporte ao discurso.

### **2.3.1 Produções gestuais nas línguas faladas**

Knapp; Hall, 1999, em seu livro Comunicação não-verbal na interação humana, fazem um extensivo estudo sobre vários componentes “não verbais” empregados no discurso ou na simples interação do homem com outros homens ou com o seu meio. É uma obra que traz muitas informações, porém, apesar de ter um capítulo em que trata das expressões faciais de crianças cego-surdas, limita-se a descrever discursos orais.

Como já declaramos, as produções gestuais no discurso oral são mais nitidamente percebidas, no entanto, gostaríamos de ressaltar que nem todas as produções gestuais do discurso oral são secundárias ou paralingüísticas. McNeill (1992, p. 35) assevera que os

---

<sup>24</sup> “... o termo ‘modalidade’ refere-se ao sistema físico como estrutura de base da expressão de uma língua; línguas faladas são expressas na modalidade oral-auditiva enquanto as línguas sinalizadas são expressas na modalidade visual-gestual.” (McBurney 2002:p.329)

movimentos espontâneos realizados pelos braços e mãos e usados com a fala são “sincronicamente fechados com o fluxo do discurso”.<sup>25</sup>

Observando os critérios das dimensões do *continuum* de McNeill, podemos classificar os gestos nas línguas faladas, tais como:

a) Gestos independentes da fala

Para Knapp e Hall (1999 p.194)

os gestos independentes da fala podem ser usados quando os canais verbais estão bloqueados ou falham, mas também são usados durante uma interação ‘verbal’. Por exemplo, uma pessoa pode estar falando sobre o comportamento estranho de outra pessoa e concluir fazendo um gesto que comunica: ‘ele é doido’. O gesto circular ao lado da cabeça substitui uma frase inteira. Ele também pode ser usado para completar uma elocução.

Independentes da fala, portanto, porque têm um significado próprio compartilhado por um grupo.

b) Gestos relacionados à fala.

Segundo Buyssens, “alguns de nossos gestos acompanham nossas palavras; bem freqüentemente é impossível não fazê-los e nem sempre somos conscientes disso. Esses gestos informam nosso interlocutor de nosso comportamento psicológico; mas é evidente que não devem ser confundidos com os que empregamos em vez de palavras.”(1972, p. 29)

Segundo esse autor, embora disponha de um canal verbal de comunicação, cujo uso é imediato e freqüente, o ser humano recorre ainda, sincronizando-os, a um conjunto de signos não-verbais, outros propriamente vocais ou prosódicos, além de gestuais, que incidem diretamente sobre o significado global de um ato de comunicação. (op. cit., p. 27)

Conforme Epstein (1986 p. 6), o ser humano usa em média, cerca de 150 a 200 gestos ‘típicos’ enquanto comunica. E para Mounin, (1970, p. 22) “(...) os gestos podem substituir a fala, mas não necessariamente precisem da mediação lingüística, além disso, eles compartilham o mesmo eixo temporal de uma mensagem lingüística”. Também chamados de ilustradores, esses gestos estão diretamente ligados à fala ou a acompanham (Knapp; Hall 1999 p. 202). Não há interpretação direta sem haver uma análise pragmática da produção oral. Eles podem ser gesticulações icônicas de ações realizadas no ambiente físico, mas, também,

---

<sup>25</sup> “closely synchronized with the flow of speech”

podem conter lapsos lingüísticos quando não há uma coesão entre o que está sendo dito e os gestos que estão sendo realizados.

Chovil chamou de demonstrações faciais sintáticas, os gestos que agem como marcadores para palavras e sentenças; são dirigidas à estrutura organizacional da conversação, assinalando inícios, términos, recomeços, continuações e ênfases (Knapp; Hall, 1999, p. 202).

Adam Kendon (2004, pp. 2-3) analisa gesto e fala salientando que as ações corporais podem complementar, reforçar ou substituir expressões faladas. Ou seja, um exame minucioso de enunciados coordenados com gestos revela que estas duas formas de expressão são integradas e visam a um mesmo objetivo.

A fixação do olhar para o interlocutor durante uma interação evita a dispersão e em consequência disso, o discurso hesitante (Kendon 1967; Beattie 1983; apud Coulthart; Harris, p. 217)

De todos os tipos de gestos relacionados à fala, apenas quatro tipos comuns se sobressaem: 1. gestos ligados ao referente do falante – concretos ou abstratos; 2. gestos que indicam o relacionamento do falante com o referente; 3. gestos que agem como pontuação visual para o discurso do falante; 4. gestos que auxiliam na regulação e na organização do diálogo entre os dois integrantes. (Knapp; Hall 1999, p.202).

Das quatro classificações, privilegiamos a terceira relação: os apontamentos gestuais que indicam um referente presente ou ausente, ou um local no espaço. Bühler (1965), em sua gramática simprática define *demonstratio ad oculos* como o apontar para os objetos para os quais se fala. Pesquisas comprovam que esses apontamentos são operadores lingüísticos nas línguas de sinais, outras, no entanto, não concordam com essa afirmação. Independente desta discordância, reconhecemos sua importância na comunicação humana, o que suscita algumas perguntas, tais como: Seriam esses apontamentos emprestados da gestualidade dos usuários de línguas faladas? As produções de apontamento dos falantes poderiam também apresentar componentes lingüísticos que expressem co-produções sintáticas entre a fala e gesto? Ou ainda, seriam esses apontamentos gestuais mapeamentos mentais que orientam ou situam o falante/sinalizante na localização espaço/temporal? Não nos convém detalhar estas questões aqui, pois se referem a um assunto de grande complexidade e extensão, impróprios para o espaço deste trabalho. Entretanto, serão consideradas algumas referências já existentes sobre apontamento para podermos delimitar o seu *status* na comunicação humana.

### c) Apontamentos direcionais nas línguas faladas

Haviland (2000) inicia seu artigo dizendo que ‘um dos meios em que as pessoas mostram seu conhecimento sobre espaço é pelo apontamento, usando um gesto para indicar um lugar ou uma coisa em um lugar, ou talvez uma coisa movendo-se de um lugar para outro.’<sup>26</sup>. Ele argumenta que, ao narrar algum fato, falantes da língua australiana Guugu Yimithir (GY) assiduamente orientam pelo apontamento a localização e direção corretas dos espaços conhecidos e falados.

Com relação aos gestos dêiticos, esse autor estabelece que “no nível de interdependência funcional, gestos dêiticos tanto substituem como suplementam dêiticos falados (...) gesto com fala é um veículo de comunicação não somente para fins proposicionais, mas para a ação social coordenada (...)” além do mais, “palavra e gesto indexam conjuntamente o contexto espaço-temporal do evento discursivo” (Haviland 2000, p.16).<sup>27</sup>

O trabalho de Haviland (op. cit., 2000, p.13), fornece-nos descobertas de que um dos meios em que as pessoas demonstram seus conhecimentos sobre espaço é pelo apontamento, usando um gesto para indicar um lugar ou uma coisa num lugar, ou talvez uma coisa movendo-se de um lugar para outro.

Numa análise estrutural, Eco (1976) classifica o gesto de apontamento da seguinte maneira: Um dedo apontado tem quatro marcas sintáticas pertinentes - duas dimensionais {{longitude}} e {{extremidade}} e duas cinésicas {{movimento para}} e {{força dinâmica}}. Assim, num dedo apontado, a <<direção>> é uma marca semântica e o {movimento em direção a} é uma marca sintática.

Assim, {isto é um gato} pode ser emitida na presença do *perceptum* ou objeto {{gato}} ou de um desenho, assim, temos um significante x que é uma expressão lingüística à qual corresponde um dado conteúdo e temos um significante y que é uma expressão visível à qual também corresponde um dado conteúdo, tanto a palavra {gato} quanto o *perceptum* {{gato}} estão culturalmente para o mesmo semema. (Eco, 1976 p. 144).

<sup>26</sup> “One way people display their knowledge about space is by pointing, using a gesture to indicate a place or a thing in a place, or perhaps a thing moving from one place to another.” (p.13)

<sup>27</sup> “at level of functional interdependence, deitic gestures both substitute for an supplement spoken deitics (...) gesture-with-speech is a vehicle of communication not only for propositional purposes but for the coordinated social action. “word and gesture conjointly index the spatio-temporal context of speech event.”

A oposição expressiva {este vs aquele} baseia-se na oposição semântica <<proximidade vs distância>> que representa uma segmentação precisa do conteúdo. Pode-se observar que, se a pergunta {qual?} se refere a dois ou mais objetos colocados à mesma distância do falante, a resposta {este}, que este se referindo ao objeto discursivo, se não for acompanhada de um índice não verbal (apontar com o dedo, movimento dos olhos ou da cabeça), não funciona (Eco, 1976 p. 105). Assim reitera Volpato (2001, p. 35)

Este grupamento de signos da língua, que têm a faculdade de apontar, possui uma significação estável e uma referência variável, que atende por dêixis ou embreantes ou shifters, ou qualquer outro designativo; inclui em sua gama pronomes como eu, tu, este, esse e aquele; signos temporais como agora, amanhã; e signos espaciais como aqui, ali, e lá, ir, vir, levar e trazer, cuja manifestação axial origina-se no trinômio: eu, aqui, agora. Dêiticos são, assim, palavras ou expressões que não podem ser interpretadas sem o seu contexto físico (Yule, 1985, p. 99) e devem ser auto-referenciados ao contexto do emissor-receptor.

### 2.3.2 Produções gestuais nas línguas sinalizadas

A bibliografia referente a este tópico é extremamente restrita. Apenas recentemente estão sendo investigados os gestos em co-ocorrência com a língua nas produções sinalizadas (Klima & Bellugi 1979; Kendon 1988; McNeill 1993; Emmorey 1999; Goldin-Meadow 2003). Todos esses trabalhos foram desenvolvidos tomando-se a ASL e o inglês como objeto de estudo. Essa restrição pode ser justificada pela evidência de que parece fácil distinguir os gestos que os falantes produzem de suas palavras – palavras vindas da boca, e gestos executados pelas mãos. É mais difícil identificar os gestos de sinalizantes, principalmente pelo fato de as línguas de sinais estarem ainda em processo de análise estrutural. Sinais e gestos são produções co-temporais simultâneas e de difícil separação (Goldin-Meadow 2003; Emmorey 1999). Assim, como já evidenciou Goldin-Meadow, vimos igualmente que não há discordâncias entre os pesquisadores de que os sinalizantes, além de enunciados lingüísticos, usam o espaço para trazer informação gestual. Há discordâncias, entretanto, se este uso do espaço é gramatical ou gestual.

Sobre esta questão, Liddell, (2000, p. 354) <sup>28</sup> se pronuncia dizendo que: “independente da modalidade, há uma necessidade por gestos dêiticos em direção a espaços mentais fixados

<sup>28</sup> Na verdade, a sua posição sobre os gestos dêiticos é que eles co-ocorrem com produções lingüísticas, mas estes não são lingüísticos. Aronoff (2000; 2005) é um dos autores que se posiciona contra essa visão.

(*grounded*<sup>29</sup>). Em línguas faladas, o gesto não influencia a forma de uma palavra”. Já na língua de sinais, devido a sua modalidade, gestos e componentes lingüísticos podem andar juntos como um recurso de complementaridade para estabelecer direcionalidade no espaço sinalizado e para inserir referentes ausentes no discurso sinalizado.

Outra contribuição nos é dada por Sutton-Spence; Woll (2000). Eles esclarecem que ao utilizar expressões faciais para indicar o modo (que nos conta como uma ação foi realizada), não é sempre fácil marcar a distinção entre o modo em que algo ocorreu e os sentimentos do sinalizante. A expressão facial que nos dá informação sobre emoção, também, pode ser considerada informação sobre modo, quando ela é usada juntamente com verbos.

Segundo Goldin-Meadow (2003, p. 203), ‘os gestos que acompanham sinais são sempre capazes de servir para diferentes funções das que a fala acompanhada de gestos– eles preenchem, dão aos sinalizantes liberdade para expressar noções que lhes parecem inusuais (por alguma razão) para expressar em sua língua convencional.’<sup>30</sup>

Além do mais, Fusellier-Souza (2004, p. 221) salienta que nas línguas de sinais, “o gesto de apontamento participa ativamente na construção referencial do discurso e possui funções diferentes como as das unidades dêiticas que participam da instancialização de três domínios referenciais: a pessoa, o tempo e o espaço.”

## 2.4 A TRANSIÇÃO DO GESTO PARA SIGNO LINGÜÍSTICO NAS LÍNGUAS SINALIZADAS

Evidências encontradas nas línguas de sinais primárias nos colocam diante de uma incógnita. Os gestos empregados nessas produções são lingüísticos, quase lingüísticos ou apenas gestuais? O mais surpreendente é quando dois ou mais usuários de diferentes LSPs se comunicam, unindo os dois sistemas e convencionalizando entre si os sentidos de cada sinal primário estabilizado: não resta dúvidas de que há uma via em que gestos se tornam signos (Senghas, 2000; Kegl et al, 1999). Vamos acompanhar estudos que já foram realizados, deixando para expor a nossa concepção no momento da discussão final deste capítulo.

<sup>29</sup> Segundo Liddell 1995, “o termo *grounded* é usado para rotular um espaço mental cujas entidades são concebidas como presentes no meio imediato” (Liddell, 2000 p. 342)

<sup>30</sup> The gestures that accompany signs are still able to serve one of the important functions that speech-accompanying gesture serve – they fill in gaps, giving signers freedom to express notions that they seem unable (for whatever reason) to express in their conventional language. (p. 203)



### 2.4.1 Gramaticalização das línguas naturais

Gramaticalização, na definição de Campbell & Janda, refere-se ao resultado de processos que transformam lexemas em formativos gramaticais (apud Aronoff *et al.*, 2005).

Pfau argumenta que os padrões de gramaticalização são basicamente os mesmos tanto na modalidade oral-auditiva quanto na modalidade cinésico-visual. Entretanto, há padrões específicos de modalidade no caso das línguas sinalizadas.

Para Bybee *et al.*, gramaticalização é o processo pelo qual os morfemas lexicais numa língua, como nomes e verbos, desenvolvem acima do tempo dentro de morfemas gramaticais ou morfemas menos gramaticais como os auxiliares, desenvolvem dentro daqueles mais gramaticais, como tempo ou marcadores de aspecto (Bybee *et al.* 1994, apud Janzen; Shaffer, 2002).

Segundo Pfau, a gramaticalização em línguas faladas procede da seguinte maneira: de um item lexical livre para um elemento gramatical para um afixo limitador.

Pfau ilustra esse processo da seguinte forma:

Item lexical	→	elemento gramatical	→	afixo
Nome	→	pronome	→	concordância
Verbo	→	advérbio	→	tempo
Nome/verbo		→		Complementizador

Mas nem sempre é necessário um afixo, como a ocorrência de mudança lexical e fonológica de vossa mercê que se tornou ‘você’ (uma forma livre). Outras instâncias de gramaticalização envolvem o desenvolvimento de complementadores de nomes e verbos, intensificadores de adjetivos, marcadores recíprocos de nomes, marcadores agentivos de nomes, auxiliares de nomes e verbos e marcadores focais de auxiliares.

Todos os processos de gramaticalização das línguas faladas descritos acima são compartilhados com as línguas de sinais. A única diferença básica se refere à modalidade e será descrita abaixo.

#### 2.4.1.1 Os gestos no processo de gramaticalização das línguas sinalizadas

Aqui abordaremos a forma com que os gestos se gramaticalizam nas línguas sinalizadas, aliás, esse fenômeno é um princípio específico da modalidade, pois somente as LSs têm a opção de gramaticalização de elementos gestuais e não manuais.

Reconhecemos que o processo de gramaticalização necessariamente precisa ser analisado numa perspectiva diacrônica, pois ele se desenvolve no tempo. Por se tratarem de línguas jovens, as línguas sinalizadas podem apresentar escassez de alguns processos encontrados nas línguas orais, isso não significa que esses processos não poderão se desenvolver diacronicamente.

Wilcox ilustra o processo de gramaticalização dos gestos da seguinte forma:

Interface da língua e gesto			
GESTO	→	MORFEMA LEXICAL	→ MORFEMA GRAMATICAL

Quadro 8 – Gesto para morfema lexical

Wilcox (2004) apresenta duas rotas, sendo que a primeira rota representada no quadro 8, começa com um gesto que não é uma unidade convencional no sistema lingüístico relevante. Este gesto é incorporado dentro de uma língua de sinais como um item lexical. Acima do tempo, este signo lexical adquire função gramatical. (p. 49)

Interface da língua e gesto			
GESTO	→	ENTONAÇÃO	→ MORFEMA GRAMATICAL

Quadro 9 – Gesto para entonação

Segundo ele, os gestos se tornam incorporados dentro do sistema lingüístico como uma forma lexical, o processo de gramaticalização dirige a forma para adquirir significado gramatical. Na segunda transição, gesto-entonação-morfema gramatical, Wilcox sugere que a rota secundária segue um modelo de desenvolvimento do gesto para o paralingüístico (p.ex., entonação) para a morfologia gramatical (quadro 9).

Estudos realizados por Wilcox (1995, 2004) e Janzen; Shaffer (2002), comprovaram que os gestos foram o substrato de muitos sinais de verbos modais convencionalizados em ASL.

Nesta mesma obra, também, é abordada a gramaticalização do tópico de elementos pré-lingüísticos.

No estudo sobre os processos de gramaticalização, Wilcox contribui com duas rotas de análise acima citadas e ilustradas nos quadros 8 e 9. Na primeira rota, o gesto se torna incorporado dentro do sistema lingüístico como uma forma lexical. Para exemplificar essa

proposta, ele retoma o trabalho de Janzen & Shaffer sobre os modais. A segunda é pela via paralingüística através da entonação. Entonações são os diferentes modos de movimentos de um gesto ou sinal manual, além de vários gestos faciais, labiais, e oculares.

Para entendermos o processo de gramaticalização nas línguas sinalizadas precisamos percorrer um trajeto que explique os processos morfológicos desta modalidade. Para isso estaremos apresentando um paralelo comparativo com as línguas faladas.

Desta forma, **Morfologia** é o estudo da gramática que “descreve as unidades mínimas de significado, sua distribuição, variantes e classificação, conforme as estruturas onde ocorrem, a ordem que ocupam, os processos na formação de palavras e suas classes” (Scliar-Cabral, 1979).

As línguas faladas e sinalizadas compartilham semelhanças entre si no sistema morfológico, no entanto, há uma diferença basicamente relacionada ao canal de realização. Algumas características pertinentes serão descritas a seguir.

A morfologia das línguas faladas é basicamente seqüencial, pois afixos são unidos linearmente à base de uma palavra, obedecendo a uma seqüência. Entretanto, a existência de supra-fixos pode ser verificada em algumas línguas. No PB, por exemplo, a entonação é superposta e caracteriza a diferença entre as classes gramaticais. Exemplificando, escreve /es'krɛvi/ e escrevi /eskre'vi/. Além disso, há casos de adições simultâneas de fonemas supra-segmentais, como o exemplo da língua chatino, que marcam, pela entonação, as pessoas do discurso, exemplificada na figura abaixo:

1. kŭ	eu como	1a. tá	eu dou
2. kũ	você come	2a. tá	você dá
3. kù	ele come	3a. tà	ele dá
4. nkù	ele está comendo	4a. ntà	você está dando

Ilustração 6 - Fonemas supra-segmentais (Elson & Pickett, 1973, p.14)

Assim, “tom baixo 'agente de 3ª pessoa', tom alto 'agente de 2ª pessoa e tom alto mais nasalização da vogal temática 'agente da 1ª pessoa'”(Elson; Pickett, 1973, p. 14).

No nível lexical, a palavra ‘cantaram’ /kã't-a-ra-m/ é formada por um lexema –cant /kã't/, uma vogal temática –a e um morfema cumulativo de tempo, modo e número –r-am. Ao se relacionar na sentença com outras palavras, este morfema gramatical concorda com o sujeito como no exemplo abaixo:

*Os meninos cantaram.*

em que o morfema –s da palavra *meninos* é um marcador de concordância com o verbo *cantar*, pois mostra que o sujeito da sentença está na terceira pessoa do plural. O sufixo –ram é um marcador de tempo, mostrando que o evento é descrito no passado, acumulando três informações: 3.<sup>a</sup> pessoa do plural do pretérito perfeito do modo indicativo. Portanto, as categorias morfológicas com significado incluem: 1. número; 2. pessoa; 3. classe de gênero; 4. tempo; 5. aspecto; 6. modo; 7. voz.

Assim, a **concordância** é uma restrição de seleção imposta por um determinado morfema.

As Línguas de Sinais possuem também os dois tipos de estrutura morfológica: seqüencial e simultânea.

Embora com menos incidência, a morfologia seqüencial ou concatenativa é realizada pela união de um afixo (prefixo ou sufixo) à base da palavra, como nas línguas faladas.

Na morfologia simultânea, traços gramaticais são realizados alterando a direção, o ritmo ou a forma estrutural da base do sinal.

Para Aronoff, as “línguas de sinais, diferentes de crioulos jovens, têm sistemas flexionais complexos porque estes sistemas não são inteiramente arbitrários. Elas são representações motivadas<sup>31</sup> de certos conceitos visuo-espaciais como origem, alvo, tema, estrutura, e tamanho ou forma de um objeto”. (Aronoff et al. 2005, p.303).

São três as classes verbais das línguas sinalizadas, mas para o nosso estudo, basta focalizarmos a classe dos verbos com concordância, pois é nessa classe de verbos que encontramos elementos direcionais semelhantes aos apontamentos e indexicalizações de origem gestual.

Numa breve descrição destas classes, utilizando-se da classificação de Padden (1990), Quadros (1997) relaciona as classes verbais em ASL e LSB descritas abaixo:

*Verbos plenos* – são verbos não flexionados em pessoa e número e não utilizam afixos locativos. Alguns deles podem flexionar-se em aspecto. Exemplos desta classe em LSB são os verbos CONHECER, AMAR, APRENDER.

*Verbos com concordância* – também não utilizam afixos locativos, mas são flexionados em pessoa, número e aspecto. DAR, ENVIAR, PERGUNTAR são exemplos desta categoria.

*Verbos espaciais* – são verbos que tomam afixos locativos. Dentre os exemplos estão os verbos VIAJAR, IR, CHEGAR.

---

<sup>31</sup> As LS, por serem transmitidas pelas mãos, face e corpo e percebidas pelos olhos têm a capacidade de representar certos conceitos espaços-temporais numa maneira mais direta do que línguas faladas.

Os **verbos com concordância** são os verbos que flexionam em número, pessoa ou aspecto. Suas relações gramaticais são produzidas no espaço e suas informações apresentam-se simultaneamente com o sinal através de mecanismos de ‘incorporação’ e o uso de ‘marcadores não-manuais’ como a direção do olhar. Os verbos com concordância ocorrem da seguinte forma: A primeira pessoa fixa o sinal no lugar perto do corpo do sinalizador; a segunda pessoa fixa o sinal no lugar em direção do destinatário; e a terceira pessoa fixa o sinal num *locus* estabelecido para a entidade.

A incorporação é feita pelo acréscimo de morfemas dentro do próprio sinal, modificando-o em aspectualidade, movimento, direção da mão, orientação da palma.

A indexação de pessoa e número é dada aos participantes do evento ou a um locativo, estejam eles presentes ou não. Portanto, são os apontamentos (dêixis) que estabelecem nominais no espaço que fazem parte da flexão dos verbos com concordância. Esse tipo de indexação evita ambigüidades muito comuns nas línguas faladas. Por isso, algumas línguas orais incluem uma 4ª pessoa do discurso (obviativa) como recurso para evitar a ambigüidade gerada na situação em que, numa conversação, fala-se de duas pessoas diferentes ao mesmo tempo. (Elson; Pickett, 1973).

No exemplo apresentado na figura 7 (adaptada de Quadros; Karnopp 2004, p. 116), o movimento do sinal parte de um ponto no espaço à direita do sinalizante deslocando-se para a esquerda informando as pessoas do discurso e suas posições no espaço sinalizado. O começo e o final do movimento marcam o sujeito e o objeto do verbo representado, respectivamente.

A marcação do plural, apresentada na figura 8 (adaptada de Quadros; Karnopp 2004, p. 121), é realizada por uma alteração na forma do movimento informando a primeira pessoa do singular e terceira pessoa do plural.



Ilustração 7 – Concordância verbal de 3ª pessoa do singular  
<ENTREGAR-PARA-ALGUÉM>do



Ilustração 8 – Concordância verbal de 1ª pessoa do singular e 3ª pessoa do plural  
<ENTREGAR-PARA-ELES>

A morfologia de concordância direcional estuda os verbos que concordam em sujeito e objeto, sendo estes elementos indexicalizados num ponto do espaço como já foi explanado acima.

Um extenso trabalho que reuniu resultados de pesquisas de vários autores desenvolvidos com grupos de sujeitos surdos e ouvintes, crianças e adultos, com ou sem exposição à língua de sinais, praticantes de LSP, além da menção ao caso da língua de Sinais Nicaragüense e, também, com dados do próprio estudo de caso realizado com 46 sujeitos adultos sem exposição a uma língua de sinais e com 6 crianças surdas adquirindo ASL, Casey (2003), conclui que as similaridades no uso de direcionalidade em gestos e o uso de morfologia de concordância direcional das línguas sinalizadas pelos vários grupos assevera que a direcionalidade tem uma origem gestual.

A conclusão que Casey evidencia as capacidades gestuais de humanos sem influência de uma língua sinalizada e indica possíveis origens filogenéticas da morfologia de concordância verbal em línguas sinalizadas. No estudo com as seis crianças surdas adquirindo ASL de seus pais surdos, as produções gestuais e sinalizadas demonstram as origens ontogenéticas da morfologia de concordância verbal. Ela embasa sua afirmação comparando as ocorrências de direcionalidade em diversas línguas sinalizadas, na emergência de uma nova língua sinalizada na Nicarágua, nos gestos de crianças sem *input* de ASL, nos gestos pré-lingüísticos de crianças ouvintes, na gesticulação e gestos sem discurso de crianças e adultos ouvintes e nos sistemas gestuais de comunicação (LSPs). Evidencia, também, que, em ambos os sistemas (gestuais e lingüísticos), a direcionalidade apresentava as seguintes propriedades e funções:

- o seu uso correspondia aos mesmos propósitos de indicar referentes adicionais envolvidos em ações;

- produtividade;
- a indicação de referentes presentes e ausentes;
- a semelhança entre direcionalidade usada em gestos e os erros de direcionalidade nas produções sinalizadas. (2003, p. 595)

Esta incidência, “demonstra que a direcionalidade em ASL tem gramaticalizado distinções de primeira e não-primeira pessoa, e assim não é puramente gestual.” (2003, p. 601)

#### 2.4.1.2 O caso da língua de sinais Nicaragüense

Não poderíamos deixar de citar os estudos surpreendentes do processo de convenção da língua de sinais nicaragüense (Senghas 1995; Kegl et al. 1999), pois contribuem de tal forma para instigar a curiosidade dos estudiosos durante anos de pesquisas. Para citar algumas contribuições destes estudos podemos nos referir às seguintes questões:

1. a capacidade inata do ser humano para a linguagem;
2. a capacidade das crianças de criarem um sistema gramatical, apesar de *input* não-lingüístico;
3. entender como uma língua de sinais é convencionalizada;
4. como os gestos tornam-se um substrato no processo de gramaticalização de uma língua sinalizada;
5. como a necessidade de interação desencadeia a capacidade gerativa no processo comunicativo, entre muitas outras questões.

Goldin-Meadow foi a precursora do estudo de criações gestuais caseiras de crianças surdas sem exposição a uma língua de sinais. Estes sistemas gestuais, que ela denominou sinais caseiros (*home-signs* ou língua de sinais primárias), são produzidos espontaneamente e exibem alguns traços de línguas naturais.

Para esse trabalho, preferimos utilizar o termo empregado por Fusellier-Souza, ‘língua de sinais primárias’(LSP) como um sinônimo do termo *home-signs*, porque, além de se adaptar melhor à tradução para o português, é um termo que expressa propriedades lingüísticas desses sistemas. Primário, neste sentido, refere-se a uma aquisição que antecede outra e não a rudimentaridade do sistema.

Antes do ano de 1980, os surdos da Nicarágua viviam isolados, usando apenas suas LSPs para a comunicação com o seu limitado meio.

Depois dessa data, muitos desses surdos encontraram-se numa escola pública em Manágua. Apesar de a escola basear sua filosofia educacional numa prática oralista, a Linguagem de Sinais Nicaragüense (LSN) se desenvolveu favorecida pelo contato entre os estudantes surdos.

Desta forma, a LSN é então um *pidgin* originado da miscelânea de LSPs praticadas pelos surdos. Desta língua primária, originou-se a Língua de Sinais Nicaragüense (ISN): trata-se do crioulo usado por crianças que entraram na escola com idade inferior a 10 anos. A PSN (*Pidgin* de Sinais Nicaragüense) é a mistura de um sistema sinalizado com o espanhol falado. Esta comunicação se dá entre os surdos e ouvintes. Quando uma geração inteira de crianças surdas nativa teve como *input* a LSN, nativizou-se a ISN.

Com relação aos verbos espaciais, a LSN mostrava origem e alvo através de movimento direcional de um sinal verbal, porém esses verbos não eram flexionados em pessoa. Por vezes, era indicado o sujeito e/ou objeto através de gestos dêiticos. No entanto, em ISN, os verbos podiam ser flexionados para pessoa através do uso de um movimento direcional. Ou seja, a ISN foi enriquecida com o passar do tempo, mostrando que crianças jovens são capazes de criar formas gramaticais mais complexas apesar do *input* inconsistente.

Por fim, concordamos com Emmorey (1999 p. 139) quando diz que: “os dados da Nicarágua indicam que a emergência de uma língua verdadeira é dependente de uma comunidade de usuários e não surge espontaneamente nos indivíduos”<sup>32</sup>.

## 2.5 Gestos icônicos e a iconicidade nas línguas sinalizadas

A Iconicidade é a representação parcial da forma, posição, conteúdo, número de um elemento representado. Assim, a conexão forma e significado é motivada.

Com a argumentação desenvolvida até aqui, aproximamo-nos, também, dos gestos icônicos. Estes gestos se revelam mais diretamente da percepção para o processamento lingüístico, no entanto, ao fazer parte da linguagem verbal esta motivação inicial é perdida total ou parcialmente no momento em que essa representação icônica se torna representação simbólica.

---

<sup>32</sup> “The Nicaraguan data indicate that emergence of a true language is dependent upon a community of users and does not arise spontaneously in individuals”.



Por isso, não há a necessidade de deixar de usar a definição de arbitrariedade das línguas devido ao fato de as línguas sinalizadas parecerem icônicas, elas são arbitrárias a partir do momento em que sinais motivados se tornam representações verbais.

Volterra (1990, p.2) concorda com isso ao dizer que: “Enquanto características icônicas de línguas sinalizadas têm passado por significativa modificação histórica e gramatical, é freqüentemente possível perceber a relação entre um signo e seu referente. Ao mesmo tempo, cada língua sinalizada pode escolher convencionalizar uma particular afinidade icônica num modo arbitrário.”

No caso dos signos chamados motivados, o significante, auditivo ou visual, tem um caráter que lembra mais ou menos um caráter do significado; podemos dizer, então, que esse liame entre significante e significado é inerente à natureza do significante, ou melhor, possui um liame intrínseco. (Eco 1976, p. 83).

Assim, para Eco todos os signos são convencionais no sentido de que os indivíduos estão de acordo para utilizá-los tal como se apresentam. Por outro lado, os termos ‘arbitrário’ e ‘motivado’ descrevem mal os fatos em pauta. (1976, p. 82)

A passagem de um gesto para uma posição de elemento lingüístico passa muitas vezes de uma motivação icônica para uma relação arbitrária. Isso se explica pelo fato de o verbal ser completamente abstrato e por ter propriedades gerativas, logo, restrito ao princípio de economia. As propriedades recursivas exigem uma economia maior para a produção e recepção lingüística.

Portanto, um sinal como LADRÃO em Libras que tinha motivação icônica, ou seja, simulava a mão de uma pessoa afanando algo, sofreu uma variação diacrônica arbitrária e atualmente pode ser realizado com um movimento interno de língua na bochecha e pode ser considerado uma metáfora.

A língua de sinais possui os chamados **classificadores** que são morfemas que representam classes semânticas como animais, pessoas ou veículos. Outros classificadores representam as formas e tamanhos específicos de um objeto por isso sua motivação icônica, pois representam a forma, o tamanho, a direção do sinal por eles modificado. No entanto, apresentam restrições quanto às suas formas delimitando-se lingüisticamente. Além do mais, eles demonstram que a motivação icônica não significa transparência, pois esses são de difícil aquisição para aprendizes de LS como segunda língua.

Mas por que tal fenômeno é bem mais comum nas LS?

A linguagem cinésica e visual tem propriedades motivadamente icônicas, pois representam a forma, o contorno ou parte de objetos reais do mundo físico. Para realizar

equivalentes icônicos da percepção são selecionados apenas alguns traços pertinentes dos objetos retratados. (Eco 1976, p. 187). Ou seja, eles representam parcialmente o mundo perceptível. Isso não ocorre com a linguagem sonora que possui baixo grau de iconicidade, por isso, a língua oral apresenta tão poucos registros icônicos como no caso das onomatopéias. Aliás, a criança ouvinte, também, descreve ações iconicamente, é o caso em que narra um evento e produz os sons que as ações desencadeiam: pá, pum, ploft, tic.

A língua inglesa apresenta alguns verbos onomatopéicos tais como: crash [estrondo], splash [pancada d'água], flash [clarão, lampejo] e outros vocábulos como cuckoo [cuco] e peewit [pio].

No português, a onomatopéia vapt-vupt significa “rapidamente”. Pode até ser acompanhada de gesto (mão com dedos esticados, unidos entre si, movidos para frente e para trás).

Porém, a língua continua sendo arbitrária, porque se escolheu representar, convencionalmente, um e não outro protótipo icônico de certo objeto. Por questões de economia e recursividade essa motivação pode perder-se, diacronicamente. Além do mais, as crianças que aprendem uma LS não estão sujeitas a identificarem a motivação inicial de um sinal, por exemplo, a palavra LEITE que retoma a ação manual de tirar o leite da vaca. Aliás, numa sociedade industrializada, essa atividade manual foi substituída pela máquina, atualmente, essa motivação inicial não seria transparente para a criança.

Um exemplo do PB é o item lexical *mouse*, um empréstimo do inglês. O formato do aparelho lembra um camundongo (tem uma motivação icônica e o nome dado sugere essa motivação), mas o PB não o traduziu, absorveu-o tal qual se apresenta no inglês. Talvez esse aparelho recorde mais o referente que originou a motivação para o povo de língua inglesa do que para nós brasileiros, pois para nós, *mouse* é o aparelho cuja utilidade não nos remete a um animal.

Assim, iconicidade tem a ver com modalidade e não com *status* arbitrário ou não da língua.

A iconicidade é um assunto que causa muitas divergências entre os pesquisadores das línguas sinalizadas (Cuxac, 1996, 2000; Wilcox in: Cognitive Linguistics, 15-2: 2004; Wilcox & Wilcox in: Bybee & Fleischman, 1995; Ferreira Brito, 1993; Bellugi in: Volterra & Erting, 1990; Casey, 2003; Pizzuto & Volterra, 2000). De um lado pelas propriedades arbitrárias com que Saussure definiu as línguas naturais, já que na época de Saussure as línguas sinalizadas não faziam parte do estudo lingüístico, logo, não poderia ser evidenciada a existência de línguas realizadas numa modalidade diferente à das línguas faladas. Por outro lado, a

influência negativa que essa definição de língua natural impingiu às línguas sinalizadas por apresentarem motivações icônicas em maior proporção. Houve inclusive um esforço em ignorar a iconicidade ao estruturar as línguas sinalizadas, pois admitir a iconicidade era admitir que as LS não fossem línguas naturais (Stokoe, 1960; Supalla & Newport, 1978; Supalla, 1982).

Segundo Ferreira Brito (1993), a iconicidade desempenha papel importante em línguas sinalizadas. Essa constatação foi enfatizada após um estudo dos locativos e dos modais da LSB.

Itens lexicais como TELEFONE e CASA se relacionam a seu referente pela representação icônica parcial. No entanto, os sistemas semânticos como os modais e os locativos temporais apresentam iconicidade abstrata.

Segundo o raciocínio de Lakoff e Johnson (1980), Ferreira Brito utiliza o termo metáforas orientacionais para fazer a análise dos modais e dos locativos temporais. Ou seja, assim como as expressões ‘alto astral’ e ‘baixo astral’ estão relacionados metaforicamente com o estado emocional da pessoa, sugerindo que o que está acima/ alto está relacionado com coisas positivas e o que está abaixo/ baixo indica coisas negativas. Assim, também, ocorre na LSB e em outras línguas sinalizadas, a linha temporal mais usada representa o passado com movimento de mão para trás e o futuro com movimento de mão para frente. Na LSB, o sinal ANO, tem a forma de uma mão fechada sobreposta à outra também fechada cujo movimento da mão inferior é realizado para frente e para cima da outra mão, trocando as posições; já o sinal ANO PASSADO é realizado contrariamente, ou seja a mão de cima é que se move para trás e para baixo.

Com relação ao estudo de Ferreira Brito, os modais também representam metáforas orientacionais. A modalidade deôntica que se relaciona com as noções de obrigatoriedade e proibição como os sinais PODER, PROIBIR, PRECISAR é realizada no espaço neutro à frente com movimentos de mãos enérgicos, metaforicamente denominados de ‘mãos em ação’. Já os modais epistêmicos que relacionam noções de certeza, falsidade, probabilidade cujos sinais em LSB (FALSO, ACHAR, DUVIDAR) têm sua realização na cabeça, sugerindo uma metáfora denominada ‘raciocínio em processo’.

Com a apresentação desses exemplos, verificamos que a iconicidade não está somente ligada a conceitos concretos, mas também a conceitos abstratos. Além disso, metáforas orientacionais sugerem a iconicidade também nas línguas faladas. Por isso, Ferreira Brito sugere um universal lingüístico que poderia substituir a arbitrariedade do signo pela convencionalidade do signo, pois sugere que a arbitrariedade e a iconicidade são

incompatíveis, mas a convencionalidade é compatível com signos motivados e signos arbitrários.

Essa sugestão é plausível no que concerne à alteração de alguns itens lexicais cuja forma original é icônica, mas nas derivações morfológicas os aspectos motivados são submersos.

Bellugi apresenta exemplos como os sinais FAST (rápido) em ASL. Ao receberem intensificação no movimento intensificaram iconicamente o seu significado (aspecto) para VERY FAST (muito rápido). No entanto, sinais como VERY SLOW (muito vagaroso) foi convencionalizado com um movimento curto e extremamente rápido, contrariando sua possível iconicidade. O que diferencia um sinal do outro é que um preservou a motivação icônica e o outro se tornou arbitrário. O mesmo acontece com alguns gestos que foram o substrato do processo de gramaticalização tornando-se itens lingüísticos como foi exposto na seção 2.4.1.1 e 2.4.1.2 Casey (2003) advoga que a direção do movimento do gesto na flexão de alguns verbos é freqüentemente icônica no que se move da origem para o alvo, refletindo a direção do movimento da ação no mundo real; além do mais, ela evidencia que essa direcionalidade foi um processo de gramaticalização que pode ser observado na progressão:

substrato gestual direcional → gesto direcional simbólico → estabilização → convenção.
--

Quadro 10 – processo de gramaticalização

Assim, somente a convencionalidade do signo pode explicar casos como estes. Parece-nos ser uma característica das habilidades verbais a possibilidade de transição de um item extralingüístico para alcançar *status* lingüístico. Essa transição certamente obedece às regras pré-estabelecidas de uma gramática internalizada, mas, sobretudo, é realizada por forças sociais de uma convenção coletiva.

Em resumo, ao falar sobre iconicidade temos que levar em consideração:

1. a modalidade das línguas que estão sendo analisadas;
2. as mudanças que uma língua sofre com o passar dos tempos, o que pode favorecer o apagamento da motivação icônica de alguns sinais como as descritas acima;
3. o processo de gramaticalização que comprova os achados das línguas sinalizadas que apresentam inúmeros exemplos de gestos icônicos lingüisticamente convencionalizados numa língua sinalizada;
4. a convenção social ao introduzir signos motivados na gramática de uma língua.

### **3 A COMPLEMENTARIDADE ENTRE AS LINGUAGENS VERBAL E GESTUAL NA COMUNICAÇÃO DE SUJEITOS SURDOS**

#### **INTRODUÇÃO**

Não se pode ter a certeza de terem sido identificadas, corretamente, as relações entre os tipos e a hierarquia dos tipos de gestos, sem terem sido estudadas, estatisticamente, as ocorrências. Por esse motivo, incluímos em nossa pesquisa a coleta de um *corpus*, sinalizado e gestualizado, para que fosse possível identificar o papel dos gestos complementares aos enunciados lingüísticos dos sinalizantes de LSB.

Como já informamos na introdução geral, os objetivos a que se destina a nossa experimentação são os seguintes:

- identificar o uso dos gestos complementares às produções lingüísticas em adultos surdos através da narração de estória, buscando organizar e descrever a tipologia da linguagem gestual;
- analisar o *status* desses gestos e quais são as estratégias usadas para efetivar a comunicação na transmissão dos dados percebidos visualmente e expressos verbalmente;
- além de identificar os elementos lingüísticos e paralingüísticos das produções sinalizadas, buscar-se-á fundamentar a hipótese da complementaridade entre os dois sistemas na modalidade sinalizada.

Considerando estes objetivos, foi utilizada a metodologia descrita a seguir.

#### **3.1 METODOLOGIA**

##### **3.1.1 Sujeitos**

O experimento foi realizado com três sujeitos surdos (duas mulheres e um homem) usuários de língua de sinais brasileira, compreendendo a idade entre 27 e 31 anos. Eles são fluentes em língua brasileira de sinais, mas não são nativos desta língua, ou seja, não têm a LSB como primeira língua, pois nasceram em meio ouvinte.

A escolha destes sujeitos não esteve condicionada a nenhum rigor seletivo. Basicamente, a pesquisadora estendeu o convite a alguns surdos, com quem se relaciona nas associações ou na universidade, esclarecendo os objetivos da pesquisa e a necessidade de

cessão da imagem desses voluntários para a produção desta pesquisa. Após o convite seguiu-se uma dificuldade muito grande no que tange a compatibilidade de horários, resultando na disponibilidade desses três sujeitos:

Renata – Surda profunda desde os 7 meses de idade. Sua surdez foi causada por uma queda ocorrida nessa idade, seguida por uma encefalite aguda. Aos 3 anos, recebeu atendimento na Fundação Catarinense de Educação Especial onde iniciou um longo processo de oralização. Aos 9 anos, foi submetida ao método Comunicação Total, uma abordagem educacional que consistia no uso de português sinalizado. Finalmente, aos 16 anos começou a ter contato com a LIBRAS, sendo, portanto, usuária dessa língua por mais ou menos 12 anos. Trabalhou na Fundação Catarinense de Educação Especial e, hoje, é instrutora de cursos de LIBRAS.

Dilcéia – Surda, com perda auditiva moderada, desde o primeiro ano de vida. Perdeu sua audição devido a uma grave infecção de ouvido. Recebeu ensino de práticas oralistas na instituição IATEL, aos 4 anos, mas somente aos 8 anos é que conseguiu produzir suas duas primeiras palavras: “papai” e “mamãe”. Saiu dessa instituição aos 12 anos e, somente aos 23 anos teve contato efetivo com alguns surdos, usuários de LIBRAS, com quem trabalhou. É, portanto, usuária de LIBRAS há, apenas, 4 anos quando se filiou a uma associação de surdos. Recentemente ingressou no Curso de Letras Libras na Universidade Federal de Santa Catarina.

Deonísio – Nasceu surdo, com perda auditiva bilateral profunda. Cresceu no seio de uma família ouvinte e recebeu educação oralista na infância. Foi atendido pela instituição IATEL, e, aos 11 anos, mesmo tendo encontrado surdos que se comunicavam com língua de sinais, era obrigado a oralizar, sendo proibida a comunicação em LS. Aos 15 anos, filiou-se à associação de surdos de São José. Considera-se fluente em Libras a partir dessa fase, portanto, usuário há 15 anos. Atualmente, é mestrando do Curso de Pedagogia na UFSC e professor do ensino médio e fundamental há 7 anos.

### 3.1.2 Materiais

Para coletar os dados, foi apresentado um caderno com as ilustrações da obra de Mercer Mayer (1969), *Frog, Where are you?*, aos surdos que deveriam recontar, em língua de sinais, a história percebida visualmente. Segue-se uma amostra deste material contendo a sequência de duas cenas:

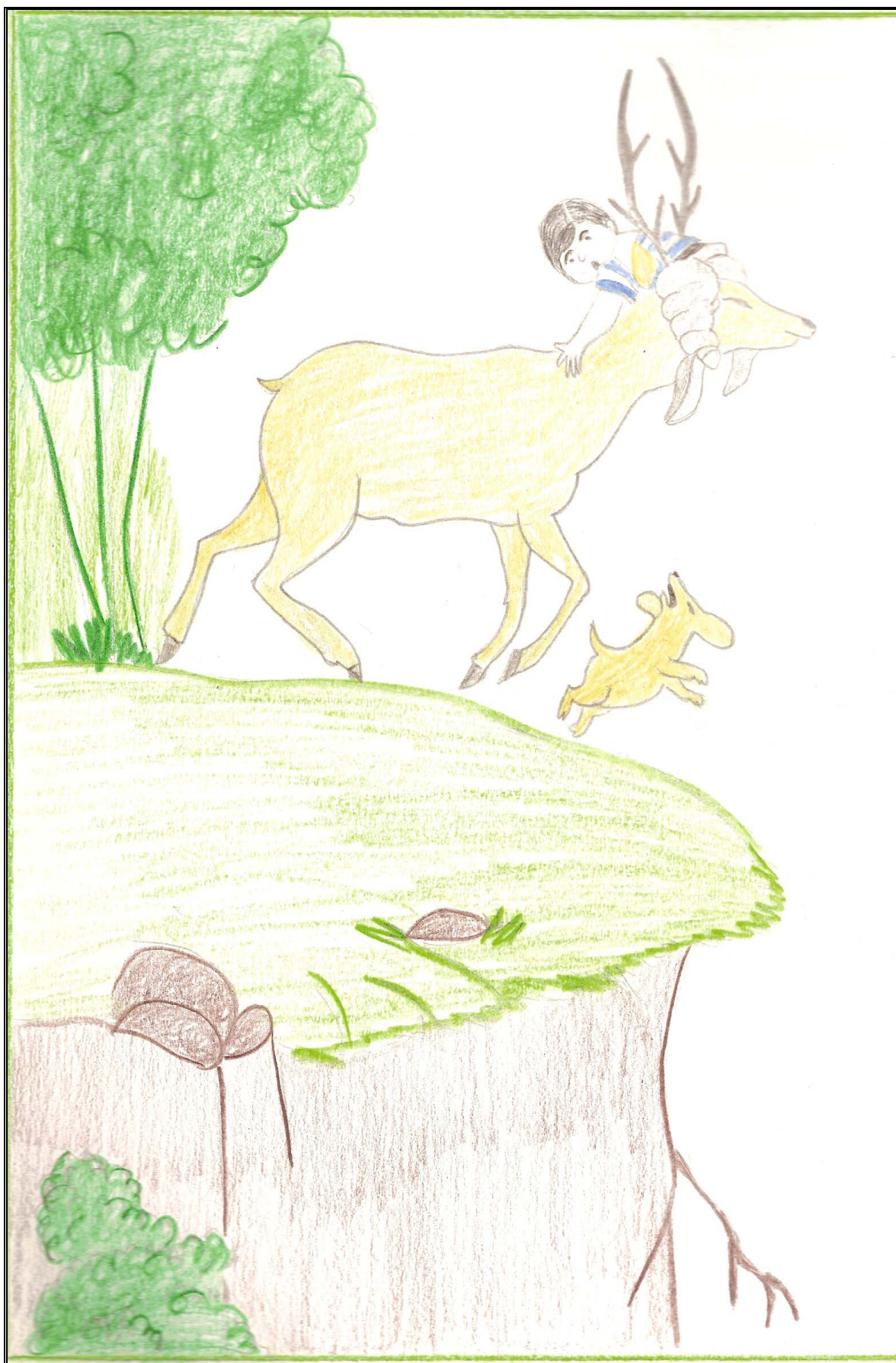


Ilustração 9 – Cena número 16 da estória do Frog.





Ilustração 10- Cena número 18 da estória do Frog.



As narrativas foram registradas em vídeo e posteriormente digitalizadas para o melhor manuseio em computador. Para o tratamento das imagens foi utilizado o programa ELAN<sup>33</sup> que, embora não tenham sido aproveitados todos os recursos de que ele disponibiliza, facilitou a tarefa de transcrição.

### 3.1.3 Procedimento

Os dados foram coletados de forma experimental, pela pesquisadora desta dissertação, sob acompanhamento e orientação da Professora Doutora Ronice Muller de Quadros que é ouvinte, mas nativa e usuária da LSB.

O estímulo aplicado foi a obra, *Frog, where are you?*, supra citada, cuja história se apresenta em seqüências visuais pictográficas. Assim, a tarefa solicitada aos sujeitos foi a de narrar em LSB os eventos percebidos visualmente nas imagens. Este estímulo visual foi escolhido pelo fato de ser descrito em imagens estáticas, ou seja, diferente da utilização de imagens visuais tridimensionais em vídeo. Esse recurso estimula a criatividade narrativa dos sujeitos que precisam usar estratégias discursivas para representar, de forma tridimensional, os deslocamentos, a direcionalidade e os movimentos que não são vistos, mas fruto da criatividade comunicativa e lingüística.

As cenas ilustradas eram apresentadas sequencialmente, enquanto, em pé e de frente para a filmadora, os surdos as narravam.

Depois de digitalizadas, as narrativas foram minuciosamente analisadas segundo os critérios de análise empregados em McNeill (1992) em que os gestos são classificados como:

- gestos dêiticos (Gd) são os gestos que o sujeito utiliza para tocar ou indicar diretamente um objeto, pessoa, local ou evento particular.
- gestos representacionais ou simbólicos (Gr) – emblemáticos, pantomímicos, icônicos e metafóricos - são categorias que incluem todos os tipos de gestos que se referem a um objeto, pessoa, ou evento por meio de movimento de mão ou pelo movimento do corpo. Eles representam referentes estáveis e seu conteúdo semântico básico não muda com o contexto (incluindo gestos convencionais – balanço de cabeça significando ‘não’ e os gestos reconhecíveis – como a representação de segurar o telefone).

---

<sup>33</sup> O programa ELAN (EUDICO – Language Anotator) é uma ferramenta de anotação que permite a criação, editoração, visualização de dados de vídeo e áudio. Acessado na página [http://www.let.kun.nl/sign-lang/echo/ELAN/ELAN\\_intro.html](http://www.let.kun.nl/sign-lang/echo/ELAN/ELAN_intro.html).

Nessas duas classificações incluiremos também os gestos rítmicos (Gt) que podem ser comparados aos *beats* descritos por McNeill (1992), porém com a ampliação de escopo para os seguintes gestos: informativos, intensificadores e afetivos. Estes gestos foram acrescentados à nossa análise depois de identificada a necessidade de codificar alguns gestos que não se enquadravam em nenhuma das categorias acima.

A transcrição foi revisada por sujeitos usuários de LSB e pela orientadora desta pesquisa.

### 3.1.3 Protocolo de transcrição

Como procedimento padrão, adotaremos parte do protocolo de transcrição presentes em Quadros e Karnopp, 2004; Quadros e Pizzio, 2005; Emmorey, 1999; Eco, 1976 e algumas adaptações realizadas pela pesquisadora.

A divisão do espaço gestual e sinalizado para fins de transcrição, adaptado de Pedelty (1987), e as configurações de mãos de LSB, para fins de transcrição dos gestos e sinais de LSB, encontram-se ilustradas abaixo.

Conforme convenção entre a maioria dos pesquisadores desta língua, dentre eles Quadros e Karnopp (2004) e Quadros e Pizzio (2005):

- As glosas substitutivas do português para representar os sinais de LSB são escritas em letra maiúsculas. Ex. ARVORE;
- Na soletração manual, cada letra é separada por hífen: Ex. S-A-P-O;
- A repetição de um sinal será indicada pelo símbolo +;
- O uso de apontamento será indicado com letras minúsculas dentro da marcação IX <. Ex.: IX<buraco> VER;
- Composições de duas palavras com valor semântico de uma só são unidas por ^. Ex.: HOMEM^PEQUENO = MENINO;
- Os verbos simples são transcritos na seguinte formatação: MENINO **PROCURAR**;
- Os verbos espaciais têm afixos locativos que serão representados da seguinte forma: <menino> locyCOLOCARlocz;
- As flexões de aspecto que são incorporadas a determinados verbos são indicadas entre parênteses com suas abreviaturas correspondentes: (+asp) para aspecto, (+dur) para durativo, (+cont) para contínuo, (+inc) para incessante.

- Uma linha acima do sinal indica o escopo da expressão facial nomeada no final da linha.  
Ex.: \_\_\_\_\_<sup>des</sup>  
MENINO cl< **PEGAR**-cachorro-no-colo>;

Conforme critérios encontrados em Emmorey (1999):

- As glosas multi palavras são conectadas por hífen. São empregadas nas pantomimas e nos gestos icônicos. Os classificadores, por possuírem propriedades icônicas representacionais, estão inseridos neste caso. Eles são precedidos pela abreviatura ‘cl’ e entre <>. Ex. cl<objeto-esférico-caiu-ao-chão>;
- A flexão morfológica dos classificadores é indicada em subscrito e entre colchetes. Ex. [cm 56, bim, palmas esquerda-direita, à frente do tórax, movimento descritivo da forma do objeto];
- O sujeito nulo ou objetos de discurso reconhecidos apenas no contexto narrativo são indicados entre parênteses. Ex.: (o menino) chama o sapo insistentemente;

Conforme Eco (1976):

- Os vocábulos entre << >> são tomados como o significado aproximativo de um sema gestual;
- Apontamentos que representam pronomes demonstrativos ou advérbios locativos são descritos pelos elementos que os compõem. +/- apicalidade, +/- longitude, +/- movimento, +/- força. Para tal segmentação incluímos também a direcionalidade: +direita, + esquerda.

Procedimentos de transcrição adotados pela pesquisadora deste experimento:

- Os gestos, que ocorrem alternadamente com os sinais, são descritos em caixa baixa, e os verbos gestuais em negrito e entre barras. Ex. CORUJA (...) **VOAR** MENINO /**espantar** /...;
- A direção verbal e do olhar de alguns verbos direcionais são representados entre colchetes e em sobrescrito. Ex.: **VER** <sup>[do e dv: à esquerda e abaixo]</sup>;
- O conteúdo entre chaves {}, informa sobre as mudanças de perspectivas e posição do corpo ou dão informações contextuais;
- Os gestos estão entre barras simples e numerados conforme a ordem em que ocorrem e conforme a tabela em que é segmentado. Ex.:

083- 2/<sup>seV</sup>silêncio/ {corpo direcionado à esquerda} 40/**esperar**/

- Silêncio, fique quieto.

- Um verbo, que tem sua realização convencionalizada com uma mão, será descrito entre colchetes quando sua realização for bimanual, o mesmo ocorre com os bimanuais realizados por apenas uma mão;
- Os gestos icônicos convencionalizados são representados no formato ic< >. Ex.: ic<orelhas-em-pé>;
- Algumas informações são dadas entre barras duplas e se referem à intensidade de determinados movimentos que são extensões de alguns sinais. São o que chamamos de gestos intensificadores.
- As realizações de alguns sinais manuais, como os quantificadores, são descritas entre colchetes.

Para fins de clareza, em anexo consta:

- a estória apresentada aos sujeitos;
- uma interpretação da estória que será transcrita em língua portuguesa;
- as transcrições de cada narrativa.

As etapas de análise dos gestos foram adaptadas de McNeill (1992), algumas alterações foram feitas porque este protocolo cabe à análise de línguas orais, descritas a seguir:

- I. Identificação dos movimentos que são gestos;
- II. Localização dos movimentos gestuais no espaço;
- III. Classificação segundo sua tipologia e função;
- IV. Codificação dos gestos dêiticos e representacionais;
- V. Codificação da forma gestual e significado;
- VI. Formatação.

- I. Identificação dos movimentos que são gestos

Consideramos gestos os elementos que concorrem com os elementos lingüísticos no enunciado ou compõem uma sentença. A primeira tarefa realizada foi a de separar as narrativas em sentenças devidamente numeradas. Como ponto de partida foi usado o dicionário trilingüe Capovilla, além de outros dicionários virtuais. Esses dicionários nos auxiliaram no reconhecimento dos vocábulos. Em seguida, foram identificados os verbos que foram destacados em negrito, identificando-se seus argumentos. Para esse trabalho foram

consultadas algumas publicações brasileiras de análise sintática em Libras (Quadros e Karnopp 2004; Pizzio, 2006). Posteriormente, foram separados os gestos, expressões faciais e corporais. Esses dados foram analisados quantitativamente: o total de ocorrências verbal e gestual em cada narrativa, que serão descritos no próximo capítulo, onde também será descrita uma análise qualitativa de alguns exemplos.

A separação entre os verbos classificadores dos outros gestos icônicos ou pantomímicos foi realizada seguindo-se os seguintes critérios:

- utilização de uma configuração de mão que faz parte do conjunto de CM da LSB;
- a mão representa um objeto ou pessoa ou ainda um evento;
- o verbo principal é preenchido por seus argumentos, o que o diferencia dos gestos icônicos e das pantomimas que são descrições globais e não convencionadas.

Assim, quando há um verbo e o seu complemento é um gesto, este gesto é considerado um componente porque é encaixado no enunciado. Neste caso, é possível que, além de ter função comunicativa, também seja um recurso de busca lexical ou ainda, na impossibilidade de encontrar o léxico desejado, o gesto o substitua.

## II. Localização dos gestos no espaço.

Para essa etapa adotamos a figura abaixo, adaptada de Pedelty (1987).

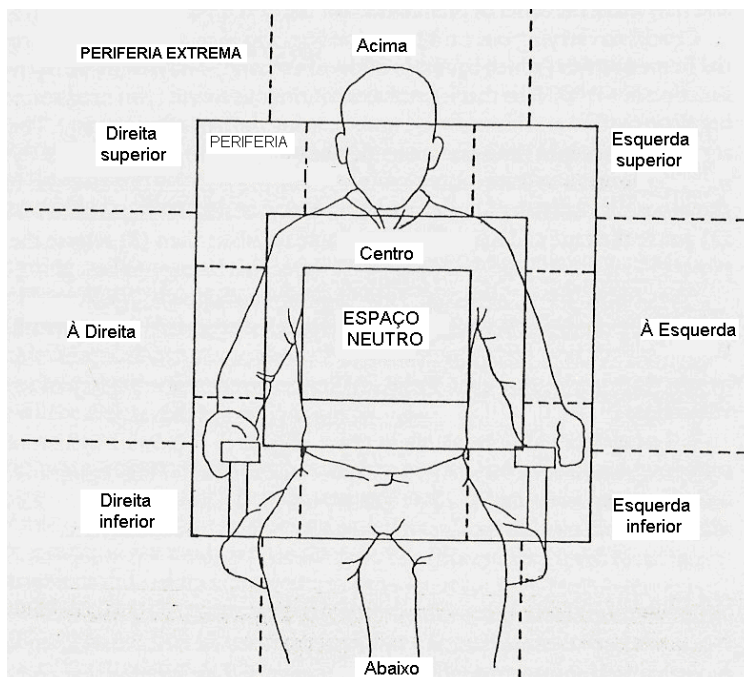


Ilustração 11 - Divisão do espaço sinalizado e gestualizado.

O espaço sinalizado respeita a divisão contida nesta ilustração, portanto, serão considerados gestos os elementos que se realizarem fora deste espaço, entre outros aspectos.

### III. Classificação dos gestos segundo sua tipologia e função

Depois da análise preliminar, os gestos foram classificados de acordo com o tipo, função e posição na sentença. Esses gestos podem estar inseridos em três categorias distintas:

1. Representacionais (Gr) (representam os atributos, as ações ou relações aos objetos e personagens). Podem ser de quatro tipos:

- icônicos
- pantomímicos
- emblemáticos
- metafóricos

As pantomimas são identificadas segundo os seguintes critérios:

- o corpo todo do narrador é o corpo do personagem;
- são descrições das cadeias de eventos concretos globais, usando recursos abstratos como elementos ausentes na descrição;
- utiliza o ponto de vista dos personagens;
- dão vida aos objetos e animais.

Os gestos icônicos são classificados segundo os seguintes critérios:

- a mão representa outro referente ou outra parte do corpo ou outro objeto;
- geralmente utiliza o ponto de vista do observador.

Emblemas são gestos estabilizados culturalmente em que já foi convencionado um significado específico. É um tipo de empréstimo comunicativo proveniente das línguas orais, mas que, inserido no contexto sinalizado corresponde, muitas vezes, a itens lexicais das LSs.

Os gestos metafóricos são gestos que não têm um significado muito claro, são adjungidos aos enunciados e necessitam do conhecimento contextual prévio ou das informações simultâneas para serem interpretados. Eles representam ‘imagens’ de conceitos abstratos.

2. Dêiticos (Gd) (os dedos apontam, indicam objetos ou pessoas concretos ou imaginários).

Quanto aos gestos dêiticos observa-se tão somente o que está sendo indicado - objeto, pessoa, animal - e qual a direção indicada no espaço.

3. Rítmicos (Gt) (representam a intensidade, força, extensão e dimensão de um sinal e cumprem funções pragmáticas)

Os gestos 'rítmicos' se realizam pela intensificação dos articuladores faciais, manuais, corporais ou de modulação de movimentos. São recursos enfáticos, principalmente, nas narrativas e estão intimamente ligados ao conteúdo discursivo pragmático. Eles podem ser divididos em três classes: gestos afetivos, gestos informativos e gestos intensificadores.

Os gestos afetivos são representados pelas expressões faciais e corporais (tensão maior e força). Eles representam o ponto de vista do personagem e seu estado emotivo.

- Alegre (ale); satisfeito (sat); admirado (adm); curioso (cur); surpreso (sur); intrigado (intr); irado (ira); espantado (esp); apavorado (apav); duvidoso (duv); sôfrego (sof); cansado (can); severo (sev); contrariado (contr); esforçando-se (esf) e vigilante (vig)

Os gestos informativos são produzidos para indicar a mudança contínua ou discreta das representações mentais de um indivíduo. Neste caso, relaciona-se tão somente às manifestações das representações mentais sejam de ordem comunicativa ou inconsciente do informante. São expressos por meio de pausas, acenos de mãos ou cabeça e movimentos discretos do corpo, fora do contexto narrativo.

Os gestos intensificadores são gestos que se apresentam numa extensão do sinal. São realizados principalmente por um movimento mais acentuado do corpo e membros. Assim como os falantes usam a entonação para dar ênfase a algumas ações, assim os sinalizantes usam seu corpo para intensificar e destacar uma ação.

#### IV. Identificação dos gestos representacionais

O gesto pode ser codificado em três partes: a) mão e b) movimento e c) significado, assim definidos:

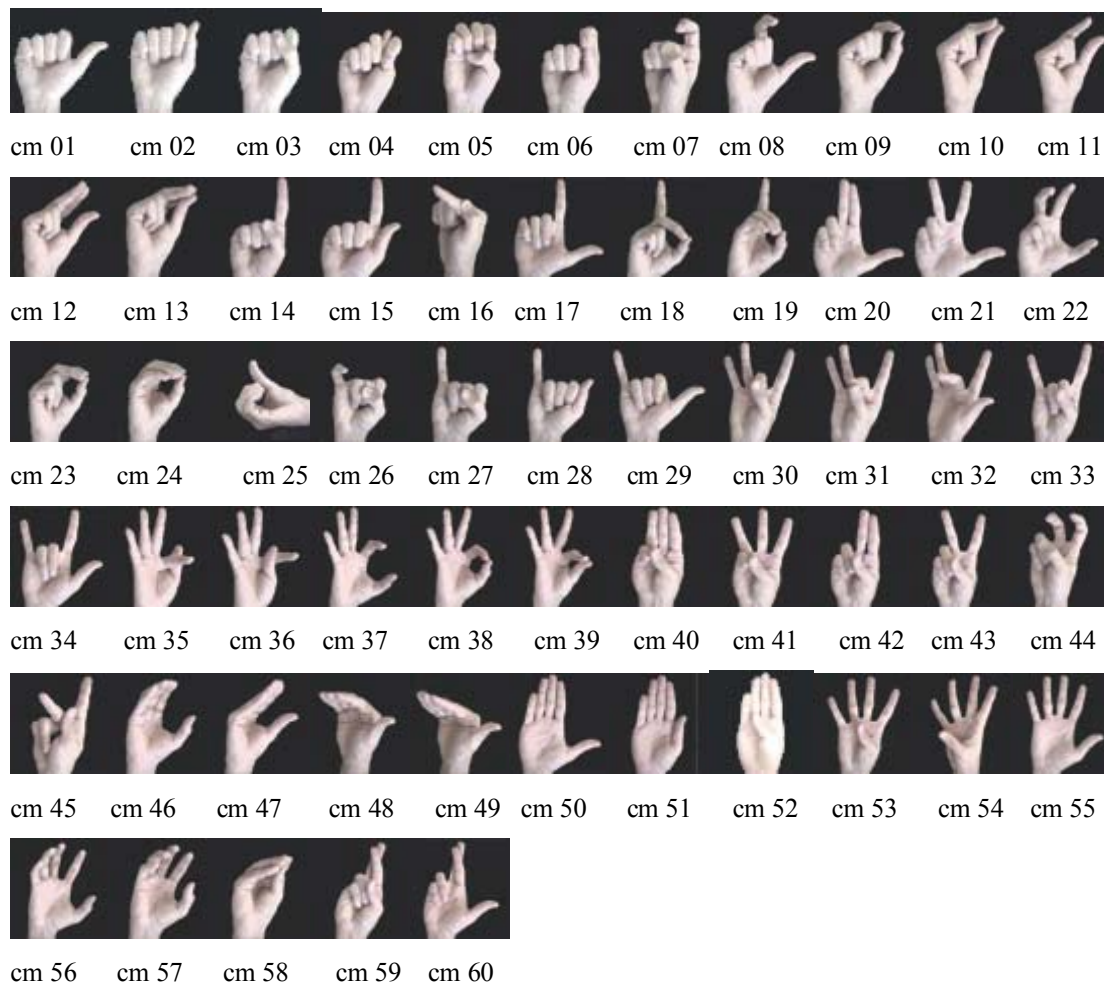
a) a mão descreve quatro dimensões:

1. mão esquerda, direita ou ambas as mãos, e neste caso o movimento é simétrico ou faz coisas diferentes, ou, ainda, podem ser coordenados;
2. forma de mão (conforme ilustradas e codificadas abaixo)
3. orientação da palma da mão e dos dedos
4. local no espaço em que os gestos são articulados.

b) Movimento: descrito em três dimensões:

1. forma do movimento (trajetória);
2. lugar no espaço em que é articulado;
3. direção do movimento;

Configuração de mãos e ilustração do espaço gestual/sinalizado para fins de transcrição dos gestos e sinais de LSB.<sup>34</sup>



c) o significado do gesto:

a. O que a mão, o corpo ou o movimento representam?

b. qual o ponto de vista que eles representam?

V. Codificação da forma gestual e do significado;

1) forma

<sup>34</sup> Imagens extraídas do site [www.ines.org.br/libras/principal.asp](http://www.ines.org.br/libras/principal.asp).



a) Configuração de mão: CM

Mão direita: MD

Mão esquerda = ME

Ambas as mãos = AM

Formas idênticas = FI (significa que as mãos têm a mesma forma)

Formas diferentes = FD (significa que as mãos têm formas diferentes)

b) Orientação da palma e dedos

Para cima = PC

Para baixo = PB

Ao centro = AC

Para frente = PF

Para trás = PT

Para a direita = PD

Para a esquerda = PE

c) Movimento:

Ao redor do corpo = AR

Para fora do corpo = FC

Paralelo à frente = FP

Paralelo ao lado = PL

d) Direção

Unidirecional, um movimento = Uni-1

Dois movimentos, esforço em uma direção, outro movimento = Uni-2

Bidirecional, dois movimentos com esforço em ambas as direções = Bidir

Ambas as mãos se movem para o mesmo trajeto = 2TI

Cada mão é movida em trajetos diferentes = 2TD

e) Significado

mão ou corpo representam:

Um personagem ou um objeto?

o movimento representa:

Uma ação ou uma direção?

o ponto de vista:

É do personagem, do observador ou dual?

## VI. Formatação

A formatação de cada gesto é apresentada como na seguinte tabela em que se encontra o número do gesto-*type*, seu tipo, a configuração, orientação das mãos envolvidas, o ponto de articulação, descrição do movimento, qual o ponto de vista e a glosa ou significado semântico aproximativo.

<b>1.</b>	Tipo de gesto:	icônico
	Qual mão:	ambas
	Configuração de Mão	cm 42
	Orientação da palma:	Para frente
	Local de articulação:	à altura das têmporas
	Movimento:	dos dedos para frente e para trás
	Ponto de Vista:	do personagem <cachorro>
	Glosa:	<<de orelhas em pé>>

Neste momento, após terem sido especificados os procedimentos de análise, serão apresentados os resultados obtidos nesta pesquisa que constarão no próximo capítulo.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados refere-se aos sujeitos desta pesquisa, Renata (RN), Dilecia (DG) e Deonísio (DS), aos quais foi solicitado que narrassem, em língua de sinais, uma estória pictórica infantil. Suas produções distinguem-se em tempo de narração, 256s, 302s e 347s, respectivamente. Por esse motivo, estaremos apresentando uma análise quantitativa dos dados observados a fim de verificarmos algumas variáveis que interferem nas diferenças de performance narrativa.

### 4.1 ANÁLISE QUANTITATIVA

Os aspectos possíveis de interferência nas variações foram os seguintes:

- a) desempenho narrativo;
- b) diferenças de registro ;
- c) o gênero discursivo.

#### 4.1.1 As diferenças do desempenho narrativo de cada participante

O desempenho pode ser alterado devido às experiências sociais e profissionais às quais estes surdos têm acesso. Por exemplo, o sujeito DS é professor de ensino médio para surdos há 7 anos. Nesse sentido, inferimos que a prática pedagógica pode influenciar o desempenho narrativo, pois poderão ser utilizados conhecimentos meta-narrativos adquiridos no exercício docente.

Por outro lado, há os que, no convívio social, desenvolvem várias habilidades, dentre elas, a desenvoltura comunicativa e a habilidade gestual como estratégia de ênfase narrativa.

Uma análise quantitativa do número total das ocorrências de gestos e sinais apresentou os seguintes resultados:

	RN	DG	DS	TOTAL
Sinais	121 (79%)	159 (73,3%)	180 (73,8%)	461 (75%)
Gestos	33 (21%)	58 (26,7%)	64 (26,2%)	154 (25%)

Tabela 5 - Porcentagens das produções individuais

O gráfico abaixo favorece maior visibilidade no que tange às diferenças das produções gestuais e sinalizadas dos sujeitos.

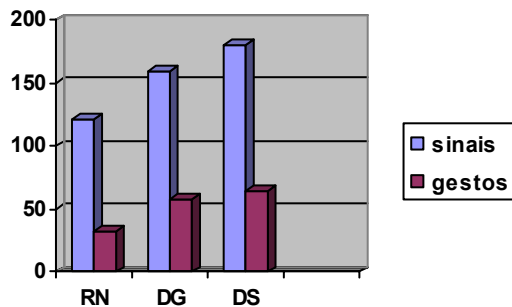


Gráfico 1. Produções de gestos e sinais dos sujeitos.

Para uma análise mais refinada dos dados, adotamos, também, a estatística  $\chi^2$  ou  $X^2$ , assim desenvolvida:

AMOSTRA	SINAIS	GESTOS	TOTAL
RN	121	33	154
DG	159	58	217
DS	180	64	244
TOTAL	461	154	615

Tabela 6 - amostra

AMOSTRA	SINAIS	GESTOS	TOTAL
RN	121	33	154
esp	115,4373	38,5626	
$(o-e)^2/e$	0,2680	0,8023	
DG	159	58	217
esp	162,6617	54,3382	
$(o-e)^2/e$	0,0824	0,2467	
DS	180	64	244
esp	182,9008	61,0991	
$(o-e)^2/e$	0,0460	0,1377	
TOTAL	461	154	615

Tabela 7 – desenvolvimento da estatística  $\chi^2$

$$\chi^2 = 1,5831$$

$$GL = (2-1) \times (3-1) = 2$$

Há uma associação entre os grupos, pois as frequências observadas são diferentes das frequências esperadas. No entanto, ao se aplicar o teste  $\chi^2$  verificamos a hipótese de igualdade estatística entre os números esperados, pois os desvios não são significativos.

$$p > \alpha (0,05) = H_0$$

$H_0$  = Gestos e Sinais são variáveis independentes nos sujeitos estudados.

Concluindo: As variáveis são independentes para os sujeitos RN, DG e DS. O resultado mostra ser irrelevante as diferenças entre as ocorrências dos três sujeitos, ou seja, os gestos não representam uma variação discrepante de sujeito para sujeito, pois são inerentes à língua de sinais.

Considerando a performance individual, todos os sujeitos demonstraram habilidade em usar gestos associados aos enunciados lingüísticos. Os dados de DS revelam uma proporção de 2,81 sinais para cada gesto. Os recursos gestuais (26,2%) complementaram os enunciados verbais que totalizaram 73,8% de sua produção. Uma pequena diferença pode ser notada quando esse resultado é comparado ao resultado do sujeito DG. A produção gestual desse sujeito (26,7%) foi superior em 0,5% à do sujeito DS. No entanto, sua produção lingüística (73,3%) foi, igualmente, inferior à do sujeito DS, apresentando uma proporção de 2,74 sinais para cada gesto. Por outro lado, as produções gestuais (21%) de RN equivalem a, aproximadamente, 1/4 de sua produção verbal (79%), mais precisamente, 3,7 sinais para cada gesto. Os dados acima descritos referem-se às produções e porcentagens individuais dos sujeitos, considerando as diferenças de duração de suas narrativas.

Com esses dados, podemos verificar que o número das ocorrências gestuais dos sujeitos DG e DS suplantou as do sujeito RN que produziu um número de gestos inferior à média (25%) das ocorrências. Esse quadro pode comprovar outro fator que interfere nas narrativas e que será descrito a seguir.

#### 4.1.2 As diferenças de registro

Alguns fatores interferem nessa questão:

- a) o tempo de uso e exposição à língua de sinais;
- b) o convívio social em comunidades diferentes: ouvinte/surda ou ambos;
- c) o nível de instrução nessa língua, mais precisamente o nível de conhecimento gramatical da LSB;
- d) o nível de surdez, pois a surdez profunda não permite a percepção sonora da fala e por isso haverá menos mistura dos códigos.

Com o intuito de observar essa variável, as tabelas a seguir apresentam o número de ocorrências verbais e gestuais e sua classificação:

#### VERBOS

	RN	DG	DS
<b>MANUAIS</b>			
PEGAR	1	1	1
<b>TOTAL</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>

Tabela 8 – verbos manuais

	RN	DG	DS
<b>ESPACIAIS</b>			
COLOCAR (vb)	1	1	1
<b>TOTAL</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>

Tabela 9 – Verbos espaciais

	RN	DG	DS
<b>DIRECIONAIS</b>			
OLHAR	16	6	4
PROCURAR	4	4	5
NÃO-OLHAR	-	1	-
AVISTAR	1	-	-
<b>TOTAL</b>	<b>21</b>	<b>11</b>	<b>9</b>

Tabela 10 – Verbos direcionais

	RN	DG	DS
<b>SIMPLES</b>			
DORMIR	1	2	3
ACORDAR	1	1	1
SUMIR	2	1	1
GRITAR	1	-	-
ALEGRAR-SE	1	-	-
ENCONTRAR	1	-	-
PASSEAR	1	-	-
FUGIR	-	1	-
NÃO-TER	-	1	-
CHAMAR	-	5	-
FICAR	-	1	-
QUEBRAR	-	1	-
CORRER	2	2	-
SER	-	1	-
ESCONDER	-	1	-
ESCOLHER	-	1	-
SENTAR	-	-	1
COBRIR	-	-	1
IR-EMBORA	-	-	4
DESCOBRIR (SE)	-	-	1
EXPLODIR	-	-	1
ACHAR	-	-	1
APROVEITAR	-	-	1
<b>TOTAL</b>	<b>10</b>	<b>18</b>	<b>15</b>

Tabela 11 – Verbos simples

	RN	DG	DS
<b>CLASSIFICADORES</b>			
PULAR	1	-	1
VIRAR-para-baixo	1	1	1
LEVANTAR-janela	1	-	-
ABRIR-janela	1	-	-
COLOCAR-cabeça-no-vidro	1	1	2
CAIR	2	5	7
PEGAR	2	1	2
ACARICIAR-o-cachorro	2	-	1
VOAR	1	1	-
ATACAR-no-rostro	2	-	-
SUBIR	3	2	3
SEGURAR (SE)	5	3	1
MONTAR	1	-	1
ARREMESSAR	1	-	-
APOIAR (SE)	-	2	1
ALÇAR-vôo	-	1	-
CAMINHAR	-	1	8
ANDAR-na-ponta-dos-pés	-	1	-
SALTAR	-	-	1
BALANÇAR-árvore	-	-	1
CORRER	-	-	2
GALOPAR	-	-	1
<b>TOTAL</b>	<b>24</b>	<b>19</b>	<b>33</b>

Tabela 12 – Gestos classificadores

**GESTOS**

	RN	DG	DS
<b>ICÔNICOS</b>			
<<orelhas em pé>>	1	-	-
<<bater>>	1	-	-
<<hastes compridas>>	1	-	-
<<choque-contr-a-água>>	1	-	-
<<cachorro-na-cabeça>>	1	-	-
<<abandar-cauda>>	1	1	1
<<vidro-na-cabeça>>	-	3	1
<<lamber-a-face>>	-	1	-
<<fila>>	-	1	-
<<balançar-árvore>>	-	-	1
<<alçar-vôo>>	-	-	1
<<agitar-se>>	-	-	1
<<tronco>>	-	-	1
<b>TOTAL</b>	<b>6</b>	<b>6</b>	<b>6</b>

Tabela 13 – Gestos icônicos

	RN	DG	DS
<b>PANTOMÍMICOS</b>			
<<andar-devagar>>	1	-	-
<<jogar- coisas>>	1	-	-
<<ninar-o-cachorro>>	1	-	-
<<olhar>>	3	15	16

<<susto>>	1	-	1
<<cair>>	3	-	2
<<cachorro-na-cabeça>>	1	-	-
<<farejar >>	-	2	4
<<susto, defesa>>	-	2	-
<<espantar>>	-	2	-
<<sair>>	-	1	-
<<admirado>>	-	-	1
<<aproximar-se>>	-	-	1
<<aconchegado>>	-	-	1
<<sair-do-vidro>>	-	-	1
<<chacoalhar>>	-	-	1
<<tocar>>	-	-	1
<<arremessar-menino>>	-	-	1
<<cansado>>	-	-	1
<<descer>>	-	-	1
<b>TOTAL</b>	<b>11</b>	<b>22</b>	<b>32</b>

Tabela 14 – Gestos pantomímicos

	RN	DG	DS
<b>PANTO-ICÔNICOS</b>			
<<espiar>>	1	-	1
<<voar>>	1	-	-
<<arrastar-se>>	1	-	-
<<saltar-e-latir>>	-	2	-
<<olhar-a-cavidade>>	-	4	1
<<parar>>	-	1	-
<<tirar-cabeça-para-fora>>	-	-	1
<<descer>>	-	-	1
<<cachorro-na-cabeça>>	-	-	1
<<olhar-para-cima>>	-	-	1
<b>TOTAL</b>	<b>3</b>	<b>7</b>	<b>6</b>

Tabela 15 – Gestos panto-icônicos

	RN	DG	DS
<b>EMBLEMÁTICOS</b>			
<<silêncio>>	3	2	4
<<cadê>>	1	1	1
<<chamar>>	1	5	2
<<ouvir>>	-	1	-
<<esperar>>	-	1	-
<<tchau>>	-	1	3
<<positivo>>	-	-	2
<b>TOTAL</b>	<b>5</b>	<b>11</b>	<b>12</b>

Tabela 16 – Gestos emblemáticos

	RN	DG	DS
<b>METAFÓRICOS</b>			
<<meu Deus!>>	1	-	-
<<fazer o que?>>	1	-	-
<<pare!>>	1	-	-
<<que legal, claro>>	1	1	1
<<genial>>	1	-	-



<<correr, rápido>>	-	3	-
<<o que é isso?>>	-	1	-
<<atenção>>	-	1	-
<<então>>	-	1	-
<<abismado>>	-	-	1
<<quieto>>	-	-	1
<<então era isso>>	-	-	1
<<espere>>	-	-	1
<b>TOTAL</b>	<b>5</b>	<b>7</b>	<b>5</b>
<b>TOTAL DOS REPRESENTACIONAIS</b>	<b>30</b>	<b>53</b>	<b>61</b>

Tabela 17 – Gestos metafóricos

	RN	DG	DS
<b>DÊITICOS</b>			
Apontamentos	2	5	3
<b>TOTAL</b>	<b>3</b>	<b>5</b>	<b>3</b>

Tabela 18 – Dêiticos

A tabela 19 apresenta o total dos gestos representacionais e dêiticos e a tabela 20 fornece uma comparação entre as ocorrências verbais classificadoras com o número de gestos representacionais:

	RN	DG	DS	Total
Emblemáticos	5	11	12	28
Icônicos	6	6	6	18
Pantomímicos	11	22	32	65
Panto-icônicos	3	7	6	15
Metafóricos	5	7	5	17
Dêiticos	3	7	5	15

Tabela 19 – Total das ocorrências gestuais

	RN	DG	DS
Classificadores	24 (46%)	19 (26%)	33 (35%)
Gestos Representacionais	30 (54%)	53 (74%)	61 (65%)

Tabela 20 – Gestos representacionais e verbos classificadores

Nesse sentido, os dados quantitativos das ocorrências individuais revelam que os informantes têm uma produção verbal muito diferenciada no que tange ao uso gramatical verbal e o uso de gestos representacionais. A escolha do registro pode ser motivada pelo contato com estudos gramaticais da LSB, optando em usar o conhecimento sistematizado e não intuitivo sobre a língua a que foram expostos.

Os gestos representacionais somaram um total de 144 ocorrências sendo que foram produzidos 72 tipos destes gestos.

Se compararmos a tabela acima com a tabela que apresenta o número individual de ocorrências gestuais, verificamos que os sujeitos DG e DS optaram em usar muito mais pantomimas do que o sujeito RN. No entanto, o uso de classificadores foi mais consistente para o sujeito DS, ou seja, embora o seu uso pantomímico seja representativo, esse uso não substituiu o uso verbal, apenas o complementa. Isso é significativo pelo fato de termos aqui uma estratégia para transmitir maior riqueza de detalhes para esse tipo de gênero.

O sujeito DG performa um número consistente de gestos representacionais e um número inferior de classificadores. Isso pode estar relacionado com a sua constante convivência em ambiente familiar e profissional ouvinte e o tempo de exposição à língua de sinais. Não há em sua narrativa a preocupação de estar usando a gramática ‘padrão’ da LSB, embora o conteúdo informativo da sua narração tenha sido eficaz para a comunicação.

Verificou-se em cada narrativa que o contexto sócio-cognitivo e cultural afeta diretamente a forma lingüística e as escolhas comunicativas dos sujeitos. Além do mais, há determinantes culturais para o uso dos gestos.

Se considerarmos apenas as ocorrências lingüísticas dos sujeitos, sem levar em conta o contexto social em que se encontram, não há como obter dados reais da estrutura da LSB, pois, como vimos, as LSs, muitas vezes, são entrecruzamentos de LSPs em contato que se estabilizam com o uso social. Além disso, elas sofrem influências dos semas substitutivos como a datilologia e os gestos comunicativos provenientes de comunidades ouvintes. A ordem das sentenças também sofre influências da estrutura sintática da língua oral. Quando comparadas as produções dos sujeitos DG e RN, podemos observar que o primeiro usa algumas construções do Português, como verificamos na escolha combinatória do seguinte exemplo:

044- MENINO IR **DORMIR** TAMBEM CACHORRO IR **DORMIR**

Logo, por se tratar de um sujeito com resíduo auditivo, com menor tempo de exposição à LSB e pelo fato de ter convivido muito mais com ouvintes do que com surdos, percebemos a interferência sintática do português em algumas de suas produções.

#### 4.1.3 O tipo de gênero discursivo e o público alvo

Com relação ao gênero discursivo que está sendo analisado, há seqüências de caráter narrativo que requerem estratégias comunicativas tais como: entonação, ênfase, turnos de conversação, ilustrações que podem ser gestuais ou prosódicas, denominadas paralingüísticas.

Uma conversa social entre dois ou mais interlocutores exige escolhas meta-discursivas distintas das que são utilizadas no gênero narrativo, ou seja, a escolha de recursos lingüísticos e paralingüísticos se dá de acordo com a situação comunicativa, o local do discurso e a classe de interlocutores a que é dirigido. Com isso, verificamos que os gestos, identificados no nosso corpus narrativo, não cobrem todas as possíveis ocorrências de outros contextos discursivos. Essa observação vem ao encontro às palavras de Koch (2006, p. 53) quando diz que “a competência sócio-comunicativa dos falantes/ouvintes [interagentes] leva-os à detecção do que é adequado ou inadequado em cada uma das práticas sociais” (grifo nosso).

## 4.2 ANÁLISE QUALITATIVA

Com o objetivo de realizar esta análise foram separadas todas as sentenças em que aparecia algum tipo de gesto. Essa identificação foi realizada na transcrição dos dados, o que facilitou as descrições que serão realizadas neste espaço.

A nossa análise parte, primeiramente, do exame dos recursos verbais contidos nas narrativas, mas, sobretudo, se apóia, necessariamente, numa perspectiva discursiva semiótica que examina também os diferentes sistemas de signos como estratégias narrativas para a produção de sentido: os gestos, as expressões faciais, os movimentos corporais. Com base nisso, estaremos especificando cada tipo de gesto contido nas narrativas:

### 4.2.1 As diferenças entre gestos icônicos e pantomímicos

Os gestos icônicos são diferentes dos pantomímicos pelo fato de, como os classificadores gramaticais, terem uma configuração de mão que substitui uma parte do corpo do referente ou do objeto.

No exemplo abaixo temos um gesto icônico em que a configuração de mão faz referência às orelhas do cachorro. Por outro lado, os pantomímicos são recursos que imitam as ações dos personagens e eis outra diferença entre eles: os icônicos terão uma configuração de mão que representa uma parte do corpo ou de um objeto imaginário, enquanto no caso dos pantomímicos, o corpo, olhos, mãos, pernas do sujeito, representam o corpo e as partes do

corpo dos personagens, ou seja, há uma personificação do narrador que representa as ações dos personagens. Por isso, os icônicos podem ter pontos de vista de entidades diferentes, dos personagens, do narrador ou dual, mas os pantomímicos sempre terão o ponto de vista dos personagens.

Os exemplos a seguir mostram isso:

002- {mudança de posição do corpo para direita} (substituição de papel) **TAMBÉM CACHORRO OLHAR** <sup>[do e dv: à direita e abaixo]</sup> 1/orelhas-em-pé/ **OLHAR** <sup>[do e dv: à direita e abaixo]</sup>

Um cachorro, de orelhas em pé, também olha (o sapo).



sequência 002a

sequência 002b

Este gesto icônico pode ser decomposto nas seguintes partes:

1.	Tipo de gesto:	icônico
	Qual mão:	ambas
	Configuração de Mão	cm 42
	Orientação da palma:	PF
	Local de articulação:	à altura das têmporas
	Movimento:	dos dedos para frente e para trás
	Ponto de Vista:	do personagem <cachorro>
	Glosa:	<<de orelhas em pé>>

117- CACHORRO cl<**CAMINHAR**> <sup>[CM 44, MD, PB executa deslocamento para frente com movimentos curtos para cima e para baixo e de um lado para outro]</sup> 11/**olhar** <sup>[para cima]</sup> <sup>[as mãos se agitam acima de sua cabeça]</sup>  
ABELHA ++ //descreve movimentos espirais no ar// (intensificador)

O cachorro fica olhando para o enxame de abelhas

Estes gesto pantomímico é global e não pode ser decomposto em partes, vejamos sua descrição e ilustração:

11.	Tipo de gesto:	pantomímico
	Descrição	os olhos e o corpo são dirigidos a determinados lugares, descrevendo a ação de olhar
	Ponto de Vista:	do personagem <sapo>
	Glosa:	<<olhar>>



seqüência 117

Com efeito, os gestos nas LSs são mais miméticos, o que gera outra dificuldade, pois eles podem ser muito semelhantes aos classificadores dessas línguas.

Para uma simples comparação, tomemos as onomatopéias das línguas orais como exemplo de iconicidade nessa modalidade. Dir-se-á que elas são expressões de uma palavra ou a demonstração vocal do som? Em comparação a alguns gestos icônicos que não fazem parte de uma estrutura gramatical, sugerimos que, na dificuldade de nomear o som que uma ovelha está produzindo, é mais fácil imitar esse som. Na LSB, os gestos icônicos se referem a descrição de uma ação em que não há ou se desconhece um sinal convencional para designar determinada ação. Assim, tanto o sinalizante quanto o falante descrevem um som ou uma imagem usando estratégias miméticas muito próximas das que são percebidas. Nesse sentido, parece haver uma dificuldade de acesso lexical para denominar convencionalmente o som /be/’ ou a imagem contida na seqüência 117. Esses componentes podem ser aperfeiçoados e introduzidos numa língua como elemento gramatical (onomatopéias e classificadores). Isso se estabelece com o uso de uma comunidade até ocorrer a devida convenção como ocorreu com a palavra ‘balido’ em português para designar o som produzido pela ovelha e o sinal VER (representado na seqüência 002a) para nomear a ação percebida. No caso dos semas motivados, há um liame intrínseco entre o significante e o significado, um caráter do significado à natureza inerente do significante (Buyssens 1972, p. 83)

Um outro recurso gestual encontrado em nosso experimento é o que denominamos panto-icônicos. Esses são gestos pantomímicos em que uma ou ambas as mãos representam uma configuração de mão de um predicado classificador, como pode ser visto abaixo:

120- MENINO cl<CAMINHAR> [CM 43, MD, PB executa deslocamento à direita com movimentos curtos para cima e para baixo] cl<SUBIR-tronco-de-árvore> [CM 44, MD, braço esquerdo representa a posição vertical de um tronco, os dedos

da mão direita executa movimento de subida no braço esquerdo] cl<ORIFÍCIO CIRCULAR>[CM 46, ME, PD, à frente do rosto 55/olhar<sup>[dentro]</sup>/

O menino caminha e sobe numa árvore, olhando um buraco.



seqüência 120

Este gesto pode ser assim descrito:

55.	Tipo de gesto:	pantomímico e icônico
	Qual mão:	mão esquerda
	Configuração de Mão	cm 46
	Orientação da palma:	AC
	Local de articulação:	à frente do rosto
	Movimento:	inexistente
	Ponto de Vista:	do narrador e do personagem <menino>
	Glosa:	<<o menino olha o buraco na terra>>

Parece haver uma uniformidade nas ocorrências. Sempre que há uma mistura dos tipos, há, também, a possibilidade de uma perspectiva dual, do narrador e de um dos personagens.

#### 4.2.2 Como os emblemas são usados nas narrativas

As línguas de sinais inseriram em seu léxico alguns dos emblemas usados convencionalmente pelos ouvintes, no entanto notamos que o emprego desses gestos nas narrativas aqui apresentados, corresponde, sobretudo, a cópias das ilustrações, exemplificados abaixo:

115- MENINO 9/chamar/ SAPO 9/chamar/ +++

O menino chama o sapo desesperadamente.

091- 26/tchau 45/sair/<sup>\_aleg</sup>

-Tchau! Foi embora, feliz.



seqüência 115



seqüência 091

Estes dois gestos podem ser assim decompostos:

9.	Tipo de gesto:	emblemático
	Qual mão:	ambas
	Configuração de Mão	cm 48
	Orientação da palma:	AC
	Local de articulação:	nos cantos da boca
	Movimento:	inexistente
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<chama o sapo>>

26.	Tipo de gesto:	emblemático
	Qual mão:	mão direita
	Configuração de Mão	cm 55
	Orientação da palma:	PF
	Local de articulação:	à altura do ombro
	Movimento:	horizontalmente de um lado para o outro
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<tchau>>

Por outro lado, há ocorrências que não são cópias percebidas nas ilustrações, mas recursos narrativos em que se introduz um turno discursivo entre o narrador e os personagens. No exemplo da seqüência 101, o gesto <<cadê, não sei>> refere-se a um turno conversacional entre o narrador e o cachorro que, a exemplo das narrativas da língua oral, é humanizado, de modo que usa a fala ou gesticula. Nos três exemplos de gestos emblemáticos até agora citados, todos têm uma perspectiva de algum personagem. O exemplo citado pode ser acompanhado na seguinte transcrição e imagem.

101- CACHORRO 4/cadê? / 11/ <sup>esp\_</sup>**olhar** <sup>[ao redor]</sup> / {os braços estão na execução do gesto e os olhos e cabeça são direcionados ao chão e movem-se ao redor}

O cachorro também está espantado e procura ao redor.



seqüência 101

Este gesto pode ser assim segmentado:

4.	Tipo de gesto:	emblemático
	Qual mão:	ambas
	Configuração de Mão	Cm 55
	Orientação da palma:	PC
	Local de articulação:	espaço neutro à altura do abdômen
	Movimento:	inexistente
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<onde está?>>

Contudo, verificamos que alguns gestos emblemáticos podem ser introduzidos nas expressões lingüísticas recebendo a função de advérbios. Pode-se observar na transcrição abaixo em que o vocábulo SAPO é argumento do verbo classificador PULAR, o gesto emblemático <<silêncio>> intercalado no enunciado refere-se ao modo como o sapo sai do recipiente. Esse gesto não é cópia da ilustração e o ponto de vista é do narrador. A seqüência 004 apresenta esse exemplo. Na cena, o sapo tentava sair do vidro, logo, o gesto ‘silêncio’ parte do narrador que descreve o modo como o sapo saiu do vidro, ou seja, silenciosamente.

004- SAPO 2/silêncio/ 3/andar-devagar /cl<**PULAR**-fora-do-recipiente>[CM 48, MD, AE; CM 03, ME, PB locadas no espaço neutro, movimento da MD em arco para cima] <<não estou certa>>{repetição mais curta do  
 \_\_\_\_\_<sub>duv</sub>  
 sinal, dar de ombros}

O sapo silenciosamente, pé ante pé, pula para fora do recipiente.





seqüência 004

O gesto acima pode ser assim decomposto:

<b>2.</b>	Tipo de gesto:	Emblemático
	Qual mão:	mão direita
	Configuração de Mão	cm 14
	Orientação da palma:	PD
	Local de articulação:	à frente da boca
	Movimento:	Inexistente
	Ponto de Vista:	do observador
	Glosa:	<<silenciosamente>>

#### 4.2.3 Os gestos de apontamento sob o ponto de vista gramatical e comunicativo

Os dêiticos têm significados diferentes dentro do contexto enunciativo. Sob o ponto de vista dos personagens eles podem ser equivalentes a pronomes (pessoais e demonstrativos), locativos (ali, lá) ou podem ser pronomes demonstrativos: este, esta, isto, aquilo etc, porém os apontamentos também podem se referir aos objetos-discursivos da narração. Estas diferenças podem ser vistas nos seguintes exemplos:

038- 24/apontamento/<sup>adm</sup><<olhe!>> SAPO FILHO MUITO PEQUENO <<muitos>>[quantificador]  
[movimento de mão inicia da direita para esquerda, os dedos tamborilam ]

- Olhe!! Nossa, quantos sapinhos!

088- 24/apontamento/<sup>aleg</sup><<olhe>> MUITOS FILHOS [quantificador] [mãos com palmas para cima, os dedos tamborilam]

- Olha!! muitos filhos!!



seqüência 038

seqüência 088

Assim, o gesto 23.<<olhe!>> apresenta a seguinte análise:

24.	Tipo de gesto:	dêítico
	Qual mão:	mão direita
	Configuração de Mão	cm 14
	Orientação da palma:	PB
	Local de articulação:	no espaço neutro
	Movimento:	direcional abaixo e à direita
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<olhe!>>

O exemplo das seqüências 038 e 088 são marcados por expressões faciais, isso possibilita, ainda, outra interpretação: Podem referir-se a equivalentes entoacionais, sintagmas e palavras interjetivas como no português que expressam surpresa, admiração ou também para despertar a atenção de alguém: Olha só!! Olhe!! Oh! Nesse caso só podem tomar o ponto de vista dos personagens. Mas uma outra análise pode ser realizada no exemplo a seguir:

116- MENINO **PROCURAR** //corpo levemente inclinado para baixo, direção do olhar para

baixo, o corpo se endireita e se volta para trás e à direita// (intensificador) <sup>sat</sup>**ACHAR SAPO**  
 IX<locus> TERRA cl<MONTE-PEQUENO>[CM 48, MD descreve um pequeno arco no espaço à direita de seu  
 corpo] cl<CAVIDADE>>[CM 46, ME à direita do corpo; CM 48, MD descreve uma abertura no monte de terra]

O menino procura:

- Eu acho que está naquele montinho de terra.

148- (...) **IR-EMBORA**/ IX<sapinho> /apontamento/ [+apical, + longe + esquerda] <<lá em casa>> 71/ positivo/<int>

- Tchau, peguei um sapinho, vou cuidar lá em casa, certo?



sequência 116

sequência 148

Os dois exemplos acima estão sob a perspectiva do personagem - menino - e parece ser um turno enunciativo desse personagem. A análise realizada é diferente dos exemplos empregados nas seqüências 038 e 088 pelo fato de diferirem em função. Nas seqüências 116 e 148 os apontamentos são identificados como advérbio de lugar. Há ainda mais uma ocorrência sob a perspectiva do narrador, mostrada no exemplo a seguir:

041- MENINO **OLHAR**<sup>[à frente e abaixo]</sup> [inclinação de cabeça para o lado] VIDRO  
 cl<CILINDRO-COM-TAMPA>>[CM 56, bim, palmas AC, à frente do tórax, movimento descritivo da forma do objeto]  
 SAPO IX<locus > << ali>>

Um menino olha para um vidro com tampa. Tem um sapo ali.



sequência 041

Nos exemplos ilustrados nas seqüências 116 e 148, o sujeito descreve um montinho de terra com um referente presente (o buraco) - essa presença é virtual e anteriormente designada pela descrição do objeto e pelo estabelecimento de um lugar em que esse objeto está posicionado - e a sua casa, respectivamente (referente ausente e reconhecido apenas contextualmente). Dessa forma, ele aponta para o espaço informando a altura e a distância que os referentes se encontram, informando-nos que se trata de um pronome demonstrativo. A

direção do olhar informa, também, se os referentes estão perto ou longe das pessoas do discurso. No exemplo 041, a direção do olhar marca a direção e posição em que o referente se encontra. Já no exemplo da sequência 148, o ponto de vista é do menino e ele conversa com o sapo. O apontamento é dirigido para longe, mas a direção do olhar continua dirigida para o lugar que o sapo está ocupando, logo, isso revela que o local que ele apontou está longe de ambos. Por outro lado, quando os pronomes dêiticos estão sob o ponto de vista do personagem, podemos interpretá-los como um diálogo, um turno conversacional em que a personagem se pronuncia. O exemplo ilustrado na sequência 041 toma o ponto de vista do narrador e pode ser interpretado tão somente como o locativo ‘ali’.

Sob o ponto de vista do narrador, não há marcação de expressões faciais e é possível que isso marque a diferença entre os apontamentos de ordem gramatical e apontamentos de ordem gestual. Outra diferença parece ser apresentada na posição e firmeza do braço e mão não-dominantes que podem estar mais firmes nos pronomes e mais relaxados nos gestos. Mas uma investigação mais aprofundada poderia confirmar ou não esta proposição especulativa.

#### 4.2.4 Os gestos metafóricos

Os gestos metafóricos são mudanças de processos, eles têm a perspectiva do narrador e podem transmitir a sequência narrativa como nos dois exemplos a seguir:

111-(...) {o corpo se inclina levemente, leve aceno de cabeça, a mão direita se move em arco num movimento giratório de pulso em que a palma se volta de baixo para cima consecutivamente/ o corpo se move acompanhando o movimento da mão } 43a<<então>>

090-44b<<então>> **ESCOLHER**-sapinho <sub>locy</sub>**COLOCAR**<sub>locx</sub> [na mão][CM 48, MD, PC à altura do tórax]

(Ele) escolhe um (sapinho) e o coloca na mão.



sequência 090

sequência 111

Ambos podem ser decompostos da seguinte maneira:

<b>44.</b>	Tipo de gesto:	metafórico
	Qual mão:	a)mão direita b)ambas
	Configuração de Mão	cm 50
	Orientação da palma:	para cima
	Local de articulação:	próximas à frente do tórax
	Movimento:	a) leve movimento para cima e à direita; b)deslocamento lateral curto com finalização firme
	Ponto de Vista:	do narrador
	Glosa:	<<então, daí>>

Como as imagens eram mostradas sequencialmente, estes gestos mantinham um elo entre os elementos de uma imagem e outra. Equivalem às entonações, pausas e palavras encadeadoras como ‘então’, ‘daí’ do português oral.

Nitidamente, os informativos são também metafóricos, mas como havia a necessidade de marcar a diferença entre os pontos de vista das entidades, escolheu-se assim designá-los.

#### 4.2.5 Sequências de gestos rítmicos

Os rítmicos são movimentos do corpo que acompanham o encadeamento narrativo dos eventos. Eles podem ser de três tipos, informativos, afetivos e intensificadores:

##### 4.2.5.1 Os informativos

Os informativos não são encaixados dentro dos enunciados, geralmente, faz-se uma pausa, ou como no exemplo da sequência 004, em que o sinal foi repetido e em seguida o gesto informou a dúvida do sujeito em utilizar determinado tipo de construção verbal. Por outro lado, o gesto 000 foi produzido antes do início da narração e informa uma predisposição de prontidão do sujeito.

000- IX <caderno de ilustrações> <<pronta para começar>> [CM 55, bim, PB, paralelas à altura da cintura, movimento curto e rápido para baixo]

004- (...) <<não estou certa>>{repetição mais curta do sinal, <sup>duv</sup>dar de ombros}



seqüência 000

seqüência 004

#### 4.2.5.2 As expressões faciais que ilustram o estado afetivo dos personagens

Segundo Emmorey (1999), as expressões faciais e corporais são utilizadas com mais frequência pelos sinalizantes em oposição aos falantes que utilizam muito mais a entonação e a qualidade da voz para veicular informação afetiva e avaliativa. Os exemplos abaixo ilustram como elas podem ser empregadas, no entanto, não serão discutidas neste espaço por se tratar de um terreno movediço. É necessária a adoção de critérios mais rígidos para classificá-las, o que não é o objetivo de nossa pesquisa.

022- cl <**SEGURAR-SE**> [CM 03, bim, PF à altura dos ombros] <sup>pav</sup>12/susto/ cl<**CAIR**-da-árvore [CM 43, MD gira duas vezes no ar e bate na mão auxiliar à altura da cintura]

Ainda segurando-se à árvore, leva um susto e cai.

109- **EXPLODIR**-o-vidro MENINO 52/<<<sup>esp</sup>abismado>>

O vidro explode e o menino fica estupefato.

072- CORUJA C-O-R-U-J-A **VOAR** MENINO 37/<sup>inc</sup>espantar / **CORRER** {o corpo se inclina para frente em passos curtos e rápidos} 37/espantar/

O menino corre da coruja, espantando-a com os braços.

- Sai, Sai!



seqüência 022



seqüência 109



seqüência 072

Segue abaixo a decomposição e descrição das ocorrências:

<b>12.</b>	Tipo de gesto:	Pantomímico
	Movimento:	o corpo é inclinado para trás, os braços se agitam perpendicularmente ao corpo
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<o menino se assusta e cai>>

<b>52.</b>	Tipo de gesto:	metafórico
	Qual mão:	Ambas
	Configuração de Mão	cm 51
	Orientação da palma:	para trás
	Local de articulação:	nas laterais do rosto
	Movimento:	o corpo é inclinado para frente
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<abismado>>

<b>37.</b>	Tipo de gesto:	pantomímico
	Qual mão:	Ambas
	Configuração de Mão	cm 51
	Orientação da palma:	à esquerda
	Local de articulação:	acima do ombro e voltado para trás à esquerda
	Movimento:	a mão executa movimento duplo de cima para baixo pelos pulsos
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<sai, sai>>

As expressões faciais e corporais têm uma peculiaridade, pois, por serem componentes não-manuais, podem co-ocorrer com gestos ou com palavras da LSB. Esses elementos são operadores em várias LSs, porque um levantar de sobrancelhas pode tanto designar um aspecto gramatical do enunciado, quanto um recurso paralingüístico de ‘entonação’, de ênfase prosódica. Por essa razão, os gestos afetivos foram incluídos na categoria dos rítmicos, pelo fato de eles intensificarem e darem movimento às narrativas. Mesmo assim, não podemos confundi-los com as marcações não-manuais que são operadores: interrogativos, negativos,

topicalizações, focalizações, relativos e condicionais. Nas narrativas, os afetivos são expressos sob o ponto de vista dos personagens, apresentando um escopo mais global. Dos operadores acima citados, somente as negações e as interrogações podem ser descritas sob o ponto de vista dos personagens, no momento de um pronunciamento verbal ou do narrador. Além disso, os operadores gramaticais diferem dos gestos pelo tempo de início (*onset*) e término (*offset*) que possui um escopo mais reduzido e fixo.

#### 4.2.5.3 Os gestos intensificadores

As expressões faciais podem ser gestos intensificadores também, porque elas podem representar uma modulação mais acentuada do corpo e membros para dar mais movimento às narrativas. Nesse sentido, o estímulo pictórico é mais adequado para esse tipo de análise, pois os movimentos empregados são operadores meta-narrativos e não simplesmente cópias de ações das personagens.

116 (...) IX<toca> TERRA cl<MONTE-PEQUENO>[CM 48, MD descreve um pequeno arco no espaço à direita de seu corpo] cl<CAVIDADE>>[CM 46, ME à direita do corpo; CM 48, MD descreve uma abertura no monte de terra] 11/**olhar** <sup>[dentro]</sup>/ 10/**espiar** / [os olhos se aproximam da configuração que representa a toca] 54/**tocar-com-o-dedo**/ SUSTO //corpo salta para trás// (intensificador)

- Eu acho que está naquele montinho de terra.  
Espia num buraco, coloca o dedo e toma um susto.



seqüência 116

Os intensificadores não são ligados ao significado semântico de um verbo ou sentença, mas a unidades extensionais dos significados expressos nas palavras, ou seja, neste exemplo, um salto para trás acompanha o vocábulo SUSTO e pode expressar uma reação ao ataque do animal.



### 4.3 Diferenças entre os gestos de surdos e ouvintes

Segundo Clark (1996), há dois tipos de gestos icônicos co-expressivos com elementos lingüísticos nas línguas orais: os componentes e os concorrentes. Os primeiros são encaixados como parte do enunciado e são potencialmente comunicativos. Os gestos concorrentes, no entanto, são produzidos ao mesmo tempo em que é produzido o enunciado falado. Atentando para esta classificação, no seu estudo, Emmorey (1999) evidenciou que os gestos juntamente com a língua americana de sinais não são concorrentes. A nossa análise, também, evidencia que os gestos que ocorreram nesse experimento da língua de sinais brasileira são componentes, ou seja, o seu significado não se relaciona à expressão verbal. Diferente dos concorrentes que ocorrem nas LFs que descrevem o mesmo significado da palavra ou da sentença, os gestos em LS diferem dos da fala devido a uma restrição de movimentos, pois ambos os braços estão envolvidos na produção de enunciados lingüísticos, logo há um impedimento motor para que eles ocorram sincronicamente. Entretanto, a seqüência que será mostrada abaixo pode nos informar que gestos concorrentes ocorrem em LS de uma forma diferente das observadas em línguas orais. Apesar disso, escolher-se-á incluir esse exemplo a título de esclarecimento e não de categorização. Um único exemplo não deve ser relevante numa análise, mas pode incitar uma investigação futura mais aprofundada.



seqüência 051

seqüência 052a

seqüência 052b



seqüência 052c

seqüência 052d

051- MENINO cl<OBJETO-RETANGULAR> [CM 51, PB, descrição espacial de um retângulo] JANELA

O menino vai até a janela.

052- MENINO **OLHAR CHAMAR** {o braço de apoio do sinal janela se estabiliza até o final da sentença} 9/**chamar** [uma mão]/ F-R-O-G

O menino olha lá fora pela janela, chamando (o sapo).

- Frog!!

O gesto emblemático <<chamar>> pode ser assim decomposto.

9.	Tipo de gesto:	emblemático
	Qual mão:	Ambas
	Configuração de Mão	cm 48
	Orientação da palma:	para dentro
	Local de articulação:	nos cantos da boca
	Movimento:	inexistente
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<chama o sapo>>

Na cena, o menino está à janela, pode-se observar que na sequência 051 o sinal ‘janela’ é executado e parte dele é congelado pelo braço não dominante, denominado “bóia” (*pointer buoy*) por Liddell (2003). Nas duas últimas seqüências (052c e 052d) temos um sinal e um gesto e eles se realizam na mesma sentença, pois o braço continua executando parte do sinal janela, ou seja, eles podem não ser produzidos num mesmo momento, devido a restrições motoras, no entanto, concorrem na sentença e possuem uma mesma função anafórica, mantendo a referência presente ao longo do enunciado.

Emmorey (1999) diz que os gestos que acompanham a fala são idiossincráticos sem concordância padrão de forma. Falantes variam em suas tendências gestuais e diferem individualmente. A nossa análise nos leva à conclusão de que os recursos gestuais dos surdos são muito semelhantes e muitas vezes apresentam morfemas classificadores que concordam com gestos mais globais como a ação de olhar para um buraco, descrita na sequência 120, exemplo de gesto panto-icônico, anteriormente descrito.

Os gestos rítmicos das LSs são diferentes dos que aparecem nas línguas orais. Eles também são empregados com a pulsação rítmica do discurso (McNeill 1992), mas sua forma é diferente dos gestos das línguas orais, pois como já foi dito, as expressões faciais e corporais são utilizadas com mais freqüência pelos surdos em oposição aos falantes que utilizam muito mais a entonação e a qualidade da voz para veicular informação afetiva e avaliativa (Emmorey, 1999).

E por fim, os gestos manuais em alternância com LS são mais claros se vistos fora do contexto sinalizado. Por outro lado, os gestos que acompanham a fala não são interpretáveis

sem a fala. Isso se deve pelo fato de os usuários de língua oral usarem um mesmo gesto para complementar frases ou palavras semanticamente diferentes.

#### 4.4 As diferenças entre os gestos e as línguas de sinais

Retomando a tabela que resume as conclusões sobre as diferenças entre gestos e ASL obtidas em Emmorey (1999), vamos compará-las às obtidas na análise de nossa pesquisa em LSB:

Sinais de ASL	Gestos
Exibem um modelo sistemático de forma	Não se verifica estrutura fonológica
Pertencem a categorias lexicais	Não especifica
Possuem elementos com significado (morfemas) para a composição de novas palavras	Não podem ser combinados em elementos significantes menores
São governados por regras semânticas	O significado é global e necessita do contexto
Seguem restrições universais no nível sintático	Não se verifica estrutura sintática

Tabela 21 – As diferenças entre os gestos e as línguas de sinais

Com relação ao primeiro item, concluímos que os gestos têm uma estrutura cinésica em que os cinemas, que correspondem aos fonemas das línguas orais, são elementos do grupo muscular e esqueleto que compõem as unidades sem significado, tais como: mão direita/esquerda; aberta/fechada; braço estendido/ curvado; cabeça elevada/ abaixada, etc.

Respondendo ao item dois, os gestos pertencem sim a categorias lexicais pela função que exercem, como foi descrito na nossa categorização gestual.

Elementos significantes menores (chamados de cinemorfes) podem ser combinados por parâmetros cinésicos (posições, direções, dinâmicas dos gestos) e nem sempre estes gestos precisam do contexto para serem compreendidos

No que tange a estrutura sintática, percebemos que uma pantomima pode ser combinada com um elemento classificador da língua de sinais, a exemplo dos panto-icônicos. Uma outra possibilidade é a plasticidade dos sistemas quando da possibilidade de combinação entre elementos cinésicos e lingüísticos, o que pode ser acompanhado no exemplo abaixo:

094 – SAPO /**olhar** <sup>[para cima]</sup>/

O sapo olha para (o menino).

O gesto <<olhar>> tem como argumento o sinal SAPO, logo, parece haver uma possibilidade de combinação que foi usada muitas vezes, principalmente nas produções de

DG e DS. No entanto, trabalhos futuros podem comprovar essa possibilidade a fim de eliminar equívocos que podem surgir de uma análise superficial como esta.

#### 4.5 As contribuições Semióticas para esta análise

A abordagem semiótica que inserimos em nossa análise nos permitiu:

- delimitar as diferenças dos sistemas;
- identificar a plasticidade e as possibilidades de misturas de códigos resultantes das funções sígnicas;
- classificar o sistema gestual;
- esclarecer o potencial da iconicidade;
- verificar que os códigos estão condicionados à significação e à cultura.

Com relação às diferenças dos sistemas, concluímos que os gestos podem ser comportamentos comunicativos que dependem do contexto e comportamentos simbólicos que transcendem o contexto (como a língua).

Por isso, uma construção icônica pode estar apenas inserida numa semiótica comunicativa quando ela é apenas um recurso comunicativo de um indivíduo apenas, por outro lado, se um grupo convencionar o seu uso, ela se insere, além disso, a uma semiótica da significação.

Por uma função sígnica, um gesto global – que pode ser entendido como um sinal comunicativo – pode se transformar em signo, pois veicula um conteúdo semântico – o significado. Por isso, uma construção classificadora se torna signo quando a relação de um elemento da expressão e um elemento de um plano de conteúdo é convencionado numa comunidade lingüística.

Um exemplo disso foi a ocorrência a seguir empregada pelos três sinalizantes:

SEGURAR-cachorro-no colo



seqüência 013



seqüência 111



seqüência 058

Embora as marcações faciais sejam diferentes, e haja algumas variações na forma, todos os sujeitos ocuparam o mesmo espaço para representar a ação de segurar o cachorro no colo, usando-se da forma dos braços em semi-arco para representar o objeto-discursivo, cachorro.

De certa forma, há aqui uma aceitação social de designar a ação percebida, e isso parece estar condicionado a juízos semióticos do que pode ser aceito para esta situação comunicativa.

Para Eco (1976: 137) “uma tipologia dos signos deverá ceder lugar a uma tipologia dos modos de produção sígnica, mostrando uma vez mais a vacuidade da noção clássica de ‘signo’, simulação da linguagem cotidiana cujo posto teórico é ocupado pela noção de função sígnica<sup>35</sup> como resultado de diversos tipos de operação produtiva”. A teoria do código gestual, que começamos a construir, propõe um número ilimitado de categorias que têm uma plasticidade em produzir funções sígnicas, ou seja, o estímulo gestual representa o plano da expressão e o efeito previsto, o plano do conteúdo.

Por fim, os semas e o código não podem resultar de uma decisão individual; eles resultam de uma convenção, implícita ou explícita, condicionada ao uso de uma comunidade que tem um juízo das possibilidades nas situações comunicativas. A significação, embora de ordem psicológica, é convencional e, como complementa Buyssens (1972, p. 85), “este caráter convencional faz com que qualquer semia seja incompleta, inclusive o discurso (verbal); a qualquer momento completamo-lo recorrendo a outras semias” (grifo nosso). Assim, uma semiótica da cultura leva em consideração que um “sujeito é a soma de suas interações com os códigos semióticos em funcionamento nas comunidades de que participa” (Motta-Roth; Heberle, 2005 p. 15).

<sup>35</sup> A função sígnica leva em consideração o uso natural das diversas ‘linguagens’, a evolução e a transformação dos códigos, a comunicação estética, os vários tipos de interação comunicativa, o uso dos signos para mencionar coisas e estados do mundo (Eco, 1976).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a delimitação deste tema, objetivamos explanar uma trajetória simples e sequencial sobre o sentido dos termos língua e linguagem, desde a concepção lingüística até a concepção semiótica. Uma abordagem tal necessitava, sem dúvida, de uma análise mais abrangente como os estudos semióticos, por isso foram elencadas as definições semióticas de Saussure, Peirce e Eco. Com isso, chegamos a ponto de tentarmos definir o papel dos gestos na interação humana. No entanto, temos consciência de que o assunto é extenso e que não pode ser esgotado nestas poucas páginas.

Como a estrutura das línguas de sinais ainda não é totalmente conhecida pela comunidade científica lingüística, consideramos importante fazermos explicações sobre o sistema morfológico das línguas sinalizadas, pois, de acordo com sua modalidade, possui parâmetros característicos próprios.

Além disso, vimos que os gestos podem ser estudados observando-se várias dimensões. Nessa breve abordagem vimos a importância dos gestos na aquisição de linguagem de crianças surdas e ouvintes, mostrando que os gestos podem ser indicadores de períodos transicionais com respeito à aquisição de novos conceitos (Goldin-Meadow, 2003). Eles, também, foram imprescindíveis na emergência de uma língua de sinais que foi se estabelecendo a partir da crioulização de línguas de sinais primárias de indivíduos vindos de vários lugares da Nicarágua; da mesma forma percebemos a importância dos gestos na comunicação de ouvintes usuários de línguas faladas e, principalmente, como alguns gestos se estabilizam, incorporando-se às línguas de sinais convencionadas.

Ao tratarmos sobre a morfologia de concordância nas línguas de sinais, pudemos identificar que os gestos estão intrinsecamente ligados às produções lingüísticas, carregando, eles mesmos, muitos traços lingüísticos. Além disso, os estudos das línguas de sinais nos levam muito além da definição de gesto, pois estes, num uso comunitário freqüente podem estabilizar-se como elementos propriamente lingüísticos. Desta forma, contribui o gesto para a gramaticalização de processos morfológicos como é o caso da concordância verbal e nominal de morfemas com itens lexicais.

No estudo tradicional sobre língua e gesto, falava-se em elementos paralingüísticos ou extralingüísticos e esses termos continuam definindo aqueles elementos que co-ocorrem com elementos lingüísticos. A paralingüística em língua oral se refere ao tom de voz, ritmo da fala, as pontuações, as pausas. Como abordamos anteriormente, os elementos extralingüísticos se

referem aos elementos cinésicos, proxêmicos entre outros. O que não estava claro era se os gestos que deram origem a sinais estabilizados deveriam ser considerados como elementos gramaticalizados ou continuariam na categoria dos itens não lingüísticos. Nossa proposta não visou esclarecer esse impasse, no entanto, parece-nos mais aceitável o fato de que os elementos convencionalizados como pertencentes à categoria lingüística e que entram nas construções sintático-morfo-fonológicas de uma língua devem ser considerados como tal, independentemente de terem sido originados de processos envolvendo substrato não lingüístico.

Apropriando-nos das palavras de Jeanne Martinet (1974 p. 47), explanamos o objetivo de trazermos à nossa dissertação de um curso de lingüística uma abordagem semiótica:

Para o lingüista (...) é relativamente fácil distinguir um comportamento lingüístico de um comportamento não-lingüístico. (...) As coisas se apresentam de uma forma diferente para o semiótico, porque se é verdade que um comportamento lingüístico é semiótico, em contrapartida há muitos tipos de comportamentos semióticos que não são lingüísticos (...) Por exemplo, para o lingüista, os gestos serão um fator da situação. Para o semiótico, poderão constituir um sistema autônomo...,

Provavelmente ela se referia a um lingüista pesquisador da modalidade oral em que a distinção entre comportamento lingüístico e não-lingüístico é de fácil separação. Como foi possível verificar nas descrições realizadas até agora, para os pesquisadores de línguas de sinais a fronteira entre o lingüístico e o não-lingüístico não é de fácil separação. Como exemplo dessa dificuldade pode-se mencionar o fato de que o espaço sinalizado é o mesmo espaço em que se usam gestos, a fronteira entre comportamentos gestuais e os enunciados de uma situação verbal sinalizada não é de fácil delimitação, por isso abordamos análises semióticas para efetuar nossa análise.

Outra dificuldade é devido ao fato de haver representações visuais originariamente motivadas ou icônicas. A iconicidade é um recurso que antecipa as representações simbólicas, pois proporciona representações imediatas para a comunicação *vis-à-vis*.

Se Eco (1978) está correto quando diz que signo é tudo aquilo quanto possa ser assumido como um substituto significante de outra coisa qualquer, defendemos que os gestos são signos, pois carregam em si valores semânticos capazes de trazer significação, sejam eles dependentes do contexto narrativo, sejam eles componentes lingüísticos. Se um processo de significação só se verifica na existência de um código enquanto sistema de significação que une entidades presentes e entidades ausentes, nossa análise confirmou que o sistema gestual é um código que permite a correlação entre significado e significante.

Compartilhamos com este autor que é mais coerente identificar a função sógnica dos sistemas do que a classificação tipológica dos signos, pois eles não são estanques a meras características. Os signos modificam-se e entrecruzam-se para veicular a comunicação. E não há comunicação fora do uso, por isso percebemos que, de acordo com o uso social as línguas se transformam continuamente. Com poucos exemplos demonstramos que os sujeitos usam recursos gestuais associados aos lingüísticos, mas estes gestos parecem obedecer a alguns critérios de forma. Até mesmo no uso dos gestos os usuários têm uma sistematicidade e julgamentos do que podem ou não usar e do que podem ou não combinar.

Para concluir, declaramos oposição a um reducionismo tal que classifique tudo como lingüístico, mas concordamos com McNeill quando afirma que “nada sobre a modalidade visual manual *per se* é incompatível com a presença de propriedades lingüísticas.”(2000, p. 4).



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMSON, L. B.; BAKEMAN, R.; SMITH, C. B. (1994) Gestures, words, and early object sharing. In VOLTERRA, V. & ERTING, C. *From Gesture to Language in Hearing and Deaf Children* (eds). Berlin, Germany: Springer-Verlag, 1990; reprint, Washington, DC: Gallaudet University Press.
- ARGYLE, M. (1972) Nonverbal communication in human social interaction. In: HINDE, R. *A Nonverbal communication*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 243-267.
- ARMSTRONG, D; STOKOE, W.; WILCOX, W. E. (1995) *Gesture and the nature of Language*. Cambridge University Press.
- ARONOFF, M; MEIR, I.; SANDLER, W. (2000) *Universal and Particular Aspects of Sign Language Morphology*. University of Maryland WPL, 10: 1-33
- ARONOFF, M; MEIR, I.; SANDLER, W. (2005) The paradox of Sign Language Morphology. *Language* 81, p. 301-344.
- BAHAN, B. Non-manual realization of agreement in American Sign Language. <<http://www.bu.edu/linguistics/APPLIED/DISSERTATIONS/bahan.abs.html>> acesso em 10/03/06
- BARTHES, R. (1964) *Elementos de semiologia*. Tradução de: Izidoro Blikstein. 3ª ed. São Paulo: Editora Cultrix.
- BATES, J. F.; SAFFORD, G. O.; HARRISON, A. (1975). "A Masticatory function-a review of the literature. The form of the masticatory cycle". *J. Oral Rehabil* 2, p. 281-301.
- BATES, E. (1976) *Language and context*. New York: Academic Press.
- BELLUGI, C.J.; KLIMA, E. (1982) From Gesture to Sign: Deixis in a visual-gesture-language. In: JARVELLA, R.J; KLEIN, W. *Speech, place and action*. John Wiley & Sons Ltd.
- BIRDWHISTELL, R. L. (1970) *Kinesics and context: essays on body motion communication*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- \_\_\_\_\_. (1952) Introduction to Kinesics: an annotation system for analysis of body motion and gesture. Louisville: University of Louisville 8, Kentucky.
- \_\_\_\_\_. (1963) The kinesic level in the investigation of emotions. In: P.H. Knapp (Ed.) *Expression of the emotions in man*. New York: International University Press. Blurton Jones, N. (1972). *Estudos etológicos do comportamento da criança*. S.Paulo: Liv. Pi
- BLOCH, B.; TRAGGER, G. (1942) *Outline of Linguistic Analysis*. Baltimore: Linguistic Society of America.
- BLONDEL, M. *Pointing in Bimodal, Bilingual acquisition: A longitudinal study of LSF-French Bilingual Child*. (no prelo)

- BÜHLER, K. (1965). *Sprachtheorie: Die Darstellungsform der Sprache*. Jena: G. Fischer. Neudruck.
- BUYSENS, E. (1972) *Semiologia e Comunicação Lingüística*. Tradução Izidoro Blikstein. São Paulo, Cultrix.
- CALVET, J. [1993] (2002) *Sociolingüística: Uma introdução crítica*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola.
- CAPOVILLA, R.; RAPHAEL, W.D.(2001) *Língua de Sinais Brasileira: Dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe*. São Paulo, SP: Edusp-Fapesp-Vitae, 2001.
- CASCUDO, L. C. [1898] (1986) *História de nossos gestos*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edição da Universidade de São Paulo.
- CASEY, S. (2003) “*Agreement*” in *gestures and Signed Languages*: The use of directionality to indicate referents involved in actions. University of California, San Diego.
- CIV'JAN, T. V. (1965) “Alcuni problemi dela costruzione della lingua dell'eticheta”. In: FACCANI-ECO (org.), 273-281.
- CHOMSKY, N. (1957) *Syntactic structures*. The Hague: Mouton.
- CHOVIL, N. (1991/1992) Discourse-oriented facial displays in conversation. *Language and Social Interaction*, 25, 163-194.
- CLARK, H. (1996) *Using Language*. Cambridge University Press.
- CLARK, H.; GUERRIG, R. (1990) Questions as demonstrations. *Language*, 66, 764-805.
- CUXAC, C. (2000) La langue des signes Française: Les voies de l'iconicité. (Faits de langues 15-16). Paris: Ophrys.
- DE JORIO, A.(1832) *La Mimica Degli Antichi Investigata nel Gestire Napolitano*. Napoli: Staperia del Fibrerro.
- DITTMAN, A. T.; LILEWELYN, L. (1968) Relationship between vocalization and head nods as listener responses. *Journal of Personality and Social Psychologie*. 9 (1): 79-84.
- ECKMAN, P.; FRIESEN, W. V. (1969) The repertoire of non-verbal behavioral categories: origins, usage, and coding. *Semiotics* 1: 49-98.
- \_\_\_\_\_.(1978) *The facial action coding system*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.
- ECO, U. (1976) *Tratado de Semiótica Geral*. Tradução: Antonio de Pádua Danesi e Gilson César Cardoso. São Paulo, Ed. Perspectiva.
- EFRON, D. (1941) *Gesture and environment*. New York: King's Crown Press.

ELSON, B; PICKETT, E. (1973) *Introdução à Morfologia e à Sintaxe*. Tradução de: Aryon D. Rodrigues. Petrópolis, Ed. Vozes.

EMMOREY, K.; R. THOMPSON. Eye gaze and verb agreement in ASL. <http://www.sign-lang.uni-hamburg.de/BibWeb/LiDat.acgi?ID=61316>

EMMOREY, K. (1999) Do Signers Gesture? In: MESSING, L; CAMPBELL, R. *Gesture, speech and sign*. Oxford University Press.

EPSTEIN, I. (1986) *O Signo*. São Paulo, Editora Ática, 2. ed.

FERREIRA BRITO, L. (1990) Epistemic, aletic and deontic modalities in a Brazilian Sign Language. In: FISCHER, S. D. & SIPLE, P. (eds), *Theoretical Issues in Sign Language Research*, 229-260, Chicago: University of Chicago Press.

FERREIRA BRITO, L. (1993) *Integração social & educação de surdos*. Rio de Janeiro: Babel Editora.

FRIEDMAN, L. A. (1972) Habituation and recovery of visual response in the alert human newborn. *Journal of Experimental Child Psychology*, 13, 339-349.

FUSELLIER-SOUZA, I. (2004) *Sémiogenèse des Langues des Signes: Étude de langues des signes primaires (LSP) pratiquées par des sourds brésiliens*. Université Paris 8.

GOLDIN-MEADOW, S.; MYLANDER, C. (1990a) Beyond the Input Given: the child's role in the acquisition of language. *Language* 66: 323-355.

GOLDIN-MEADOW, S. (2003) *Hearing Gesture: How our hands help us think*. Belknap Press of Harvard University Press.

GOLDIN-MEADOW, S.; MYLANDER, C. (1984) Gestural communication in deaf children: the effects and non-effects of parental input on early language development. *Monographs of the Society for Research in Child Development* 49, 1-121.

GUILHOT, J-D. (1962) *La Dynamique de l'expression et de la communication. La Voix, la parole, les mimiques et gestes auxiliaires*. Paris : Mouton, «École pratique des Hautes-Études».

GREIMAS, A. (1968) «Pratiques et langages gestuels», spécial de *Langages*, n° 10.

HALL, E. T. (1959) *The silent language*. New York: Doubleday.

\_\_\_\_\_ (1966) *The Hidden Dimension*. New York, Doubleday

HARRIS, M.; COLTHEART, M. (1986) *Language processing in children and adults: An introduction*. London: Routledge & Kegan Paul Ltd.

HAVILAND, J.B. (2000) Pointing, Gesture spaces, and Mental Maps. In: MCNEILL, D. *Language and Gesture*. Chicago: Cambridge University Press.

HINDE, R. A. (1975) The Comparative Study of Non-verbal Communication. In: BENTHALL, J. et al. *The Body as a Medium of Expression*. London, Allen Lane, Penguin, p. 107-140.

JAKOBSON, R. (1971) *Studies on Child Language and Aphasia*. The Hague: Mouton.

\_\_\_\_\_. (1972) *Child Language Aphasia and Phonological Universals*. The Hague: Mouton.

JANZEN, T.; SHAFFER, B. (2002) Gesture as the substrate in the process of ASL grammaticization. In: MEIER et al. *Modality and Structure in signed and spoken languages*. Cambridge press.

KNAPP, M.; HALL, J. (1999) *Comunicação não-verbal na interação humana*. Tradução Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo : JSN Editora.

KEGL, J.; SENGHAS, A.; COPPOLA, M. (1999) Creation Throught Contact: Sign Language Emergence and Sign Language Change in Nicarágua. In *Language Creation and Language Change: Creolization, Diachrony, and Development*, ed. M. DeGraff, 179-237. Cambridge, Mass.: MIT Press.

KENDON, A. (1980) Gesticulation and speech: two aspects of the process of utterance. In M. R. KEY (ed) *The relation between verbal and nonverbal communication*, 207-227. The Hague: Mouton.

\_\_\_\_\_. 1994. Do gestures communicate? A review. *Research on Language and Social Interaction* 27: 175-200.

\_\_\_\_\_. (2000) Language and Gesture: unity or duality? In: MCNEILL, D. *Language and Gesture*. Chicago: Cambridge University Press.

\_\_\_\_\_. (2004) *Gesture: Visible Action as Utterance*. Cambridge University Press.

KOCK, I. G. V. (2006) *Desvendando os segredos do texto*. 5ª ed., São Paulo: Cortez Editora.

KRAUSS, R. M.; CHEN, Y.; GOTTESMAN, R. F. (2000) Lexical gestures and lexical access: A process model. In: MCNEILL, D. *Language and Gesture*. Chicago: Cambridge University Press.

LA BARRE, W. (1964) "Paralinguistics, Kinesicks and Cultural Antrophology", *Approaches to Semiotics*, Ed. de Sebeok, Hayes, Bateson, La Haya, 1964.

LAGUNA, G. (1927) *Speech: its function and development*. New Haven: Yale University Press.

LAKOF, G.; JOHNSON, M. (1980) *Metaphors we live by*. University of Chicago Press.

LIDDELL, S. K. (2000) Indicating verbs and pronouns: Pointing away from agreement. In *The signs of language revisited: An anthology to honor Ursula Bellugi and Edward Klima*, ed. K. Emmorey and H. Lane, 303-320. Mahway, N. J.: Erlbaum.

\_\_\_\_\_. (2003) *Grammar, Gesture, and Meaning in American Sign Language*. Cambridge: Cambridge University Press.

LYONS, J. (1987) *Linguagem e lingüística: uma introdução*. Tradução de: Rio de Janeiro: Guanabara.

MALLERY, G. (1881) *Science* 1 October :Vol. os-2. no. 67, pp. 470 – 471

MARTINET, J. (1974) *Chaves para a Semiologia*. Traduzido por Antonio José Massano e Isabel Pascoal. Publicações Dom Quixote.

MASUR, E. F. (1990) Gestural development, dual-directional signaling, and the transition to words. In VOLTERRA, V. & ERTING, C. *From Gesture to Language in Hearing and Deaf Children* (eds). Berlin, Germany: Springer-Verlag, reprint, Washington, DC: Gallaudet University Press.

MAUSS, M. (1950) "Esquisse d'une Théorie Générale de la Magie". In: *Sociologie et Anthropologie*. Paris: Presses Universitaires de France. pp. 1-141.

MCBURNEY, S. (2002) Pronominal reference in signed and spoken language: Are grammatical categories modality-dependent? In: MEIER et al. *Modality and Structure in signed and spoken languages*. Cambridge press.

MCNEILL, D. (1985) So you do think gestures are non-verbal! Reply to Feyereisen (1987). *Psychological Review* 92: 350-371.

MCNEILL, D. (1987) *Psycholinguistics: a new approach*. New York: Harper & Row.

MCNEILL, D. (1992) *Hand and Mind: What gestures reveal about thought*. University of Chicago, Cambridge University Press.

MCNEILL, D. (2000) *Language and Gesture*. University of Chicago, Cambridge University Press.

MEAD, G. H. [1934] (1970) *Mind, self and society*. University of Chicago Press.

MEHARABIAN, A. (1968) Communication without words. *Psychology Today*, September, 53-55.

MOHAY, H. (1982) A preliminary description of communication systems evolved by two deaf children in the absence of a sign language model. *Sign Language Studies* 34: 73-90.

\_\_\_\_\_. (1994) The interaction of gesture and speech in the language development of two profoundly deaf children. In VOLTERRA, V. & ERTING, C. *From Gesture to Language in Hearing and Deaf Children* (eds). Berlin, Germany: Springer-Verlag, 1990; reprint, Washington, DC: Gallaudet University Press.

MORFORD, J.P; KEGL, J.A. (2000) Gestural Precursors to linguistic constructs: how input shapes the form of language. In: MCNEILL, D. *Language and Gesture*. Chicago: Cambridge University Press.

MOSCOVICI, S. (1967) Communication Processes and the Properties of Language. In BERKOWITS, L. (ed) *Advances in Experimental Social Psychology*, t. 3, New York, Academic Press.

MOTTA-ROTH, D.; HEBERLE, V. (2005) O conceito de “estrutura potencial do gênero” de Ruqayia Hasan. In: MEURER, J. L. et al (orgs) *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial.

MOUNIN, G. (1970) *Introducción A La Semiologia*. Tradução em Espanhol : Carlos Manzano, Barcelona, Editorial Anagrama.

NICOLADES, E; MAYBERRY, R. I.; GENESSEE, F. (1999) Gesture and early bilingual development. *Development Psychology*, 35, 514-526.

NÖTH, W. (1995) *Panorama da Semiótica: de Platão a Peirce*. São Paulo: Annablume.

PADDEN, C. (1990) The relation between space and grammar in ASL verb morphology. In: *Sign Language research – theoretical issues*. Washington: Gallaudet University Press.

PEDELTY, L. L. (1987) *Gesture in aphasia*. Ph. D. Diss., Department of Behavioral Sciences, University of Chicago.

PEIRCE, C.S. (1975) *Semiótica e filosofia*. Seleção e tradução de: Octanny Silveira da Mota e Leônidas Hegenberg. São Paulo: Editora Cultrix.

PETTITO, L. (1994) The transition from gesture to symbol in American Sign Language. In VOLTERRA, V.; ERTING, C. *From Gesture to Language in Hearing and Deaf Children* (eds). Berlin, Germany: Springer-Verlag, 1990; reprint, Washington, DC: Gallaudet University Press.

PFAU, R. *On grammaticalization: Do Sign Language Follow the beaten paths?* <[www.ub.es/ling/tislr8/Pfau-Steinbach.doc](http://www.ub.es/ling/tislr8/Pfau-Steinbach.doc)> acesso em 10/02/06

PIAGET, J. (1955) *The Child's Construction of Reality*. London: Routledge and Kegan Paul.

\_\_\_\_\_. (1951) *Psychology of Intelligence*. London: Routledge and Kegan Paul

\_\_\_\_\_; INHELDER, B. (2003) *A Psicologia da criança*. Trad. Octavio Mendes Cajado. Rio de Janeiro: Difel.

PIATTELLI-PALMARINI, M. (org.) (1983) *Teorias da linguagem, teorias da aprendizagem: o debate entre Jean Piaget e Noam Chomsky*. Tradução de Alvaro Cabral. São Paulo: Cultrix.

PIZZIO, A. L. (2006) A variabilidade da ordem das palavras na aquisição da língua de sinais brasileira: construção com tópico e foco. Florianópolis: UFSC. Dissertação de mestrado.

POYATOS, F. (1977) The Morphological and Functional Approach to Kinesics in the Context of Interaction and Culture. *Semiotics*, 20 (3-4): 197-228.

PRIETO, L. (1973) *Mensagens e Sinais*. Tradução: Anne Arnichand e Álvaro Lorencini. São Paulo, Ed. Cultrix.

ÖZYÜREK, A. (2000) The influence of addresses location on spatial language and representational gestures of direction. In: MCNEILL, D. *Language and Gesture*. Chicago: Cambridge University Press.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. (2004) *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Lingüísticos*. Porto Alegre. Artes Médicas.

QUADROS, R. M. (1997) *Educação de Surdos, a Aquisição de Linguagem*. Porto Alegre, Artes Médicas.

RECTOR, M.; TRINTA, A. (1985) *Comunicação Não-Verbal: a gestualidade brasileira*. Petrópolis, Ed. Vozes.

SANDLER, W.; LILLO-MARTIN, D. (2000) Natural Sign Languages. In *The Handbook of Linguistics*, eds. M. Aronoff & J. Rees-Miller, 533-562. Oxford: Blackwell.

SANTAELLA, L. (2005) *Matrizes da linguagem e pensamento: sonora visual verbal*. 3.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Iluminuras: FAPESP.

SANTAELLA, L.; NÖTH, W. (1999) *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. 2.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Iluminuras: FAPESP.

SANTAELLA, L. (1983) *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense (coleção primeiros passos: 103)

SAPIR, E. (1929): 'The Status of Linguistics as a Science'. In E. Sapir (1958): *Culture, Language and Personality* (ed. D. G. Mandelbaum). Berkeley, CA: University of California Press

SAUSSURE, F. [1916] (1977) *Curso de Lingüística Geral*. Trad. Antonio Chelini, Jose Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix.

SCLIAR-CABRAL, L. (1991) *Introdução à Psicolingüística*. São Paulo: editora Ática: série fundamentos 71.

\_\_\_\_\_. (1979) *Introdução à Lingüística*. Porto Alegre: Editora Globo.

SENGHAS, A. (1995a) The Development of nicaraguan Sign Language via the Language Acquisition process. In LAUGHLIN, M. & McEWEN (eds), pp. 543-552.

SHORE et al. (1994) Vocal and gestural symbols: Similarities and differences from 13 to 28 months. In VOLTERRA, V. & ERTING, C. *From Gesture to Language in Hearing and Deaf Children* (eds). Berlin, Germany: Springer-Verlag, reprint, Washington, DC: Gallaudet University Press.

SLOBIN, D.I. [1939] (1980) *Psicolinguística*. Traduzido por Rossine Sales Fernandes. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo.

SNITZER, R. J. et al. Faces: The Relationship Between Language and Affect. In: VOLTERRA, V.; ERTING, C.J. *From gesture to language in hearing and deaf children*. Springer-Verlag, 1990. p. ( 128-141)

STOKOE, W. C., Jr. (1960) Sign Language Structure: An outline of the Visual Communication Systems of American Deaf. *Studies in Linguistics: Occasional Papers* 8. Buffalo, NY: University of Buffalo [Rev. Ed., Silver Spring, MD: Linstok Press.

SUPALLA, T.; NEWPORT, E. (1978) How Many Seats in a Chair? The Derivation of Nouns and Verbs in American Sign Language. In *Understanding Language through Sign Language Research*, ed. P. Siple, 91-132. New York: Academic Press.

SUPALLA, T. (1982) Structure and acquisition of verbs of motion and location in American Sign Language. University of California at San Diego dissertation, La Jolla, CA.

SUTTON-SPENCE, R.; WOLL, B. (1999) *The Linguistics of British Sign Language*. An Introduction. Cambridge: CUP.

VIROLE, B. 2001. *Les deux voies du development du langage chez l'enfant sourd*. <perso.wanadoo.fr/virole/> acesso em 10/03/06

VOLPATO, A. N. Universidade Federal de Santa Catarina. Distinção entre a dêixis do discurso oral e a do discurso escrito emergente. Florianópolis, 2001. 255 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística.

VOLTERRA, V.; ERTING, C. J. (1990) *From gesture to language in hearing and deaf children*. Springer-Verlag.

VOLTERRA, V. et al. How Does Gestural Communication Become Language? In: VOLTERRA, V.; ERTING, C.J. *From gesture to language in hearing and deaf children*. Springer-Verlag, 1990. p. ( 205-216)

WERNER, H.; KAPLAN, B. (1963) Symbol- Formation: An Organismic- developmental Approach to Language and the Expression of Thought. Nova York , Londres, Sydney: Wiley and Sons.

WILCOX, S.; WILCOX, P. (1995) The gestural expression of modality in ASL. In: BYBEE, J.; FLEISHMAN, S. (eds), *Modality in Grammar and Discourse*, 135-162. Amsterdam: John Benjamins.



WILCOX, W. (2004) *Gesture and Language*, cross-linguistic and historical data from signed languages. University of New Mexico.

WUNDT, W. [1921] (1973) *The Language of Gesture* (J. S. Thayer, C. M. Greenleaf and M. D. Silberman, trans; with an introduction by A. L. Blumenthal and essays by G. H. Mead and K. Bühler) The Hague: Mouton.

## ANEXOS

### Anexo 1 – Transcrições das narrativas.

Sujeito Renata: coleta em 9 de outubro de 2006 às 18:00

Duração: 00:04:16

000- IX <caderno de ilustrações> <<pronta para começar>> [CM 55, bim, PB, paralelas à altura da cintura, movimento curto e rápido para baixo]

001- **HOMEM^PEQUENO OLHAR** <sup>[do e dv: à esquerda e abaixo]</sup> **DENTRO** <sup>(de- um- recipiente)</sup> **SAPO**

Um menino está olhando para um sapo dentro...

002- {mudança de posição do corpo para direita} (substituição de papel) **TAMBÉM CACHORRO OLHAR** <sup>[do e dv: à direita e abaixo]</sup> 1/orelhas-em-pé/ **OLHAR** <sup>[do e dv: à direita e abaixo]</sup>

Um cachorro, de orelhas em pé, também o olha.

<b>1.</b>	Tipo de gesto:	icônico
	Qual mão:	AM, FI
	Configuração de Mão	cm 42
	Orientação da palma:	PF
	Local de articulação:	à altura das têmporas
	Movimento:	dos dedos para frente e para trás
	Ponto de Vista:	do personagem <cachorro>
	Glosa:	<<de orelhas em pé>>

003- **NOITE DORMIR**

À noite (ele) dorme.

004- **SAPO** 2/silêncio/ 3/andar-devagar /cl<**PULAR**-fora-do-recipiente>[CM 48, MD, AE; CM 03, ME, PB locadas no espaço neutro, movimento da MD em arco para cima] <<não estou certa>> {repetição mais curta do <sup>duv</sup> sinal, dar de ombros}

O sapo silenciosamente, pé ante pé, pula para fora do recipiente.

<b>2.</b>	Tipo de gesto:	emblemático
	Qual mão:	MD
	Configuração de Mão	cm 14
	Orientação da palma:	PD
	Local de articulação:	à frente da boca
	Movimento:	inexistente
	Ponto de Vista:	do observador
	Glosa:	<<silenciosamente>>

<b>3.</b>	Tipo de gesto:	pantomímico
	Descrição:	os ombros são encolhidos para frente, as mãos fechadas à altura do tórax
	Movimento:	deslocamento para frente com movimentos leves e curtos
	Ponto de Vista:	do personagem <sapo>
	Glosa:	<<pé ante pé, devagar>>

005- **ACORDAR**<sup>[bocejando]</sup> **OLHAR**<sup>sur</sup> [do e dv: à esquerda e abaixo] 4/ **cadê?/ SUMIR SAPO SUMIR**<sup>esp</sup>  
 <<pode passar para a próxima página >> {aceno curto de concordância com a cabeça}

Ao acordar, (ele) vê, surpreso, que o sapo sumiu.

- Sumiu!!!

4.	Tipo de gesto:	emblemático
	Qual mão:	AM, FI
	Configuração de Mão	cm 55
	Orientação da palma:	PC
	Local de articulação:	espaço neutro à altura do abdômen
	Movimento:	inexistente
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<onde está?>>

006- **PROCURAR**<sup>intr</sup> [à esquerda]

(O menino) procura (o sapo).

007- cl <**PEGAR**-objeto-circular> [CM 02, bim., AC locadas à altura da cintura] cl<**VIRAR**-para-baixo>  
 [CM 02, bim, AC, movimento dos braços em arco do ponto neutro até o alto da cabeça] 5/ **jogar-coisas-para-cima-e-para-trás/ NADA NINGUEM** <neg> (bochecha contraída)

(O menino) pega (sua bota) e a vira para baixo. Pega as coisas que estão no chão e as joga para o alto. Não encontra nada.

5.	Tipo de gesto:	pantomímico
	Descrição:	o corpo é encolhido para frente
	Movimento:	braço direito e esquerdo alternadamente para baixo, para cima e para trás
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<procurando entre os objetos no chão>>

008- **OLHAR**<sup>[à frente]</sup> cl <**LEVANTAR**> [CM 02, bim, PF, movimento reto da altura da cintura até a testa]  
**JANELA** cl< **ABRIR**> [CM 02, bim, PF, movimento reto da altura do torax até a testa]

(Ele) olha para a janela e a abre.

009- **OLHAR**<sup>[ao redor]</sup> **OLHAR**<sup>sur</sup> [ao redor] [+dur/bim]

Olha, boquiaberto, para todos os lados insistentemente.

010- **CACHORRO** cl <**OBJETO-ESFÉRICO**> [CM 56, bim, palmas AC na horizontal à frente do rosto] **VIDRO**  
 cl<objeto-esférico-**COLOCAR**-na-cabeça> [CM 46, bim, AC, à frente do rosto, as mãos são levadas até a lateral da cabeça]

O cachorro está com um vidro na cabeça.

011- **CACHORRO** 6/ **bater-a-cabeça/** cl <**CAIR**> [CM 43, MD gira duas vezes no ar e bate na mão auxiliar à altura do ombro, a mão continua a girar no espaço neutro e bate na mão auxiliar que se posicionou à altura da cintura] (intensificador)

O cachorro cai com o vidro na cabeça.

6.	Tipo de gesto:	icônico
	Qual mão:	MD
	Configuração de Mão	cm 50
	Orientação da palma:	PE
	Local de articulação:	na lateral da cabeça
	Movimento:	pontas dos dedos tocam levemente a cabeça
	Ponto de Vista:	do narrador
	Glosa:	<<o cachorro bate a cabeça>>

012- #mudança do corpo a direita# (substituição de papel) 7.<<meu Deus>> <sup>esp</sup> {prolongamento do gesto até que se passe para a próxima página} (informativo)

7.	Tipo de gesto:	metafórico
	Qual mão:	AM, FI
	Configuração de Mão	cm 52
	Orientação da palma:	AC
	Local de articulação:	com contato nas têmporas
	Movimento:	inexistente
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<meu Deus!!>>

013- {mudança de corpo à esquerda} cl<**PEGAR-cachorro-no-colo**> [CM 56, bim, PF, espaço neutro, as mãos se fecham, os braços formam um arco descrevendo a ação de segurar o cão no colo] cl<**ACARICIAR-o-cachorro**>[CM 50, MD, PB, no espaço em que o cachorro está sendo representado, movimento perpendicular dos dedos para cima e para baixo] 8/ninar-o-cachorro/ CALMA cl<**ACARICIAR-o-cachorro**>[CM 50, MD, PB, no espaço em que o cachorro está sendo representado, movimento perpendicular dos dedos para cima e para baixo]

(O menino) surpreso pega o cachorro no colo, fazendo-lhe carinho. (Ele) acaricia o cachorro pedindo-lhe calma.

8.	Tipo de gesto:	pantomímico
	Movimento:	o corpo gira pela cintura de um lado para o outro
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<ninando o cachorro>>

014- MENINO 9/chamar/ **GRITAR+++**

O menino chama pelo sapo em alta voz.

9.	Tipo de gesto:	emblemático
	Qual mão:	AM, FI
	Configuração de Mão	cm 48
	Orientação da palma:	AC
	Local de articulação:	nos cantos da boca
	Movimento:	cabeça levemente levantada
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<chama o sapo>>

015- ARVORE [executada com ambos os braços] <<floresta>> <sup>sh</sup> ABELHAS +++ cl<**VOAR**> [CM 39, MD, PF, a mão executa movimentos ondulatórios acima da cabeça] <<enxame>>[quantificador] [as mãos se deslocam da direita para a esquerda uma atrás da outra com os dedos tamborilando]

**CACHORRO OLHAR** [do e dv: acima, da esquerda para a direita] [a mão direita se desloca da direita para a esquerda, acima da cabeça, em movimentos ondulatórios]

O menino está na floresta, abelhas sobrevoam o espaço acima de sua cabeça. O cachorro olha para o enxame de abelhas acima de sua cabeça.

016- **OLHAR** [do e dv: à frente e abaixo] **TERRA OLHAR** [do e dv: à frente e abaixo] 10/**espia**/  
cl<CIRCUNFERÊNCIA>[CM 46, bim, palmas AC na vertical à frente do nariz] **OLHAR** [do e dv: à frente e abaixo]  
NADA NINGUEM <neg> (bochechas contraídas)

(O menino) vê uma cavidade na terra e olha dentro, não vê nada.

10.	Tipo de gesto:	pantomímico e icônico
	Qual mão:	MD
	Configuração de Mão	cm 46
	Orientação da palma:	AC
	Local de articulação:	próximo ao nariz
	Movimento:	o corpo é inclinado para frente, olhar se dirige para a configuração
	Ponto de Vista:	do narrador e do personagem <menino>
	Glosa:	<<espia o buraco>>

017- **PROCURAR** [à direita] NADA SAPO NINGUÉM <neg>

(Ele) procura o sapo e nada, não o encontra.

018- **OLHAR** [do e dv: à frente e abaixo] <sup>esp</sup>SUSTO cl< bicho-**ATACAR-o-rost**> [CM 57, MD, PT na vertical, fechamento de mão, unindo as pontas dos dedos] //corpo se inclina para trás// (intensificador)

Olha para o buraco e leva um grande susto. Um bicho avança no seu rosto.

019- cl< bicho-**ATACAR-o-rost**> [CM 57, MD, PT na vertical, fechamento de mão, unindo as pontas dos dedos] //franzimento do nariz// (intensificador)

Quase pegou seu nariz.

020- **ÁRVORE** cl< <sup>esf</sup>**SUBIR**>[CM 24, bim, PF, movimento alternado de mãos que abrem e fecham se deslocando para cima]

cl< <sup>sur</sup>**SEGURAR-SE**> [CM 03, bim, PF à altura dos ombros] 11/**olhar**/ {cabeça se inclina de um lado e de outro}

O menino esforça-se para subir numa árvore e, segurando-se à ela, olha surpreso.

11.	Tipo de gesto:	pantomímico
	Descrição	os olhos e o corpo são dirigidos a determinados lugares, descrevendo a ação de olhar
	Ponto de Vista:	dos personagens
	Glosa:	<<olhar>>

021- **OLHAR** [dv e do à direita e para <sup>sur</sup>baixo] NINGUEM<neg> **PROCURAR** cl< <sup>sur</sup>**SEGURAR-SE**><neg> [CM 03, bim, PF à altura dos ombros] NADA

Olha, procura e nada.

022- cl <**SEGURAR-SE**> [CM 03, bim, PF à altura dos ombros] <sup>\_\_\_\_\_pav</sup> 12/susto/ cl<**CAIR-da-árvore**> [CM 43, MD  
gira duas vezes no ar e bate na mão auxiliar à altura da cintura]

Ainda segurando-se à árvore, leva um susto e cai.

<b>12.</b>	Tipo de gesto:	pantomímico
	Movimento:	o corpo é inclinado para trás, os braços se agitam perpendicularmente ao corpo
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<o menino se assusta e cai>>

### 023- CORUJA 13/voar/ TAMBEM CACHORRO CORRER

Uma coruja sai voando enquanto o cachorro corre.

<b>13.</b>	Tipo de gesto:	icônico e pantomímico
	Qual mão:	AM, FI
	Configuração de Mão	cm 50
	Orientação da palma:	PB
	Local de articulação:	nas laterais do corpo
	Movimento:	o corpo se inclina lateralmente à esquerda e à direita, agitando os braços
	Ponto de Vista:	do narrador e da personagem <coruja>
	Glosa:	<<a coruja voa>>

024- <sup>\_\_\_\_\_sofr</sup> DOR-de-cabeça [mão esquerda na cabeça] [mão direita na cabeça] DOR-de-cabeça  
A cabeça (do menino) está doendo.

025- cl< **SUBIR**> [CM 43, MD, PT, movimento até a altura do rosto] PEDRA  
(Ele) sobe numa pedra.

026- cl<**SEGURAR-objeto-cilíndrico**> [CM 03, bim, PB, movimento firme de prender] **OLHAR** [ao redor]  
[+dur/ bim] NADA <neg>  
Agarra-se a alguma coisa, não vê nada.

027- VEADO 14/ic<hastes-compridas-na-cabeça> VEADO cl<**MONTAR-no-pescoço**> [CM  
43, MD, PF; CM 14, ME, PB à altura do ombro, movimento da mão direita em arco até encaixar no dedo indicador da mão esquerda]  
É um veado com chifres longos. O menino fica montado no pescoço do veado.

<b>14.</b>	Tipo de gesto:	icônico
	Qual mão:	AM, FI
	Configuração de Mão	cm 38
	Orientação da palma:	AC
	Local de articulação:	na testa
	Movimento:	FC, 2TI, descrição de objeto
	Descrição do movimento:	da testa para cima em semi-arco
	Ponto de Vista:	do observador
	Glosa:	<<descrição dos chifres>>

.....  
 028- SUSTO {o corpo se inclina como que suspenso} MENINO 11/<sup>desesp</sup>**olhar** [para baixo] **OLHAR**  
 [abaixo dele] **PAVOR**

Que susto! O menino, apavorado, olha para baixo.

029- VEADO **CORRER** [cabeça se inclina para trás] cl<**ARREMESSAR**-menino-acima-da-cabeça> [CM 43, MD, PF; CM 14, ME, PB à altura do ombro, movimento da mão direita em arco até encaixar no dedo indicador da mão esquerda]

O veado corre e pára de repente, arremessando o menino.

030- 15a./<sup>desesp</sup>**cair**/ ÁGUA 15b./**cair**/

(O menino) cai na água.

15.	Tipo de gesto:	pantomímico
	Movimento:	a) as mãos se agitam no ar e o corpo se inclina para trás, b) as mãos batem nas laterais do corpo que é flexionado firmemente para baixo
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<o menino cai na água>>

031- TAMBEM CACHORRO TAMBEM 15a/**cair**/ 16/ic<choque-contr-a-água>

O cachorro também cai, chocando-se na água.

16.	Tipo de gesto:	icônico
	Qual mão:	AM, FI
	Configuração de Mão	cm 50
	Orientação da palma:	PC
	Local de articulação:	à frente do tórax
	Movimento:	o dorso da mão direita bate firmemente na palma da mão esquerda, o corpo é flexionado firmemente para baixo
	Ponto de Vista:	do observador
	Glosa:	<<chocou-se na água>>

032- 17/ cachorro-cai-na-cabeça-do-menino/CACHORRO 18/ic <cachorro-em-cima-da-cabeça> 19<<fazer o que?>><sup>sorri</sup> **ALEGRAR-SE**

O cachorro está na cabeça do menino. Está tudo bem.

17.	Tipo de gesto:	icônico e pantomímico
	Qual mão:	MD
	Configuração de Mão	cm 50
	Orientação da palma:	PB
	Local de articulação:	no alto da cabeça
	Movimento:	A mão bate na cabeça e o corpo é flexionado na lateral para a esquerda
	Ponto de Vista:	do narrador e do personagem <menino>
	Glosa:	<<o cachorro cai na cabeça do menino>>

<b>18.</b>	Tipo de gesto:	icônico
	Qual mão:	MD
	Configuração de Mão	cm 50
	Orientação da palma:	PE
	Local de articulação:	em cima da cabeça
	Movimento:	inexistente
	Ponto de Vista:	do narrador
	Glosa:	<<o cachorro está na cabeça do menino>>

<b>19.</b>	Tipo de gesto:	metafórico
	Qual mão:	MD
	Configuração de Mão	cm 50
	Orientação da palma:	PB
	Local de articulação:	no alto da cabeça
	Movimento:	variação do gesto: a mão direita e esquerda com palmas para cima à altura dos ombros
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<fazer o que?>>

033- 20/ic <sup>can</sup> <**arrastar-se**>[CM 02 semi-aberto, bim, PF, à frente do tórax deslocadas alternadamente] **PERTO**  
ARVORE

Ele se arrasta até uma árvore.

<b>20.</b>	Tipo de gesto:	Icônico e pantomímico
	Qual mão:	AM
	Configuração de Mão	cm 46
	Orientação da palma:	PB
	Local de articulação:	a frente do rosto
	Movimento:	de mãos alternando para frente
	Ponto de Vista:	do narrador e personagem
	Glosa:	<<o menino se arrasta com sofreguidão>>

034- PAU cl <**SEGURAR**>[CM 46, bim, PF à frente do tórax, movimento de fechar e abrir as mãos] **OLHAR** <sup>[ao redor]</sup>  
**PROCURAR**

Agarra-se a um tronco. Olha e procura.

035- 2/silêncio/ <sup>[em direção ao cachorro à esquerda]</sup> 21<<pare>><sup>sev</sup>BARULHO 2/silêncio/

- Fique quieto! Diz para o cachorro.
- Não faça barulho.

<b>21.</b>	Tipo de gesto:	metafórico
	Qual mão:	MD
	Configuração de Mão	cm 50
	Orientação da palma:	PF
	Local de articulação:	à frente do tórax
	Movimento:	dobrar o pulso para frente
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<não faça barulho>>



\_\_\_\_\_esf  
 036- cl < **SUBIR**-no-tronco> [CM 46, bim, PF, à frente do tórax, movimento de fechar e abrir as mãos] 11/**olhar**/ [atrás]  
 TAMBÉM CACHORRO 22/ic<**abanar**-cauda> [CM 14, MD, locada atrás do corpo à altura das nádegas, o dedo se  
 agita de um lado e outro rapidamente]

(Ele) sobe e olha atrás do (tronco). O cachorro também olha, abanando a cauda.

22.	Tipo de gesto:	icônico
	Qual mão:	AM, FI
	Configuração de Mão	cm 14
	Orientação da palma:	PF
	Local de articulação:	locada atrás do corpo, à altura das nádegas
	Movimento:	o dedo se agita de um lado para outro rapidamente
	Ponto de Vista:	do personagem <cachorro>
	Glosa:	<<o cachorro abana o rabo >>

\_\_\_\_\_sur  
 037- **AVISTAR** [do e dv: à direita e abaixo] **ENCONTRAR** IX <sapo> SAPO 23/<<que legal>>/  
 BONITO FELIZ \_\_\_\_\_sat

- Olhe!! Encontrei o sapo ali. Que bonito! Ele fica feliz.

23.	Tipo de gesto:	metafórico e emblemático
	Qual mão:	AM, FI
	Configuração de Mão	cm 50
	Orientação da palma:	PB ePC
	Local de articulação:	à frente do tórax
	Movimento:	uma bate contra a outra
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<que legal>>

\_\_\_\_\_adm  
 038- 24<<olhe!>> SAPO FILHO MUITO PEQUENO <<muitos espalhados>>[quantificador]  
 [movimento de mão inicia da direita para esquerda, os dedos tamborilam ]

- Olhe!! Nossa, quantos sapinhos!

24.	Tipo de gesto:	dêitico
	Qual mão:	MD
	Configuração de Mão	cm 14
	Orientação da palma:	PB
	Local de articulação:	no espaço neutro
	Movimento:	direcional abaixo e à direita
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<olhe!>>

039- IDEIA 25<<genial>> cl<**PEGAR**-sapinho>[CM 48, bim, PF, à frente do tórax, movimento de fechar e abrir  
 as mãos] locy**COLOCAR**locx [no dorso da mão]

- Já sei, tive uma idéia. Vou pegar (um deles). Ele o coloca na mão.

25.	Tipo de gesto:	metafórico
	Qual mão:	MD
	Configuração de Mão	cm 12
	Orientação da palma:	PE
	Local de articulação:	na lateral da cabeça
	Movimento:	os dedos estalam
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<já sei!!>>

040- 26/tchau/ <sup>alegr</sup> **PASSEAR**

- Tchau! Vou passear.

26.	Tipo de gesto:	emblemático
	Qual mão:	MD
	Configuração de Mão	cm 55
	Orientação da palma:	PF
	Local de articulação:	à altura do ombro
	Movimento:	gira o pulso horizontalmente de um lado para o outro
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<tchau>>

Sujeito Dilecia – coletada em 14 de outubro de 2006 às 19 horas  
Duração: 00:05:02

[Leve movimento de cabeça para frente] <<pronta>>

NOME SAPO F-R-O-G VIRGULA ONDE ESTA VOCE

041- MENINO **OLHAR**<sup>[à frente e abaixo]</sup> [inclinação de cabeça para o lado] VIDRO  
cl<CILINDRO-COM-TAMPA>>[CM 56, bim, palmas AC, à frente do tórax, movimento descritivo da forma do objeto]  
SAPO IX<locus > << ali>>

Um menino olha para um vidro com tampa. Tem um sapo ali.

043- TAMBEM CACHORRO **OLHAR**<sup>cur</sup><sup>[à frente e abaixo]</sup> { inclinação de cabeça para o lado }  
[gesto positivo] <<pode passar a página>>

O cachorro também o olha.

044- MENINO IR **DORMIR** TAMBEM CACHORRO IR **DORMIR**

O menino e o cachorro vão dormir.

045- <sup>vig</sup> SAPO 27<<**olhar**-ao-redor-e-sair-do-vidro-vagarosamente>> **FUGIR**

O sapo, sorrateiramente, sai do recipiente e foge.

27.	Tipo de gesto:	pantomímico
	Movimento:	os olhos giram de um lado e outro, corpo se desloca lentamente à frente
	Ponto de Vista:	do personagem <sapo>
	Glosa:	<<o sapo está saindo do vidro >>

046- MENINO **ACORDAR OLHAR** <sup>intr</sup> [à frente e abaixo] {corpo se desloca à frente}

O menino acorda e olha assustado.

047- CACHORRO TAMBEM 11/**olhar** / {estica a cabeça para frente}4/cadê?/ **SUMIR**

O cachorro também se esgueira para ver. Onde está? Sumiu!

048- MENINO **PROCURAR** <sup>intr</sup> [+dur] 11/**olhar** [de um lado e outro] /ONDE<int> SAPO

O menino procura.

- Onde está o sapo?

049- **PROCURAR** cl <**PEGAR**-objeto-circular> [CM 02, bim, palmas AC locadas na altura da cintura] B-O-T-A cl <**VIRAR**-para-baixo> [CM 02, bim, AC, movimento dos braços em arco do ponto neutro até o alto da cabeça] 11/**olhar** <sup>[dentro]</sup> **NÃO-TER**<neg>

Ele procura. Pega uma bota, vira-a para baixo, olha dentro.

- Não está aqui.

050- CACHORRO TAMBÉM **PROCURAR** cl<**RECIPIENTE-ESFÉRICO**> [CM 46, palmas AC, ponta dos dedos em contato, movimento curto de arco para baixo e para os lados] cl<**COLOCAR**-cabeça-na-abertura-do-recipiente] [CM 46, bim, AC, à frente do rosto, as mãos são levadas até a lateral da cabeça] [cabeça se inclina para frente] 11/**olhar** <sup>[dentro]</sup>

O cachorro também procura. Coloca a cabeça na abertura do vidro e olha dentro dele.

051- MENINO cl<**OBJETO-RETANGULAR**> [CM 51, PB, descrição espacial de um retângulo] **JANELA**

O menino vai até a janela.

052- MENINO **OLHAR CHAMAR** (cabeça se inclina para frente) {o braço de apoio do sinal janela se estabiliza até o final da sentença} 9/chamar [uma mão]/ F-R-O-G

O menino olha lá fora pela janela, chamando o sapo.

- Frog!!

053- **CHAMAR CHAMAR** [+dur]

Chama-o insistentemente.

054- CACHORRO **FICAR** 28/ic<recipiente-esférico-na-cabeça>

O cachorro fica com o vidro na cabeça.

<b>28.</b>	Tipo de gesto:	icônico
	Qual mão:	AM, FI
	Configuração de Mão	cm 46
	Orientação da palma:	PC
	Local de articulação:	encaixadas nas laterais da cabeça
	Movimento:	inexistente
	Ponto de Vista:	do narrador
	Glosa:	<<o cachorro está com o vidro na cabeça>>

CACHORRO {movimento rápido de cabeça de um lado para outro} <<está errado>>  
DESCULPA MENINO **OLHAR** <sup>[à direita e abaixo]</sup> CACHORRO {lapsos de mão} [MD, CM 52 PF]<<espera, calma>> {as mãos pressionam o peito, suspiro} <<nervosismo>>

055- MENINO JANELA 11/**olhar** <sup>[à direita e abaixo]</sup> / CACHORRO cl<**CAIR**>[ MD, CM 43, PT, movimento em semi-arco para baixo] JUNTO 28/ic<recipiente-esférico-na-cabeça

O menino está olhando na janela e vê o cachorro cair com o vidro.

056- CACHORRO {movimento curto e rápido de cabeça} <<não>> 28/ic<recipiente-esférico-na-cabeça> **QUEBRAR**

O vidro da cabeça do cachorro quebrou.

058- MENINO cl< <sup>des</sup> **PEGAR**-cachorro-no-colo>[CM 03, bim, PT, espaço neutro, os braços formam um arco descrevendo a ação de segurar o cão no colo]

O menino o pega no colo com ar de desaprovação.

059- CACHORRO 29/ic<**lamber**-face-do-menino>

O cachorro lambe sua face.

<b>29.</b>	Tipo de gesto:	icônico
	Qual mão:	MD
	Configuração de Mão	cm 42
	Orientação da palma:	PE
	Local de articulação:	no rosto
	Movimento:	os dedos tocam a face, com movimentos curtos de baixo para cima
	Ponto de Vista:	do narrador
	Glosa:	<<o cachorro lambe a face do menino>>

060- MENINO **CHAMAR** 9/chamar/ F-R-O-G 12. 9/chamar/

O menino chama de novo:

- Frog!!

061- CACHORRO 30/**farejar**/ 11/**olhar** <sup>[acima]</sup> / INSETO

O cachorro fareja e vê um inseto.

<b>30.</b>	Tipo de gesto:	pantomímico
	Movimento:	elevação de cabeça com nariz franzido apontando para o alto
	Ponto de Vista:	do personagem <cachorro>
	Glosa:	<<está farejando a abelha >>

062- CACHORRO INSETO 11/**olhar** <sup>[acima]</sup> / IX <colméia> cl<OBJETO-ESFÉRICO>[CM 56, bim, descrevem uma esfera] 31/**saltar-e-latir**/

O cachorro olha a casa do inseto, salta e late, tentando alcançá-la.

<b>31.</b>	Tipo de gesto:	icônico e pantomímico
	Qual mão:	MD
	Configuração de Mão	cm 57
	Orientação da palma:	PC
	Local de articulação:	acima da cabeça
	Movimento:	FC, uni-1, ação do cachorro
	Descrição do movimento:	o braço se eleva para cima, fechando e abrindo a mão
	Ponto de Vista:	do personagem <cachorro>
	Glosa:	<<late e tenta pegar o inseto com a boca.>>

### 063- MENINO PROCURAR

O menino procura.

064- 11/**olhar** <sup>[à frente e abaixo]</sup> / cl <CAVIDADE-CIRCULAR>[MD, CM 14 descreve um círculo horizontal no espaço neutro] cl <CAVIDADE-CIRCULAR>[CM 46, PB, à frente do tórax] 32/**olhar** <sup>[dentro]</sup> / 9/**chamar**/

Olha um buraco, olha dentro dele e chama (pelo sapo).

<b>32.</b>	Tipo de gesto:	icônico e pantomímico
	Qual mão:	AM, FI
	Configuração de Mão	cm 46
	Orientação da palma:	PB
	Local de articulação:	à frente do tórax
	Movimento:	A cabeça se aproxima das mãos configuradas
	Ponto de Vista:	do narrador e do personagem <menino>
	Glosa:	<<o menino olha o buraco>>

065- MENINO 33<<susto,defesa>> <sup>med</sup> UM RATO 33<<susto, defesa>> <sup>med</sup>

O homem, assusta-se com um rato. Esquiva-se para trás.

<b>33.</b>	Tipo de gesto:	pantomímico
	Movimento:	mãos encostam o dorso no peito, movimento rápido de inclinação do corpo para trás
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<esquiva-se do animal >>

066- CACHORRO ARVORE cl<APOIAR-SE> [CM 51, bim, PF, à frente do tórax] 34/**latir-e-saltar**/ INSETO (olhar para cima)

O cachorro, apoiado numa árvore está latindo para o inseto.

<b>34.</b>	Tipo de gesto:	pantomímico
	Movimento:	as mãos estão como que apoiadas a uma árvore, o corpo executa pulinhos para cima e a boca abre e fecha
	Ponto de Vista:	do personagem <cachorro>
	Glosa:	<<o cachorro está apoiado à árvore, latindo e pulando>>

067- CACHORRO cl<**APOIAR-SE**> [CM 53, PF, à frente do tórax] **11/olhar** <sup>[do alto até embaixo]</sup>/ INSETO cl<**ALÇAR** vôo> [MD, CM 39, PB, executa movimento ondulatório de baixo para cima]

O cachorro, apoiado à árvore, olha uma bola cair lá de cima e os insetos alçam vôo.

068- MENINO cl< **SUBIR**> [CM 43, PT, movimento dos dedos até a altura do rosto] **ARVORE**

O menino sobe numa árvore.

069- **11/olhar/** <CAVIDADE CIRCULAR>[CM 46, PF, à frente do tórax] **MENINO 32/olhar/** <CAVIDADE CIRCULAR>[CM 46, PF, à frente do tórax] **SUSTO** //o corpo realiza um salto para trás// (intensificador) cl<**CAIR-da-árvore**> [MD, CM 43, PB executa movimento em arco do peito, acima dos ombros, para trás]

Olha um buraco e toma um susto, caindo da árvore.

070- O QUE ASAS CORUJA

- O que é isso?

Era uma coruja.

071- CACHORRO **35/correr-rápido/** INSETO <sup>[acima e atrás]</sup> **MUITOS** <sup>[quantificador]</sup> **36/ic<fila>** **35/rápido/**

O cachorro corre afobado, um enxame de insetos está atrás dele. Corre rápido.

<b>35.</b>	Tipo de gesto:	emblemático
	Qual mão:	MD
	Configuração de Mão	cm 12
	Orientação da palma:	PD
	Local de articulação:	acima do ombro
	Movimento:	a mão executa movimentos firmes e rápidos pelos pulsos, para cima e para baixo, estalando os dedos
	Ponto de Vista:	do observador
	Glosa:	<<corre rápido, rápido>>

<b>36.</b>	Tipo de gesto:	icônico
	Qual mão:	AM, FI
	Configuração de Mão	cm 55
	Orientação da palma:	AC
	Local de articulação:	espaço atrás da cabeça
	Movimento:	Uni-2, 2TD
	Descrição do movimento:	as mãos se tocam nas laterais e se afastam em direções opostas
	Ponto de Vista:	do narrador
	Glosa:	<<as abelhas enfileiradas atrás do cachorro>>

072- CORUJA C-O-R-U-J-A <sup>inc</sup> **VOAR** MENINO **37/espantar** / **CORRER** {o corpo se inclina para frente em passos curtos e rápidos} **37/espantar/**

O menino corre da coruja, espantando-a com os braços.

- Sai, sai!!

<b>37.</b>	Tipo de gesto:	pantomímico
	Qual mão:	AM, FI
	Configuração de Mão	cm 51
	Orientação da palma:	PE
	Local de articulação:	acima do ombro e voltado para trás à esquerda
	Movimento:	a mão executa movimento duplo de cima para baixo pelos pulsos
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<sai, sai>>

073- cl<**SUBIR**> [CM 43, PT, movimento dos dedos até a altura do rosto] PEDRA

(Ele) sobe numa pedra.

074- cl<**SEGURAR-SE**> [CM 03, palmas AC, braços separados] ARVORE cl<**SEGURAR-SE**> [CM 03, palmas AC, braços separados] 9/chamar [uma mão]/ [simultâneo] – F-R-O-G **CHAMAR**

Segura nos galhos de uma árvore, chamando o frog. Continua chamando:

- Frog!!

075- MENINO cl<**SEGURAR-SE**> [CM 03, palmas AC, braços separados] <sup>med</sup> {o corpo se eleva }

SUSTO<sub>[simultâneo]</sub> 11/<sup>med</sup>olhar<sub>[para baixo]</sub> / NÃO<neg> É ARVORE É VEADO V-I-A-D-O

O menino está segurando o galho quando leva um susto. Não é uma árvore. É um veado.

076- CACHORRO CAMINHAR ESCONDER<sup>[atrás]</sup> PEDRA 11/<sup>[atrás]</sup>olhar<sup>[atrás]</sup> 30/farejar/ {cabeça se inclina para frente, nariz franzido elevado para cima}

O cachorro se esconde atrás de uma pedra, farejando.

077- CACHORRO **CORRER** 35/rápido/ - JUNTO VEADO JUNTO MENINO CABEÇA VEADO

O cachorro corre com o veado que está com o menino na cabeça.

078- VEADO 38/**parar** bruscamente/ MENINO cl<**CAIR**> [CM 43, MD, PB executa um arco à frente do corpo, virando a palma para cima]

O veado pára bruscamente e o menino cai.

<b>38.</b>	Tipo de gesto:	icônico e pantomímico
	Qual mão:	AM, FI
	Configuração de Mão	cm 51
	Orientação da palma:	PF
	Local de articulação:	acima da cabeça
	Movimento:	as mãos executam um movimento rápido para frente e para baixo, parando firmemente à altura da cintura, o corpo se inclina para frente
	Ponto de Vista:	do observador
	Glosa:	<<o veado pára bruscamente>>

079- TAMBÉM CACHORRO cl<**CAIR**> [CM 43, MD, PB executa um arco à frente do corpo, virando a palma para cima] **NÃO-OLHAR**

O menino cai e o cachorro cai, não viu.

080- VEADO {cabeça se inclina para frente} **OLHAR** [do e dv: abaixo dele]

O veado fica olhando lá de cima.

081- MENINO JUNTO CACHORRO cl <**CAIR**> [CM 43, bim, mãos são giradas pelos pulsos virando as palmas de baixo para cima no lado direito do corpo] **DENTRO ÁGUA**

O menino e o cachorro caem dentro da água.

\_\_\_\_\_insat  
082- 39<<que é isso?>>/ JUNTO CACHORRO CABEÇA 40/**ouvir**/  
O cachorro está na cabeça do menino quando ele ouve alguma coisa.

<b>39.</b>	Tipo de gesto:	metafórico
	Qual mão:	AM, FI
	Configuração de Mão	cm 50
	Orientação da palma:	PT
	Local de articulação:	à altura dos ombros
	Movimento:	mãos são giradas pelos pulsos virando as palmas de trás para cima a frente do tórax
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<mas o que é isso?>>

<b>40.</b>	Tipo de gesto:	emblemático
	Qual mão:	MD
	Configuração de Mão	cm 48
	Orientação da palma:	PE
	Local de articulação:	na orelha
	Movimento:	inexistente
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<estou ouvindo>>

\_\_\_\_\_sev  
083- 2/silêncio/ {corpo direcionado à esquerda} 41/**esperar**/

- Silêncio, fique quieto.

<b>41.</b>	Tipo de gesto:	emblemático
	Qual mão:	MD
	Configuração de Mão	cm 50
	Orientação da palma:	PF
	Local de articulação:	à frente do tórax
	Movimento:	inexistente
	Ponto de Vista:	da personagem <menino>
	Glosa:	<<espere!>>

084- CACHORRO cl <**ANDAR-devagar**> [CM 49, bim, mãos à frente do tórax se deslocam alternadamente para frente, o corpo se movimenta para cima e para baixo no mesmo ritmo das mãos] 2/silêncio/

O cachorro anda devagar.

- Quietos!

\_\_\_\_\_vig  
085- 42/atenção/ 11/**olhar** [atrás de alguma coisa ]/



(O menino) olha atrás de alguma coisa.

42.	Tipo de gesto:	metafórico
	Qual mão:	MD
	Configuração de Mão	cm 14
	Orientação da palma:	PE
	Local de articulação:	à frente do tórax
	Movimento:	inexistente
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<preste atenção, escute>>

086- CACHORRO ic<**abanar**-cauda> [CM 14, MD, locado atrás do corpo à altura das nádegas, o dedo se agita de um lado e outro rapidamente] 11/**olhar** [à direita à frente]/

O cachorro olha, abanando a cauda.

087- IX <sapo> SAPO 23/<<que legal>> <sup>aleg</sup>FAMILIA MULHER 43/apontamento/ <<olhe>>

- Olha o sapo! Família, olha a mulher!

43.	Tipo de gesto:	dêítico
	Qual mão:	MD
	Configuração de Mão	cm 14
	Orientação da palma:	PB
	Local de articulação:	à frente do tórax
	Movimento:	apontamento para baixo à esquerda
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<olhe!>>

088- 43/apontamento/<<olhe>> <sup>aleg</sup>MUITOS FILHOS [quantificador] [mãos com palmas para cima, os dedos tamborilam]

- Olha!! muitos filhos!!

089- CASAL BONITO <sup>sat</sup>

- Que casal bonito!!!

090-44<<então>> **ESCOLHER**-sapinho <sup>locy</sup>**COLOCAR**<sub>locx</sub> [na mão][CM 48, MD, PC à altura do tórax]

(Ele) escolhe um (sapinho) e o coloca na mão.

44.	Tipo de gesto:	metafórico
	Qual mão:	AM, FI
	Configuração de Mão	cm 50
	Orientação da palma:	PC
	Local de articulação:	próximas à frente do tórax
	Movimento:	deslocamento lateral curto com finalização firme
	Ponto de Vista:	do narrador
	Glosa:	<<então, daí>>

091- 26/tchau 45/<sup>aleg</sup>**sair**/

-Tchau! Foi embora, feliz..

<b>45.</b>	Tipo de gesto:	pantomímico
	Movimento:	o corpo é voltado de costas para a câmera, deslocamento em passos curtos, rosto virado para câmera
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<o menino está indo embora>>

Sujeito Deonísio - coletado no dia 19 de outubro de 2006 as 15 horas  
Duração: 00:05:47

{Aceno leve de cabeça } <<pronto>>

HOMEM CAMINHAR FLORESTA <<quantificador>> ARVORE CAIR. HOMEM CAMINHAR JUNTO CACHORRO OLHAR para baixo LONGE.

092- <sup>cont</sup>  
**MENINO OLHAR** <sup>[abaixo à frente]</sup> **SENTAR** 46/<<admirado>>/

Um menino, sentado, olha admirado.

<b>46.</b>	Tipo de gesto:	Pantomímico
	Qual mão:	AM, FI
	Configuração de Mão	cm 49
	Orientação da palma:	AC
	Local de articulação:	no queixo
	Movimento:	inexistente
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<observando contemplativamente>>

093- **OLHAR** <sup>[abaixo]</sup> O QUE <int> SAPO VIDRO cl<OBJETO-CILINDRICO>[CM 56, bim, mãos à frente do tórax descrevem a forma esférica do vidro]

O que é? Um sapo num recipiente de vidro.

094- SAPO 11/**olhar** <sup>[para cima]</sup> /

O sapo olha para o menino.

095- CACHORRO 47/aproximar-se/ 11/**olhar** <sup>[abaixo]</sup> / {corpo inclinado para frente}

O cachorro aproxima-se e olha.

<b>47.</b>	Tipo de gesto:	pantomímico e icônico
	Qual mão:	AM, FI / representam as patas do cão
	Configuração de Mão	cm 49
	Orientação da palma:	PB
	Local de articulação:	à frente do tórax
	Movimento:	avança uma e outra perna para frente
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<aproxima-se>>

{Aceno de cabeça e corpo para frente} <<pode passar a página>>

96- CAMA QUARTO MENINO CASA **DORMIR**

Na cama do quarto de sua casa o menino dorme.

097- CAMA JUNTO CACHORRO [a cabeça se inclina para a esquerda] **COBRIR DORMIR** 48/<<aconchegado>> CACHORRO **DORMIR** <sup>[abraçados]</sup> {os braços se cruzam à frente do corpo que está inclinado para a esquerda}

Na cama com o cachorro, (ele) se cobre e dorme confortavelmente, abraçado ao animal.

<b>48.</b>	Tipo de gesto:	pantomímico
	Qual mão:	AM, FI
	Configuração de Mão	cm 03
	Orientação da palma:	PT
	Local de articulação:	juntas no lado esquerdo da cabeça inclinada
	Movimento:	inexistente
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<aconchegado à sua cama>>

098- SAPO VIDRO cl<ABERTURA-CILINDRICA>[CM 46, bim, mãos à frente do tórax horizontalmente

<sup>cont</sup> 49/**tirar-cabeça-para-fora/** 11/**olhar** <sup>[para os lados]</sup>/

O sapo tira a cabeça fora do vidro.

<b>49.</b>	Tipo de gesto:	pantomímico e icônico
	Qual mão:	AM, FI
	Configuração de Mão	cm 46
	Orientação da palma:	AC
	Local de articulação:	espaço neutro à altura do abdômen
	Movimento:	o corpo é flexionado para baixo, a cabeça passa entre as mãos que representam a abertura do vidro
	Ponto de Vista:	do narrador e do personagem <sapo>
	Glosa:	<<está saindo do vidro>>

099- 50./**sair-do-vidro/** SAPO cl<**SALTAR**> >[CM 48, bim, PB, mãos são alternadas em movimentos para frente e à esquerda] **IR-EMBORA**

O sapo sai do vidro e, saltando, vai embora dali.

<b>50.</b>	Tipo de gesto:	pantomímico
	Movimento:	perna direita se levanta, a mão a segue, depois levanta a outra perna
	Ponto de Vista:	do personagem <sapo>
	Glosa:	<<está saindo do vidro>>

{Aceno leve de cabeça} <<pode passar para a próxima cena>>

100- MENINO **ACORDAR** <sup>[bocejando]</sup> {cabeça se inclina para trás, uma mão paralisa na

execução do verbo e a outra bate na boca entreaberta} <sup>sat</sup> **DESCOBRIR-SE** //corpo dá um

impulso para frente// (intensificador) 11/**olhar** <sup>[para frente e abaixo]</sup> / SAPO ONDE <sup>sur</sup> **IR-EMBORA SUMIR ONDE**

O menino acorda, bocejando. Descobre-se e vê que o sapo foi embora:  
- Sumiu, onde está?!!

101- CACHORRO 4/cadê? / 11/<sup>esp</sup>**olhar** [ao redor] / {os braços estão na execução do gesto e os olhos e cabeça são direcionados ao chão e movem-se ao redor}

O cachorro também está espantado e procura ao redor.

{o corpo se endireita, os braços continuam na mesma posição} <<aguardando a próxima cena>>

102- MENINO **PROCURAR** [+dur] 11/**olhar** [dirigido para o chão, a cabeça se move em todos os lados] SAPO ONDE <int>

O menino procura. Onde está o sapo?

103- SAPATO^BOTA cl<**PEGAR**> [CM 02, bim, palmas AC à altura da cintura] cl<**VIRAR**> [CM 02, bim, AC, movimento dos braços em arco do ponto neutro até o alto da cabeça] {cabeça é virada para cima} 11/**olhar** [dentro] / 51/**chacoalhar**/

Pega uma bota, vira-a tentando ver o que há dentro e a chacoalha.

51.	Tipo de gesto:	pantomímico
	Qual mão:	AM, FI
	Configuração de Mão	cm 02
	Orientação da palma:	PD
	Local de articulação:	acima da cabeça e depois no lado esquerdo do corpo
	Movimento:	agitando os braços para frente e para trás rapidamente
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<chacoalha a bota>>

104- CACHORRO **PROCURAR** [+dur] cl<**COLOCAR-a-cabeça-no-vidro**> [CM 46, bim, AC, à frente do rosto, as mãos são levadas até a lateral da cabeça] {o corpo se inclina para frente e depois é soerguido} cl<**COLOCAR-objeto-esférico-na-cabeça**> [CM 46, bim, AC, à frente do rosto, as mãos são levadas até a lateral da cabeça] {os braços são deslocados para cima, descrevendo o vidro}

O cachorro está procurando e coloca a cabeça no vidro, ficando preso.

105- MENINO cl<**CAMINHAR**> [CM 43, MD, PB executa deslocamento à direita com movimentos curtos para cima e para baixo] JANELA

O menino caminha até a janela.

106- **OLHAR** [abaixo e ao redor] {o corpo se inclina para frente} <sup>intr</sup> RUA **OLHAR** [+dur]

Olha para a rua e observa atentamente.

107- CACHORRO cl<**CAMINHAR**> [CM 44, MD, PB executa deslocamento à direita com movimentos curtos para cima e para baixo] 28/ic<objeto-esférico-na-cabeça> {o corpo sofre uma pequena inclinação para

baixo e vai esticando, a janela é representada pelos braços em posição de apoio} 11/**olhar** <sup>[para</sup>  
baixo da janela] /

O cachorro caminha com o vidro na cabeça, olhando da janela.

108- CACHORRO JANELA {a janela é representada pelo braço esquerdo em posição de apoio, enquanto o outro braço representa o sinal} cl<**CAIR**> [CM 43, PB o pulso é girado, a palma que estava para baixo é virada para cima enquanto faz-se um movimento em arco a frente do corpo, na altura da cintura o movimento da mão é parado firmemente] //o corpo se movimenta para frente acompanhando a execução do movimento da mão// (intensificador)

O cachorro ainda com o vidro na cabeça cai da janela.

109- **EXPLODIR**-o-vidro MENINO 52/<sup>\_\_\_\_\_esp</sup><<abismado>>

O vidro explode e o menino fica estupefato.

52.	Tipo de gesto:	metafórico
	Qual mão:	AM, FI
	Configuração de Mão	cm 51
	Orientação da palma:	PT
	Local de articulação:	nas laterais do rosto
	Movimento:	o corpo é inclinado para frente
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<abismado>>

110- MENINO 53/**descer**/ JANELA [a janela é representada pelo braço de esquerdo em posição de apoio, enquanto o outro braço representa o sinal] cl<**PULAR**>[CM 43, MD, PT, executa um arco à frente, girando o pulso quando a palma se volta para cima]

Ele desce pulando a janela.

53.	Tipo de gesto:	pantomímico e icônico
	Qual mão:	MD
	Configuração de Mão	cm 43
	Orientação da palma:	PT
	Local de articulação:	à frente do tórax
	Movimento:	a mão executa um movimento quase reto de descida, enquanto a perna direita é levantada
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<desce da janela>>

111-cl<<sup>\_\_\_\_\_con</sup>**PEGAR**-cachorro-no-colo> [CM 56, bim, PF, espaço neutro, as mãos se fecham, os braços formam um arco descrevendo a ação de segurar o cão no colo] cl<**ACARICIAR**-o-cachorro>[CM 50, MD, PB, no espaço em que o cachorro está sendo representado, movimento perpendicular dos dedos para cima e para baixo] CALMA [palma da mão voltada para o espaço em que se encontra o cão]

Pega o cachorro no colo e, contrariado, acaricia-o, pedindo-lhe calma.

{o corpo se inclina levemente, leve aceno de cabeça, a mão direita se move em arco num movimento giratório de pulso em que a palma se volta de baixo para cima consecutivamente/ o corpo se move acompanhando o movimento da mão } <<então>>

112- MENINO **PROCURAR** [+dur] ÁRVORE +++ <<floresta>>

O menino procura na floresta.

113- **PROCURAR** SAPO ONDE <int>

(Ele) procura. Onde estaria o sapo?

114- CACHORRO cl<**CAMINHAR**>[CM 44, MD, PB executa deslocamento para frente com movimentos curtos para cima e para baixo e de um lado para outro] 30/**farejar**/ IX <nariz> 11/**olhar**<sup>[para cima]</sup>/ [o verbo caminhar

continua fixo na mão direita] <sup>intr</sup>UMA ABELHA {o corpo é soerguido} cl<**OBJETO-ESFERICO**> [CM 56, bim, locadas no alto elas descrevem o objeto de forma esférica à direita]

O cachorro caminha farejando uma colméia de abelhas.

115- MENINO 9/**chamar**/ SAPO 9/**chamar**/ +++

O menino chama o sapo desesperadamente.

116- MENINO **PROCURAR** //corpo levemente inclinado para baixo, direção do olhar para

baixo, o corpo se endireita e se volta para trás e à direita// (intensificador) <sup>sat</sup>**ACHAR** SAPO IX<toca> TERRA cl<**MONTE-PEQUENO**>[CM 48, MD descreve um pequeno arco no espaço à direita de seu corpo] cl<**CAVIDADE**>>[CM 46, ME à direita do corpo; CM 48, MD descreve uma abertura no monte de terra] 11/**olhar**<sup>[dentro]</sup>/ 10/**espia**r / [os olhos se aproximam da configuração que representa a toca] 54/**tocar-com-o-dedo**/ SUSTO //corpo salta para trás// (intensificador)

O menino procura:

- Eu acho que está naquele montinho de terra.

Espia num buraco, coloca o dedo e toma um susto.

54.	Tipo de gesto:	pantomímico
	Qual mão:	MD
	Configuração de Mão	cm 14
	Orientação da palma:	PE
	Local de articulação:	à frente do tórax
	Movimento:	a mão é deslocada à frente e abaixo
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<toca com o dedo na monte de terra>>

117- CACHORRO cl<**CAMINHAR**>[CM 44, MD, PB executa deslocamento para frente com movimentos curtos para cima e para baixo e de um lado para outro] 11/**olhar**<sup>[para cima]</sup>/ [as mãos se agitam acima de sua cabeça] ABELHA ++ //descreve movimentos espirais no ar// (intensificador)

O cachorro fica olhando para o enxame de abelhas

118- CACHORRO ARVORE TRONCO cl<**APOIAR-SE**>[CM 51, bim, PF, as mãos locadas à frente do tórax representam a ação de apoiar-se] cl<**BALANÇAR-árvore**>[CM 55, MD, PE, o braço executa movimento da árvore balançando]

O cachorro, apoiado a uma árvore, balança-a.

119- MENINO SUSTO [olhar para baixo à sua frente] <sup>esp</sup>RATO GRANDE SUSTO //corpo salta para trás// (intensificador)

O menino leva um susto de um rato grande.

- Que susto!!

120- MENINO cl<**CAMINHAR**> [CM 43, MD, PB executa deslocamento à direita com movimentos curtos para cima e para baixo] cl<**SUBIR-tronco-de-árvore**> [CM 44, MD, braço esquerdo representa a posição vertical de um tronco, os dedos da mão direita executa movimento de subida no braço esquerdo] cl<**ORIFÍCIO CIRCULAR**> [CM 46, ME, PD à frente do rosto] 55/olhar<sup>[dentro]</sup>/

O menino caminha e sobe numa árvore, olhando um buraco.

55.	Tipo de gesto:	pantomímico e icônico
	Qual mão:	ME
	Configuração de Mão	CM 46
	Orientação da palma:	AC
	Local de articulação:	à frente do rosto
	Movimento:	inexistente
	Ponto de Vista:	do narrador e do personagem <menino>
	Glosa:	<<o menino olha o buraco na terra>>

121- CACHORRO 56/ic<**balançar-árvore**>> ABELHA cl<**OBJETO ESFERICO**> [CM 56, bim, locadas no alto elas descrevem o objeto de forma esférica à direita] cl<**CAIR**> [CM 56, bim, as mãos representam a colméia acima de sua cabeça descrevendo a queda do objeto]

O cachorro balança a árvore e a colméia das abelhas cai.

56.	Tipo de gesto:	icônico
	Qual mão:	MD
	Configuração de Mão	cm 56, executando o sinal ARVORE
	Orientação da palma:	PE
	Local de articulação:	à lateral direita do corpo
	Movimento:	o braço se agita para frente e para trás
	Ponto de Vista:	do narrador
	Glosa:	<<a árvore balança>>

122- ABELHA 57/ic<**alçar vôo**>ABELHA<sup>[atrás]</sup> {o corpo se vira para o local onde o sinal de abelha foi realizado}<sup>med</sup> CACHORRO cl<**CORRER**> [+cont] [CM 48, bim, PB, deslocamento à esquerda com movimentos firmes e rápidos para cima e para baixo]

As abelha se levantam, elas estão atrás do cachorro que corre apavorado.

57.	Tipo de gesto:	icônico
	Qual mão:	MD
	Configuração de Mão	cm 39
	Orientação da palma:	PE
	Local de articulação:	à frente do tórax
	Movimento:	Uni-1, a mão executa movimento espiral para cima
	Ponto de Vista:	do narrador
	Glosa:	<<as abelhas alçam vôo>>

123- MENINO SUSTO CORUJA 17/<<susto>> {o corpo se inclina firmemente para trás, olhos se abrem exageradamente} cl<**CAIR-da-árvore**> [CM 43, MD, PB executa um arco à frente do corpo, virando a palma para cima, MD, CM 55 locada acima do ombro representa a árvore] 58/cair-de-costas/

O menino leva um susto de uma coruja. Com o susto (ele) cai da árvore.

<b>58.</b>	Tipo de gesto:	pantomímico
	Movimento:	Os braços se levantam, o corpo se inclina exageradamente para trás
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<cai de costas>>

\_\_\_\_\_des  
124- MENINO {mão direita na cabeça e esquerda na cintura} PEDRA **APROVEITAR**  
O menino está desanimado, aproveita uma pedra.

125- CACHORRO **IR EMBORA** [rapidamente] //movimento rápido e longo// (intensificador)  
O cachorro vai embora rapidamente.

126- cl <**SUBIR**> [CM 44, MD, deslocamento para cima com movimentos curtos de um lado para outro] //o corpo se eleva na execução do sinal// PEDRA

(Ele) sobe na pedra.

127- cl<**SEGURAR**> [CM 03, bim na vertical, mãos à altura dos ombros] **59/olhar** [à distância] / [simultâneo] [a mão esquerda fixa na execução do sinal enquanto a mão direita a altura das sobrancelhas, cabeça gira de um lado e outro] CACHORRO **11/olhar** [para cima] / [simultâneo] [a mão esquerda continua fixa no sinal 'segurar' enquanto a outra representa o cão e a face executa o gesto] **30/farejando/**

(Ele) se agarra em algo e olha ao longe no mesmo momento em que o cachorro vasculha, farejando as coisas.

<b>59.</b>	Tipo de gesto:	emblemático
	Qual mão:	MD
	Configuração de Mão	cm 51
	Orientação da palma:	PB
	Local de articulação:	acima da sobrancelha
	Movimento:	inexistente
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<olha à distância>>

128- SUSTO //está-sendo-levantado// {o corpo se eleva para cima} [a mão voltou a configuração do sinal 'segurar'] A-L-C-E cl<**MONTAR-no-pescoço**> [CM 43, MD, PF; CM 14, MD, PB à altura do ombro, movimento da mão direita em arco até encaixar no dedo indicador da mão esquerda] CACHORRO **30/farejar/** [simultâneo] [a mão esquerda fixa o sinal que representa o pescoço do alce enquanto a outra executa as ações do cachorro]  
Que susto! (Ele) está montado no pescoço (do alce) enquanto isso o cachorro continua a farejar.

\_\_\_\_\_irr  
129- ALCE cl<**GALOPAR-com-o-menino-no-pescoço**> [CM 43, MD, PF; CM 16, ME, PB, está encaixada no dedo indicador da mão esquerda, deslocamento para frente com movimentos médios e rápidos] //o corpo executa o movimento do galope juntamente// (intensificador)

O alce, irritado, corre com o menino no pescoço.

130- 60/arremessar-o-menino/ cl<**CAIR**> [CM43, MD, PT, deslocamento à frente em arco até paralisar à frente do tórax] CACHORRO cl<**CORRER**> [CM 44, PB, deslocamento para frente com movimentos firmes e rápidos para cima e



para baixo] [simultâneo] [a mão direita está paralisada no sinal ‘cair’ enquanto a outra mão executa a ação do cachorro]

(ele) arremessa o menino e o menino cai enquanto o cachorro corre.

<b>60.</b>	Tipo de gesto:	pantomímico
	Qual mão:	AM, FI
	Configuração de Mão	cm 48
	Orientação da palma:	PT
	Local de articulação:	à frente do tórax
	Movimento:	O corpo se inclina bruscamente para frente e a cabeça executa um arco à frente até o corpo se endireitar
	Ponto de Vista:	do personagem <alce>
	Glosa:	<<o alce arremessa o menino>>

131- [a mão direita retoma o sinal ‘cair’ que estava paralisado] MENINO cl<**CAIR**>[CM 43, PC, deslocamento para baixo] AGUA CACHORRO [simultâneo] [a mão esquerda retoma o sinal ‘correr’ que ficou paralisado] cl<**CAIR**>[CM 48, ME, PC, deslocamento para baixo]  
O menino e cachorro caem na água.

132- AGUA 61/ic<agitar-se>

As águas se agitam.

<b>61.</b>	Tipo de gesto:	icônico
	Qual mão:	AM, FI
	Configuração de Mão	cm 55
	Orientação da palma:	PB
	Local de articulação:	à frente do tórax
	Movimento:	FC, 2TD, as mãos se distanciam para as laterais em movimentos ondulatórios
	Ponto de Vista:	do narrador
	Glosa:	<<as águas se agitam>>

133- MENINO 62/cair-de-costas/ CACHORRO cl<**CAIR**>[CM 48, MD, PC, deslocamento para baixo]

O menino e o cachorro caem de costas.

<b>62.</b>	Tipo de gesto:	pantomímico
	Movimento:	o corpo se inclina para trás
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<o menino cai de costas>>

134- {palmas das mãos tocam o peito} <sup>des</sup> MOLHADO

(Ele) está todo molhado e chateado.

135- CACHORRO 63/ na cabeça do menino/

O cachorro está na cabeça do menino.

<b>63.</b>	Tipo de gesto:	pantomímico e icônico
	Qual mão:	MD
	Configuração de Mão	cm 55
	Orientação da palma:	PB
	Local de articulação:	no alto da cabeça
	Movimento:	inexistente
	Ponto de Vista:	do narrador e do personagem <menino>
	Glosa:	<<o cachorro está na cabeça do menino>>

\_\_\_\_\_cont

136- MENINO 64<<cansado>>

O menino suspira insatisfeito.

<b>64.</b>	Tipo de gesto:	pantomímico
	Descrição :	suspiro profundo, mãos na cintura, ofegando
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<cansado>>

137- [de repente] {corpo se flexiona leve e firmemente} 2/silêncio/ 65/<<quieto>> CACHORRO 2/silêncio/ {dirigido à esquerda}

O menino pede silêncio para o cachorro.

- Espere, fique quieto!

<b>65.</b>	Tipo de gesto:	metafórico
	Qual mão:	ME
	Configuração de Mão	cm 50
	Orientação da palma:	PB
	Local de articulação:	à frente do tórax
	Movimento:	a mão é agitada duas vezes no ar
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<espere, fique quieto>>

138- ARVORE 66/ic<tronco caído> MENINO {corpo se volta à direita} 2/silêncio/ cl<CAMINHAR> [CM 44, PB, deslocamento para frente com movimentos alternados dos dedos] 2/silêncio/

(Ele) avança perto de um tronco de árvore caído.

- Psiu.

- Quietos!!

<b>66.</b>	Tipo de gesto:	icônico
	Qual mão:	AM, FI
	Configuração de Mão	cm 48 na mão direita
	Orientação da palma:	PB
	Local de articulação:	à frente do tórax
	Movimento:	O braço esquerdo em posição de apoio na horizontal, mão direita descreve um objeto de grande proporção sob o braço esquerdo
	Ponto de Vista:	do narrador
	Glosa:	<<um tronco de árvore caído>>

139- [o braço esquerdo continua descrevendo o tronco] cl<**SUBIR**-tronco [CM 44, PB,

deslocamento para frente com movimentos alternados dos dedos executados no braço esquerdo] 11/**olhar**<sup>cur</sup><sub>[atrás]</sub> / {o corpo se inclina para frente}

(Ele) sobe no tronco e olha atrás dele.

140- DOIS SAPOS. CACHORRO 30/**farejar**/

São dois sapos! O cachorro fareja.

141- SAPO UM 11/**olhar**<sup>[para cima]</sup> / {corpo se desloca da esquerda para a direita} SAPO DOIS. 67/**olhar**<sup>[para cima]</sup> /

Ambos os sapos olham para cima.

<b>67.</b>	Tipo de gesto:	icônico e pantomímico
	Qual mão:	AM, FI
	Configuração de Mão	cm 38
	Orientação da palma:	PF
	Local de articulação:	nos olhos
	Movimento:	os dedos são virados para cima, a cabeça se volta para cima
	Ponto de Vista:	dos personagem <sapos>
	Glosa:	<<olhando para o menino>>

142- SAPO DOIS JUNTOS HOMEM MULHER NAMORAR<sup>sur</sup>

Dois sapos juntos! O homem e a mulher. São namorados.

143- {corpo se inclina para frente} MENINO 68/**descer**- do-tronco/ 11/**olhar**<sup>[abaixo e à frente]</sup>/

69<<então era isso>><sup>intr</sup>

O menino desce do tronco e olha boquiaberto:

- Então era isso!!!

<b>68.</b>	Tipo de gesto:	pantomímico
	Movimento:	mãos na cintura, movimento de elevação da perna direita
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<descendo do tronco>>

<b>69.</b>	Tipo de gesto:	metafórico
	Qual mão:	MD
	Configuração de Mão	cm 15
	Orientação da palma:	PE
	Local de articulação:	no queixo
	Movimento:	somente do corpo e cabeça, levemente para frente e para trás
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<então era isso!!>>

144- CACHORRO 70/**abanando**-cauda/ (língua balançando)<sup>sat</sup>

O cachorro satisfeito abana a cauda.

<b>70.</b>	Tipo de gesto:	pantomímico
	Qual mão:	mão direita
	Movimento:	o corpo movimenta-se para baixo e para cima rapidamente, enquanto a língua executa movimento rápido de entra-e-sai
	Ponto de Vista:	do personagem <cachorro>
	Glosa:	<<abanando a cauda!!>>

145- DOIS SAPOS FILHOS <<muitos>> [quantificador] [MD, CM 57, PB, deslocamento da esquerda para direita, vira a palma para cima e se desloca para a esquerda tamborilando os dedos] SAPO [espalhados] [MD, CM 48, PB, deslocamento à frente; ME, CM 48 se encontra com a outra mão e deslocam-se oposta e lateralmente]

Dois sapos com muitos filhos, o chão repleto deles.

\_\_\_\_adm  
146- DOIS

- Dois, puxa vida!

147- MENINO cl<**CAMINHAR**> [cm 44, PB, deslocamento para frente e à direita com movimentos alternados dos dedos] cl<**PEGAR-SAPO**> [cm 48, PB, deslocamento para frente e à direita] locx **COLOCAR** locy [na palma da outra mão]

O menino caminha em direção a eles e pega o sapo colocando-o na mão.

148- [mão direita palma voltada para o espaço e altura em que a outra mão representa a mão que segura o sapinho] 71/<<espere>> {corpo se volta a esquerda e gira pela cintura} 26/tchau/ 72/positivo/ **IR-EMBORA**/ IX<sapinho> /apontamento [+apical, + longe + esquerda] <<lá em casa>> 71/ positivo/<int>

- Tchau, peguei um sapinho, vou cuidar lá em casa, certo?

<b>71.</b>	Tipo de gesto:	emblemático
	Qual mão:	MD
	Configuração de Mão	cm 50
	Orientação da palma:	PF
	Local de articulação:	espaço neutro, em direção a mão esquerda que representa que o sapo está na mão do menino
	Movimento:	curtos para frente e para trás
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<espere>>

<b>72.</b>	Tipo de gesto:	emblemático
	Qual mão:	MD
	Configuração de Mão	cm 01
	Orientação da palma:	PE
	Local de articulação:	espaço neutro
	Movimento:	inexistente
	Ponto de Vista:	do personagem <menino>
	Glosa:	<<certo>>

149- SAPO {corpo se inclina para trás e depois para a direita} 23/<<que legal>> 26/tchau/

O sapo com ar de aprovação:

- Claro, que legal.

150- cl<**CAMINHAR**> [cm 44, PB, deslocamento para frente e à direita com movimentos para cima e para baixo] {corpo se vira para a esquerda} CASA 26/tchau/

( O menino) caminha para casa, abanando novamente para o sapo.

## Anexo 2 - Interpretação da estória pictórica de Mercer Maier (1969)

### FROG (SAPO), ONDE ESTÁ VOCÊ?



Numa bela noite, no seu quarto, um menino admira um sapo que colocara num recipiente de vidro. Seu cão também olha o pequeno animal.

Ao dormir em sua confortável cama, juntamente com seu cachorro, o sapo aproveita que o vidro está aberto e foge.

Pela manhã, no momento em que acorda, o menino percebe que o sapo não está mais ali. Procura em vários lugares, inclusive dentro de sua bota, sem nada encontrar. O cão, no intuito de encontrar o bichinho, coloca a cabeça na abertura do vidro ficando preso.

O menino abre a janela, chamando o sapo, enquanto isso, o cachorro sobe na janela ainda com o vidro na cabeça, no que se desequilibra e despenca lá de cima.

Inconformado com o descuido do cãozinho, o menino o pega no colo com uma expressão de desaprovação. O cão então lhe lambe a face como que pedindo desculpas.

Os dois saem dali em direção à floresta. O menino chama o sapo, enquanto o cachorro eleva seu focinho farejando algo no ar. Intrigado com um enxame de abelhas, o cão tenta alcançar a colméia que se encontra pendurada a uma árvore.

O menino continua sua procura. Ele encontra uma toca na terra e, para sua surpresa, uma toupeira sai dali irritada, avançando em seu nariz.

O cão, apoiado à árvore em que se encontra a colméia, balança-a até que a colméia cai ao chão.

O menino continua a procurar insistentemente o seu sapo, encontra um buraco numa árvore e sobe ali para ver o que há em seu interior. Ao fazê-lo, sai dali uma coruja muito irritada e o derruba da árvore. Neste mesmo instante, o cão corre das abelhas que, irritadas, o perseguem.

O menino foge da coruja, balançando os braços para que não se aproxime. Então encontra uma grande pedra e sobe nela. Apoiado em dois galhos, continua a chamar seu sapo. Nesse ínterim, o cão retorna, acabrunhado, para perto de seu dono. Recuperado, ele vasculha atrás de algumas pedras menores algum sinal do sapo.

Para surpresa do menino, algo o eleva para cima. Ele fica suspenso e o que parecia serem galhos são na verdade os chifres de um alce. Ao se apoiar neles, o animal eleva a cabeça, suspendendo-o. O alce corre com o menino na cabeça enquanto o cão, valentemente late e acompanha o trote do animal. Apavorado, o menino vê se aproximar um grande barranco em direção do qual o alce o lança lá de cima. Ambos, o menino e o cão caem num lago. Já refeitos, o cão está em cima da cabeça do menino que, esperançoso, ouve um barulho. Ao perceber que ali há um tronco de árvore, dirige-se para perto, pedindo silêncio para o cachorro. Ele olha atrás do tronco e, surpreso, encontra seu sapo juntamente com sua namorada, a sapa. Mais surpreendente ainda foi verificar que eles não estavam sós. De uma pequena moita verde sai uma porção de sapinhos. O menino se alegra, pois com a aprovação da família sapo, consegue levar um sapinho para casa. O cão se alegra por ver seu dono feliz e todos vão contentes para casa.